

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Francisca Peixoto Quintais Ferreira Correia

Parafernália: um estudo etnográfico num bairro de habitação social

Parafernália: um estudo etnográfico num bairro de habitação social

Francisca Correia

UMinho|2024

julho de 2024



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Francisca Peixoto Quintais Ferreira Correia

Parafernália: um estudo etnográfico num bairro de habitação social

Dissertação de Mestrado em Crime, diferença
e desigualdade

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Fernando Bessa Ribeiro

Julho de 2024

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositiUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-Não Comercial-

Sem Derivações CC BY-

NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Fernando Bessa, a todas as colegas de orientação, ao Centro Comunitário de Parafernália, à CMVissaium, à Habisolvis, aos amigos e à família. Mas, acima de tudo, à comunidade de Parafernália que tão bem me acolheu e ajudou. Obrigada pela partilha e por fazerem do vosso espaço, meu também. Entendo que na vossa posição nem sempre é fácil confiar em quem é de fora, e por isso é que estou tão grata pelo voto de confiança que me foi concedido. Obrigada!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta e Ética da Universidade do Minho.

Parafernália: um estudo etnográfico num bairro de habitação social

RESUMO

Este estudo investiga os desafios enfrentados por quem reside num bairro social, tendo como “centro” etnográfico o bairro de Parafernália. A pesquisa foi motivada pela necessidade de compreender as dificuldades e carências do quotidiano dos parafernaisenses, procurando conhecer para contribuir para o combate à estigmatização de territórios periféricos.

O objetivo principal foi compreender de que forma é que as representações sociais associadas a Parafernália influenciam o quotidiano dos seus habitantes. A metodologia adotada é uma mistura dos dois ramos de abordagem, quantitativa e qualitativa. Para o uso da abordagem quantitativa aplicaram-se questionários e para o uso da qualitativa aplicaram-se entrevistas semiestruturadas a habitantes. Para além disto, realizou-se uma etnografia e análise documental relativa à história de Parafernália.

Os resultados revelaram que os principais desafios enfrentados pelos residentes incluem a falta de infraestruturas adequadas, precariedade no acesso aos serviços em geral devido à escassez de horários dos transportes públicos, assim como limitadas oportunidades de emprego. Os moradores também relataram sentir-se estigmatizados devido ao preconceito associado ao bairro social e à etnia predominante, o que impacta negativamente a sua autoestima.

Conclui-se que é essencial ajustar as políticas de inclusão e a existência de programas de desenvolvimento comunitário para mitigar estes desafios. Recomenda-se a implementação de iniciativas que promovam a inclusão social, a melhoria da infraestrutura e o fortalecimento das redes de apoio comunitário, bem como um maior investimento em educação e capacitação profissional.

Palavras-chave: Bairro social, pobreza, estigma, crime, qualidade de vida.

Parafernália: an ethnographic study in a social housing neighborhood

ABSTRACT

This study investigates the challenges faced by those living in a social housing neighborhood, with the Parafernália neighborhood as its ethnographic “center”. The research was motivated by the need to understand the difficulties and needs of the daily lives of Parafernálenses, seeking to learn more to contribute to combating the stigmatization of peripheral territories.

The main objective was to understand how the social representations associated with Parafernália influence the daily lives of its inhabitants. The methodology adopted is a mixture of two approaches, quantitative and qualitative. To use the quantitative approach, questionnaires were applied and to use the qualitative approach, semi-structured interviews were applied to inhabitants. In addition, an ethnography and documentary analysis of the history of Parafernália were carried out.

The results revealed that the main challenges faced by residents include the lack of adequate infrastructure, poor access to services in general due to limited public transport schedules, and limited employment opportunities. Residents also reported feeling stigmatized due to the prejudice associated with the social housing neighborhood and the predominant ethnicity, which negatively impacts their self-esteem.

It is concluded that it is essential to adjust inclusion policies and the existence of community development programs to mitigate these challenges. It is recommended that initiatives be implemented that promote social inclusion, improve infrastructure and strengthen community support networks, as well as greater investment in education and professional training.

Keywords: social housing neighborhood, poverty, stigma, crime, quality of life.

Não deplorar, não rir, não detestar mas compreender.

Pierre Bourdieu

NOTA PRÉVIA

Estou prestes a dar início à apresentação desta aventura! Chamo-lhe aventura porque foi um percurso de descobertas, desafios e emoções em que, durante cerca de nove meses, conheci – de maneira intensa e genuína – uma nova realidade, guarnecida por pessoas e aquilo que as rodeava. Soube das suas histórias de vida, convivi com as características dos seus quotidianos e tornei-me parte daquela grande casa, que é o bairro. Atrevo-me a dizer que a experiência funcionou como um apelo à minha humanidade, tornei-me mais consciente das dificuldades e vulnerabilidades do ser humano, em especial, daqueles que habitam em bairro sociais.

O intuito da história que se conta é expor uma realidade, tal como ela é: nua e crua, livre de medos e preconceitos.

Para salvaguardar as identidades dos atores sociais, alterar-se-ão os nomes das pessoas e dos locais. O bairro ou palco social onde ocorreu a investigação será tratado por Parafernália ou bairro de Parafernália, e a cidade à qual o bairro pertence, será tratada por Vissaium.

Parafernália, é o nome fictício que identificará o bairro durante o narrar da aventura. Foi selecionado por intermédio de uma analogia, com o propósito de associar este bairro a um conjunto de objetos com pouco valor, a tralha.

Parafernália é o nome de um pequeno bairro situado no centro de Portugal (algures entre o final do norte e o início do centro) onde acontecem fenómenos paranormais. Os parafernaisenses — aos olhos dos vissaiunenses que nunca visitaram Parafernália — têm fama de ser paranoicos acrescentando a loucura e a maluquice, a ladroagem, a agressividade, a má educação e a javardice. Não são dignos de frequentar os mesmos espaços públicos que os restantes habitantes do país e muito menos de participar de forma ativa na vida social. Ser de Parafernália é ser renegado pelos colegas de escola (se esta for em Vissaium), enxovalhado na rua ou olhado a medo e não ter emprego. Os parafernaisenses são os pechisbeques da cidade! Não têm grande valor, e portanto, não são merecedores de boas condições de vida, como se de filhos bastardos se tratasse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A INVESTIGAÇÃO	17
1.1 Enquadramento teórico	17
1.1.1 <i>Welfare State</i>	17
1.1.2 <i>Direito à habitação</i>	29
1.2 Metodologia de investigação	32
2 A HABITAÇÃO	43
2.1 As políticas de habitação social em Portugal: o trajeto histórico	43
2.2 Caracterização das habitações sociais do bairro	48
3 O BAIRRO	73
3.1 O território	73
3.2 A história do bairro	79
3.3 Os habitantes: caracterização socioeconómica	80
4 ESTIGMA	99
4.1 Estigma e representações sociais	99
4.2 Estigma e território	103
4.3 Estigma e crime	112
5 POBREZA E CRIME	119
5.1 Cultura da pobreza	119
6 RACISMO	121
6.1 Tipos de racismo	123
6.2 Racismo contra ciganos	123
6.2.1 <i>Origem do povo cigano e consequente chegada a Portugal</i>	123
6.2.2 <i>Relação entre a comunidade cigana e o racismo</i>	124
CONCLUSÃO	127
REFERÊNCIAS	131
ANEXOS	136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Contabilização do nº de habitações	40
---	----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Entrada do parque infantil	49
Fotografia 2 - Porta de entrada do parque infantil	50
Fotografia 3 - Chão do parque infantil	51
Fotografia 4 - colunas de madeira do parque infantil.....	52
Fotografia 5 - Grade do parque infantil	53
Fotografia 6 - Baloço do parque infantil.....	54
Fotografia 7 - Escorrega do parque infantil	55
Fotografia 8 - Paredes do campo	57
Fotografia 9 -Baliza do campo de futebol.....	58
Fotografia 10 - Gradeamento do campo de futebol	59
Fotografia 11 - Zonas da parede do campo de futebol	60
Fotografia 12 - Parede degradada	61
Fotografia 13 - Piso degradado	62
Fotografia 14 - Condições das partes comuns.....	64
Fotografia 15 - Estrutura degradada	65
Fotografia 16 - Pintura do corrimão gasta.....	66
Fotografia 17 - Parede com manchas de humidade	67
Fotografia 18 - Teto com humidade sem lâmpada	69
Fotografia 19 - Teto da cozinha.....	71
Fotografia 20 - linha 13 e 19	72

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Distância de Parafernália até ao hospital	73
Imagem 2 - Distância de Parafernália até um supermercado central	74
Imagem 3 - Distância de Parafernáli até à CMVissaium	75
Imagem 4 - Distância até uma escola secundária central	76
Imagem 5 - Distância de Parafernália até à loja do cidadão	77
Imagem 6 - Distância de Parafernália até às finanças	77
Imagem 7 - Distância de Parafernália até ao teatro	78
Imagem 8 - Distância de Parafernália até à central de camionagem.....	78

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Género	81
Figura 2 - Idade de cada inquirido por intervalo	82
Figura 3 - Nacionalidade	83
Figura 4 - As etnias dos inquiridos (segundo o inquirido, autoidentidade).....	84
Figura 5 - Habilitações académicas	85
Figura 6 - As profissões dos inquiridos	86
Figura 7 - Estado civil dos inquiridos	87
Figura 8 - Composição do agregado familiar	88
Figura 9 - Descrição do agregado familiar segundo o nome e qualidade dos elementos familiares.....	89
Figura 10 - Cruzamento de dados entre o total de famílias nucleares e numerosas e etnias	90
Figura 11 - Idade dos pais ao nascimento do primeiro filho.....	91
Figura 12 - Valor do rendimento total mensal da famílias per capita	92
Figura 13 - Valor total das despesas mensais familiares per capita	93
Figura 14 - Bens materiais das famílias.....	94
Figura 15 - Valor total dos bens familiares	95
Figura 16 - Rendimento social de inserção.....	96
Figura 17 - Apoios, subsídios e abonos	97
Figura 18 - Descrição dos apoios, subsídios e abonos recebidos pelos inquiridos	98
Figura 19 - Ciclo vicioso dos bairros degradados	111

INTRODUÇÃO

O tema de que trata este trabalho não foi a minha primeira escolha, mas foi-se revelando cada vez mais apaixonante, ao ponto de o preferir em relação ao “primeiro amor”! A minha ideia era muito geral, a única coisa que sabia era que queria fazer algo que me permitisse ajudar pessoas que vivem em bairros sociais. Uma missão antiga que pensava já ter cumprido...até que reuni com o orientador e definimos uma nova forma de o fazer! Ao imaginar um *brainstorming* de bairros sociais aparecem-me palavras como pobreza, discriminação, exclusão e marginalização.

E foi por aqui que comecei a ir, pesquisei sobre pobreza e cheguei à conclusão de que é um conceito amplo e com variadíssimas formas (cf. Bourdieu *in* A miséria do mundo) e fruto do modo como funciona e se organiza a sociedade (Ribeiro, 2022, p. 43). A definição das Nações Unidas defende que a pobreza se manifesta “através da fome, da malnutrição, do acesso limitado à educação [...]” da “discriminação”, da “[...] exclusão social” e da “falta de participação na tomada de decisões”¹, e que é uma “condição humana caracterizada por privação sustentada ou crónica de recursos, capacidades, escolhas, segurança e poder necessários para o gozo de um adequado padrão de vida e outros direitos civis, culturais, económicos, políticos e sociais”². E por isso pressupõe-se que é a privação de condições necessárias ao acesso a uma vida condigna.

Entretanto pesquisei sobre discriminação e exclusão social e percebi que são fenómenos que se articulam com o fenómeno da pobreza. A discriminação exprime-se através de um conjunto de práticas que negam a membros de grupos específicos os recursos que estão acessíveis a outros. Refere-se ao tratamento injusto e desigual de pessoas com base em características específicas. Assim, é um comportamento que prejudica e limita os direitos e oportunidades de certos indivíduos ou grupos (Giddens, 2001, p. 565).

A exclusão social, numa perspetiva mais abrangente, descreve o processo pelo qual determinados indivíduos ou grupos são deliberadamente impedidos de participar plenamente na sociedade, conduzindo ao seu isolamento e marginalização. Este fenómeno pode originar-se não apenas a partir de atos discriminatórios, mas também de fatores económicos, sociais ou culturais que conspiram para criar barreiras significativas à participação plena na vida social. Assim, a exclusão social nas áreas urbanas muitas vezes não é meramente resultado direto da discriminação, mas sim de uma teia complexa de elementos que perpetuam condições desfavoráveis para certas comunidades, relegando-as às margens da urbe. Ser marginalizado

¹ Retirado de <https://unric.org/pt/eliminar-a-pobreza/> a 10/12/2023.

² Retirado de Comissão sobre Direitos Sociais, Económicos e Culturais das Nações Unidas, 2001.

significa estar de fora da sociedade, não pertencendo ao seu núcleo de atividade (Giddens, 2001, p.566). Ao explorar o conceito de exclusão social encontrei a definição do conceito de marginalização e percebi que estão interligados, como demonstrado anteriormente através das ideias de Giddens. Bruto da Costa também demonstra essa coadjuvação mas inverte a posição dos conceitos, defendendo que o conceito de marginalização exprime a ideia da existência de um percurso descendente ao longo do qual se verificam sucessivas ruturas na relação do indivíduo com a sociedade (Bruto da Costa, 1998, p.10). A exclusão social é a fase mais extrema do processo de marginalização, caracterizando-se pelas ruturas de relação com o mercado de trabalho, família e amigos (Bruto da Costa, 1998, p.10). É um fenómeno de tal modo complexo e heterogéneo que pode subdividir-se em vários tipos de exclusão: exclusão económica, exclusão social e exclusão patológica (Bruto da Costa, 1998, p.15).

O tema desta investigação são os desafios do quotidiano de quem habita num bairro social. Escolhi-o por questões de interesse pessoal e profissional. Por um lado, por querer dar continuidade a uma investigação anterior e por outro por querer perceber, enquanto assistente social, quais são realmente as necessidades destas pessoas e poder contribuir para a luta contra a pobreza através da melhoria das suas condições de condignidade demonstrando a verdadeira realidade, denunciando-a e sensibilizando consciências de forma a promover a justiça social. A questão de partida que guiou a investigação foi a seguinte: de que forma é que as representações sociais associadas a Parafernália influenciam o quotidiano dos seus habitantes? Para se conseguir chegar a uma resposta foram definidos alguns objetivos, um geral e seis específicos. O objetivo geral passa por compreender de que forma é que as representações sociais associadas a Parafernália influenciam o quotidiano dos seus habitantes. Os objetivos específicos prendem-se com a descrição mais detalhada do estudo e são os seguintes: (i) refletir sobre conceitos como estigma e preconceito e relacioná-los com a comunidade em estudo; (ii) perceber as representações sociais de comunidade, bairro e população exterior ao bairro para os habitantes do mesmo; (iii) compreender a influência da opinião social acerca dos habitantes do Bairro Social de Parafernália para o acesso, dos mesmos, ao mercado de trabalho; (iv) inferir sobre a influência do contexto socioeconómico para o desenvolvimento educacional da comunidade; (v) refletir sobre a influência do nível de escolaridade da comunidade para a funcionalidade das relações familiares; (vi) escrutinar se existe relação entre morar no bairro e ser marginal e/ou criminoso.

A estrutura dividir-se-á em seis capítulos. O primeiro é referente à investigação. Abordará o enquadramento teórico e a metodologia utilizada. O segundo trata a questão da habitação que se

desmembra em dois subcapítulos: a política de habitação social em Portugal – o trajeto histórico; e a caracterização das habitações sociais e do *habitat* do bairro. O terceiro é alusivo ao bairro e abordará noções sobre o território, sobre a sua história e a caracterização socioeconómica dos habitantes. O quarto fará menção à questão do estigma e relacioná-lo-á com as representações sociais, o território e o crime. O quinto relacionará os conceitos de pobreza e crime e, por fim, o sexto discorrerá sobre a temática do racismo.

1 A INVESTIGAÇÃO

1.1 Enquadramento teórico

1.1.1 *Welfare State*

*Welfare State*³ é um conceito que se refere a um tipo de sistema político e económico em que o governo desempenha um papel ativo na proteção e promoção do bem-estar económico e social dos cidadãos. Este sistema visa garantir que as necessidades básicas da população, como a assistência médica, educação, habitação, segurança social e outros serviços essenciais sejam atendidos de forma equitativa – protegendo-os dos riscos de mercado associados à velhice, ao desemprego, a acidentes e a doenças. Segundo Briggs (1961), o Estado de bem-estar caracteriza-se por atuar de maneira a garantir condições de bem-estar básicas mínimas aos cidadãos (Briggs, 1961, p.221 a 258). Para Therborn (1983) o Estado de bem-estar social é uma transformação histórica das atividades do Estado, em que as rotinas diárias do Estado devem ser dedicadas a servir as necessidades de bem-estar das famílias (Therborn, 1983, p. 37 a 55). Já Titmuss (1958) define o Estado de bem-estar social de duas formas: Estados de bem-estar social residual e Estado de bem-estar social institucional. Segundo o autor, o Estado de bem-estar social não deve apenas intervir junto de grupos sociais marginais e merecedores, deve dirigir-se a toda a população. Por residual, Titmuss quer dizer que o Estado assume a responsabilidade quando a família ou o mercado falham. Por institucional, quer dizer que o Estado se dirige a toda a população, assumindo um compromisso institucional com o bem-estar (Titmuss, 1958, p.36).

A história das origens do *Welfare State* é ilustrada por duas versões: a britânica e a alemã, sendo importante denotar que existe um conflito entre os conceitos *Welfare State* (proveniente da versão britânica) e *Sozialstaat* (proveniente da versão alemã). O conceito elegido para o desenvolvimento do trabalho será o britânico, o de *Welfare State* (Hennock, 2001, p.40).

A definição britânica surgiu durante a II Guerra Mundial e tem sido utilizada para caracterizar sistemas de segurança social que se têm desenvolvido desde o século XIX. O *Welfare State* rege-se por valores que o distinguem dos Estados de bem-estar individuais, que são: a unificação da lei, o estabelecimento de burocracias, a eliminação ou controlo de formas intermediárias de autoridade e o papel da democracia representativa (Hennock, 2001, p. 42). Há vários modelos de *Welfare State*, definidos através de investigações interdisciplinares, considerando uma imensa

³ Irão utilizar-se duas traduções do termo: Estado de bem-estar social e Estado-Providência, terão o mesmo significado mas utilizar-se-ão conforme a terminologia escolhida pelos autores mencionados.

variedade de fatores como económicos, políticos, institucionais e ideológicos (Weir, 2001, p. 24). Esping-Andersen centra a sua teoria na maneira como as ideias e crenças relacionadas com o bem-estar e o papel do Estado na satisfação das necessidades económicas moldaram a prestação de cuidados sociais (Andersen *apud* Staeheli, 2001, p.62). O autor identifica três modelos de Estado social: Liberal, Conservador-Corporativo e Social Democrático (Esping- Andersen, 1993, p.58).

O Liberal caracteriza um sistema político e económico em que o governo desempenharia funções ativas na proteção e promoção do bem-estar económico e social dos cidadãos através de intervenções no campo do mercado de trabalho. Implementar-se-iam medidas referentes a seguros de saúde e pensões que só estariam disponíveis para quem estivesse afeto a um posto laboral (Esping- Andersen, 1993, p.61). O Conservador-Corporativo guia a sua conduta através da prestação de serviços pelo Estado. O ideal de sociedade para a atuação deste modelo de *Welfare* seria um conjunto de famílias heterossexuais e capazes de garantir a proteção e promoção social dos membros, em que o homem teria o papel de providência e a mulher de cuidadora. Neste caso a intervenção do Estado é secundária e atua com o intuito de complementar a ação familiar, fazendo-o através da atribuição de subsídios (Esping- Andersen, 1993, p.63 e 64). Por fim, o Social democrático é um modelo de Estado que garante os direitos sociais dos cidadãos, rege-se por medidas políticas universais e redistributivas. O seu *modus operandi* promove a qualidade de vida de todos os cidadãos independentemente do seu estatuto social. O foco é a qualidade de vida e não a sobrevivência (Esping- Andersen, 1993, p. 65 e 66).

A classificação dos modelos ocidentais de proteção social pública, conforme desenvolvida por Esping- Andersen em 1993, organiza os países europeus em três grandes grupos, de acordo com as características predominantes em cada um destes modelos de *Welfare*. O autor coloca os países da Europa Central (Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Holanda e Luxemburgo) no grupo do modelo Conservador- Corporativo. Estes países têm como aspetos salientes: regimes de proteção variáveis de acordo com o estatuto profissional e uma elevada proteção dos funcionários públicos. O Reino Unido e a Irlanda pertencem ao grupo do modelo Liberal, que se demarca pela sujeição de algumas prestações à denominada condição de recursos, com os sujeitos e as famílias a terem que provar um conjunto de requisitos, nomeadamente de rendimentos, de forma a ter direito a determinados benefícios desse sistema. Por último surgem os países nórdicos, (Dinamarca, Finlândia e Suécia) que estão incluídos no modelo Social democrático, e onde a principal característica é o acesso universal à generalidade das prestações, que por sua vez são de carácter

igualitário. Este modelo apresenta um elevado conjunto de serviços de apoio às famílias, e em particular às que não estão inseridas no mercado de trabalho (Esping, 1993, p.58 a 67).

O estudo de Esping-Andersen baseou-se em dezoito países caracterizados por economias de mercado avançadas e, por isso, há uma tendência da literatura para associar o *Welfare State* apenas a democracias industrializadas, em vez de considerar o aparato de bem-estar em todos os países. Não está claro, então, se esta tipologia se aplicará a países em diferentes estágios de desenvolvimento. Conclui-se que os países desenvolvem as suas políticas de bem-estar de acordo com a cultura política nacional vigente, ideologias e pressões políticas internas (Andersen *apud* Staeheli, 2001, p.65).

Fazendo referência às dinâmicas de cidadania nos países do sul, principalmente no que se refere à relação entre cidadãos e Estado, Estivill (2000) observa um relacionamento que poderá caracterizar-se como pouco conveniente, manifestando-se, por exemplo, numa mútua desconfiança entre os dois pólos (cidadãos e Estado) resultando em altos níveis de evasão fiscal. Esta realidade não pode ser ignorada uma vez que existe uma relação de causa-efeito de duplo sentido. As constituições democráticas destes países estabelecem um conjunto de direitos semelhantes aos dos restantes países da UE, no entanto, o acesso a esses direitos é frequentemente limitado, discreto e por vezes pouco eficaz. Houve um avanço no desenvolvimento do Estado em relação ao bem-estar mas na maior parte das vezes esse progresso contribuiu somente para o bem-estar do próprio Estado (Estivill, 2000, p.122). O que sendo objetivamente uma especificidade dos sistemas do sul, não deixa de se encaixar na descrição que Silva (2002) faz do modelo Conservador/Corporativo, sobretudo no que toca ao elitismo profissional de alguns sectores dessas sociedades, como acontece com a elevada proteção social dos funcionários públicos ou militares, comparativamente com as dos restantes concidadãos (Silva, 2002, p.100). Conclui-se que, apesar de existirem especificidades provenientes do sul, não se pode considerar que pertença a um quarto modelo. Pode afirmar-se que este sistema político tem uma forte influência do modelo Conservador/Corporativo que se revê, por exemplo no “citados regimes de proteção diferenciados em face da condição socioprofissional, como acontece com os funcionários públicos face à generalidade dos cidadãos cobertos de alguns riscos pelo Regime Geral da Segurança Social” (Bento, 2016, p.14).

No caso de Portugal apresentar-se-ão duas perspetivas, mas em primeiro lugar é importante dissertar sobre o conceito de Estado-Providência, que se usará adiante, assim:

Estado-Providência é um conceito associado à história e à evolução da sociedade e dos

sistemas sociais [...] desenvolve políticas sociais, políticas de regulação económica e políticas de intervenção nas disfuncionalidades do mercado, redistribuindo os recursos provenientes do mesmo [...] surge enquanto resultado da evolução e modernização das sociedades (Matos, 2014, p.3).

É possível definir quatro elementos que estão na base do Estado-Providência:

Primeiro, um pacto social entre capital e trabalho sob a égide do Estado, cujo objectivo último é compatibilizar democracia e capitalismo; segundo, uma relação sustentada, [...] entre duas tarefas do Estado potencialmente contraditórias: a promoção da acumulação capitalista e do crescimento económico e a salvaguarda da legitimação; terceiro, um elevado nível de despesas no consumo social; quarto, uma burocracia estatal que internalizou os direitos sociais como direitos dos cidadãos, em vez de benevolência estatal (Santos, 1990, p.214).

Mas, conforme Santos, “à luz destes atributos o Estado português não é um Estado-Providência no sentido pleno do termo” (Santos, 1990, p.214). Procurando escrutinar as causas explicativas, em relação ao pacto social, o modelo de bem-estar social em Portugal é uma mistura de políticas sociais de países desenvolvidos e de países em desenvolvimento. Antes de 1974, o governo autoritário impediu a criação de políticas sociais abrangentes. E após a revolução demorou-se muitos anos a estabelecer acordos sociais devido a problemas económicos e à falta de “experiência de organização e negociação autónomas” (Santos & Ferreira, s/d, p.5). A existência de um pacto social ocorreu passado mais de quinze anos através da implementação da Constituição Política de 1976 que “garantia todos os direitos cívicos, políticos, sociais e culturais

de uma democracia desenvolvida e estabelecia um sistema de democracia representativa” (Santos & Ferreira, s/d, p.10). O Estado também passou a ter um papel ativo na promoção de estratégias de negociação, o que permitiu a privatização de empresas nacionalizadas. A entrada na CEE em 1986 também foi outro grande incentivo “à organização de interesses sectoriais e ao desenvolvimento de uma cultura política de diálogo e de concertação social” (Santos & Ferreira, s/d, p.10).

Ainda que cruciais, estes passos apenas muito lentamente levaram à emergência de um pacto social, até porque ocorreram no contexto de um défice de organização de interesses sectoriais que tem caracterizado a sociedade portuguesa (défice de corporativismo), o qual tem estado na origem da autonomia e da centralidade do Estado na regulação social (Santos & Ferreira, s/d, p.10).

Os acordos sociais em Portugal são semelhantes aos dos outros países na medida em que têm como objetivo a melhoria da economia, a introdução de flexibilidade no mercado de trabalho e garantir proteção/segurança social (Santos & Ferreira, s/d, p.12).

Em relação à acumulação e à legitimação, após a Revolução dos Cravos houve uma luta entre as políticas de acumulação de capital e legitimidade social. No início foram implementadas leis sociais, devido à pressão popular, o que resultou num aumento dos salários. Mas gerou-se um problema nacional, criaram-se *deficits* públicos e uma dívida externa. Tal forçou o Fundo Monetário Internacional a intervir, exigindo restrições no consumo interno, o que gerou cortes em gastos públicos e uma crise económica. Para se lidar com a crise, desvalorizou-se o valor da mão-de-obra. O Estado tornou-se conivente com violações das leis laborais e sociais para restaurar as condições de acumulação de capital. Com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia a situação melhorou, no entanto, os acordos que se fizeram em 1991 resultaram numa segmentação do mercado de trabalho sujeitando trabalhadores que não eram abrangidos pelo estipulado à precariedade, com contratos temporários e salários em atraso (Santos & Ferreira, s/d, p.13).

Em relação às despesas sociais, após a Revolução de 1974 houve um aumento substancial dos gastos com a proteção social, embora o país ainda se mantivesse com os níveis mais baixos de despesas sociais na Europa. Mesmo em 1998 Portugal continuava a gastar uma percentagem menor do seu Produto Interno Bruto (PIB) em despesas sociais em comparação com a média europeia. O problema adicional residia na ineficácia dessas despesas sociais para mitigar a pobreza e a redução das desigualdades. De facto, Portugal detinha uma das maiores taxas de pobreza e desigualdade de rendimentos da Europa, mesmo após a aplicação de políticas sociais (Santos & Ferreira, p.13). O sistema de segurança social em Portugal revelava-se pouco generoso e não conseguia garantir uma proteção adequada aos grupos vulneráveis da sociedade. A maior parte dos fundos sociais era alocada aos contribuintes, concedendo uma pequena percentagem para uso em prestações do regime não contributivo e aos serviços de assistência social (Santos & Ferreira, p.14). Para colmatar as lacunas do sistema de segurança social, a sociedade providência em Portugal era relativamente robusta, caracterizando-se por redes de apoio baseadas em relações familiares e vizinhança. Este apoio abarcava a assistência a desempregados, o cuidado de crianças e idosos e a disponibilização de serviços não mercantis fundamentados na reciprocidade (Santos & Ferreira, s/d, p.15). Resumidamente, Portugal apresentava gastos sociais mais reduzidos em comparação com outros países europeus, enquanto o seu sistema de segurança social se revelava ineficaz na mitigação da pobreza e das desigualdades (Santos & Ferreira, s/d, p.15).

Em relação à burocracia, a quarta e última condição que caracteriza um Estado-Providência diz respeito à forma como a burocracia estatal percebe as despesas e os serviços sociais. Deve encará-los como direitos inalienáveis dos cidadãos, e não como favores benevolentes concedidos pelo Estado. Em Portugal, esta transformação ainda não se completou em todas as áreas. Após a Revolução de 1974, a estrutura da administração estatal permaneceu, em grande medida, inalterada. A mentalidade autoritária e assistencialista do antigo regime infiltrou-se na administração do novo Estado democrático, deixando marcas duradouras na relação entre as agências estatais e os cidadãos, assim como na perceção das prestações sociais enquanto direitos. No domínio da segurança social, a divisão entre seguro social e assistência social continuou a considerar a assistência social como área de “não direitos” (Santos & Ferreira, s/d, p.15). Esta divisão persiste como herança do antigo modelo corporativo, mesmo após tentativas de superação em 1974. Como resultado, há a crença de que apenas as prestações contributivas são direitos legalmente exigíveis, o que cria obstáculos ao acesso aos serviços sociais para alguns

cidadãos. Em síntese, Portugal ainda não adotou por completo a perspectiva de que os serviços sociais são direitos fundamentais. Esta transição encontra-se incompleta em algumas áreas (Santos & Ferreira, s/d, p.15).

Portugal é, assim, considerado um “quase-Estado-Providência”, consolidado num período de crise política e económica (Santos & Ferreira, s/d, p.15). No entanto, também se verificam no sistema português “algumas diferenças relativamente aos restantes países do Sul da Europa”. Por exemplo,

verifica-se que o nosso sistema possui um grau de integração institucional que o aproxima do modelo social-democrata. Esta integração está patente na existência de um Regime Geral, abrangendo a generalidade dos trabalhadores por conta de outrem e os trabalhadores independentes do sector privado (Santos & Ferreira, s/d, p.17).

Conclui-se, através da primeira perspetiva que se apresenta, que Portugal não pertence a nenhum dos modelos de *Welfare* definidos por Andersen. Mas do ponto de vista jurídico (quando se fala de grau de integração institucional) está próximo do modelo social-democrata (Santos & Ferreira, s/d, p.17).

De seguida apresentar-se-á outra perspetiva, em que se defende que o Estado de bem-estar português é fortemente influenciado pelo modelo Conservador-Corporativo. Segundo Bento,

será correto afirmar-se que aspetos como a história política, a religião, a estrutura da família com a mulher a assumir um importante papel provisional informal, fruto do prolongamento da cultura agrária, e ainda uma longa dinâmica associativa que no seio da sociedade civil se foi construindo, muitas vezes numa lógica de solidariedade interclassista, são fatores que determinam uma variante do modelo Corporativo (Bento, 2016, p.15).

O autor considera, tal como demonstrado na primeira perspetiva, que o Estado Social português

foi instituído tardiamente, numa altura em que “os seus congéneres europeus eram já alvo de diversas interrogações” (Bento, 2016 p. 15).

Esta dificuldade de definir o modelo de Estado de bem-estar em Portugal prende-se com o facto de Esping-Andersen, na sua obra *The Three Worlds of Welfare Capitalism* (1993), agrupar os países da Europa Central no modelo Conservador/Corporativo, excluindo os países do sul. Numa publicação posterior, *Social Foundations of Post – Industrial Economies*, (1999), o autor vai “fazer uma revisão crítica do debate de quase 10 anos ...para tanto ... estrutura a discussão em torno de duas críticas que considera as mais relevantes para a compreensão da natureza e transformações do *Welfare State*, a saber: (1) a questão da pertinência e aderência da sua tipologia triplíce e, a questão que classifica como a crítica feminista realmente relevante” (Júnior, 2003, p.5).

Apesar de não aceitar a primeira crítica, Esping-Andersen reconhece a validade da segunda, reafirmando a sua metodologia tripartida de categorização de modelos. No que diz respeito aos países do sul – embora admitindo a presença de traços familiares entre eles – não considera necessário representá-los separadamente (num quarto modelo) (Júnior, 2003, p.6). Quanto à denominada crítica feminista, aborda a relação entre o conceito de desmercantilização e o papel das mulheres, tanto na sua interação com o mercado de trabalho como enquanto figuras centrais no contexto familiar da sociedade ocidental, uma dinâmica que se acentua especialmente no sul da Europa (Bento, 2016, p.16).

De facto, e na tentativa de superar algumas limitações do seu primeiro trabalho, Esping-Andersen, conforme mencionado por José Júnior expressa o seguinte: “Se o conceito de” desmercantilização “pode talvez descrever de modo adequado a condição do trabalhador típico de sexo masculino, não é entretanto facilmente aplicável às mulheres, cuja função económica é em muitos casos não mercantilizada” (Júnior, 2003, p.75).

No início o conceito de desmercantilização implicava manter os níveis de bem-estar sem depender completamente de transações monetárias. No entanto, em algumas situações, este princípio é mitigado ou ultrapassado pelo conceito *women- friendly*, pelo que a economia familiar acaba por “reescrever...a teoria dos três mundos do Estado Social. Trata-se de incorporar ao debate sobre a natureza e as transformações dos sistemas de *Welfare* contemporâneos a dimensão das famílias na provisão de bem-estar para o seu “corpo coletivo” (Júnior, 2003, p.7). A reanálise de Esping-Anderson (1999), passa a incluir um dos traços centrais do bem-estar do sul, reforçando a pertença de Portugal ao modelo Conservador/Corporativo. A variante portuguesa do modelo

Conservador/Corporativo advém da organização corporativa herdada do Estado Novo, e das estruturas de proteção social públicas do período democrático em que “as políticas sociais foram frequentemente utilizadas por regimes autoritários, simultaneamente como forma de abrandar a mobilização de movimentos operários e de aumentar a lealdade dos funcionários públicos a um estado central”, (Silva 2002, p. 27, 28).

No caso dos países do centro da Europa, os Estados reorganizaram-se do ponto de vista político e administrativo mas nos países do Sul aconteceu muito mais tarde. Em Portugal nem se chegou a verificar e por isso houve a necessidade de “segurar um corpo, judicial, policial e administrativo, leal aos ditames de uma centralidade política” (Bento, 2016 p.17), uma das características que, segundo Silva, se associa ao modelo Conservador/Corporativo: “não tratar de igual modo todos os indivíduos e grupos sociais”, lidando “com os grupos sociais de acordo com o seu *status*” (Silva, 2002, p.28).

O conceito de desmercantilização surgiu na primeira obra de Esping-Andersen em 1993, que como confirmado anteriormente, é muito limitada. “Não porque no sul os respetivos Estados não tenham procurado quebrar a relação mercado-bem-estar por via dos mecanismos públicos de substituição dos rendimentos, mas porque em Portugal, Espanha, Itália e Grécia, aspetos como o trabalho informal ou a família implicam um potencial protetor que não é comum nos outros países da restante Europa Ocidental” (Bento, 2016, p.19)”. Para Estivill (2000), a trajetória histórica destes quatro países, que compartilham diversas semelhanças, desempenha um papel fundamental especialmente no que diz respeito à influência da Igreja Católica Romana (ou Ortodoxa, no caso da Grécia) no fornecimento ancestral de assistência e serviços aos menos privilegiados. Além disto, estes países têm em comum um forte movimento associativo com o objetivo de proteger e amparar os necessitados, sendo que em Portugal é representado mais expressivamente pelas Misericórdias desde a Idade Média ou pelas Sociedades Cooperativas e Mutualidades do final do séc. XIX e princípio do séc. XX (Bento, 2016, p.20).

A família, no sul da Europa, ainda mantém traços de estrutura ampliada como as famílias rurais e desempenha um papel crucial ao nível da coesão e da providência. Algo que se destaca em relação aos idosos, aos jovens e às crianças. “O facto dos estados sociais do sul europeu serem pouco generosos no que toca às políticas de família, nomeadamente nos domínios da infância ou do apoio à habitação, prende-se também com um certo pressuposto cultural que favorece a figura do homem ganha-pão, remetendo a mulher para o contexto do espaço doméstico onde adquire um papel de gestora dos recursos e orientadora das relações inter-família, e desta com as redes

de proximidade mais próximas, também elas provedoras de bem-estar” (Bento, 2016, p.21). A aparente falta de destaque dos países do sul na obra de Esping-Andresen (1993) pode ser atribuída ao facto de estes sistemas de proteção social terem surgido num momento posterior, ou seja, num momento em que o *Welfare* do pós-guerra já estava em causa (Bento, 2016, p.22).

A consagração tardia dos direitos sociais no sul pode assim justificar alguma dificuldade de fazer em 1993 (ano do lançamento de *The Three Worlds of Welfare Capitalism*) um balanço profundo da generalidade dos sistemas do sul, uma vez que a proteção social pública não tinha ainda atingido, nessa data, percursos históricos suficientemente longos que servissem de base a uma análise do género da desenvolvida no centro e norte da Europa” (Bento, 2016, p.23) O perigo de um estado social mínimo, acentuadamente moralista, começa a ter preocupantes expressões em Portugal, [...] assumindo um preocupante protagonismo, construído a partir de um certo acarinhamento institucional, mas também da grande capacidade de penetração social e política dos seus mentores e líderes locais, que geralmente agem à revelia de qualquer procedimento técnico e outras vezes num registo de mero caciquismo social, numa dinâmica que legitima as desigualdades sociais, desvirtuando até o genuíno sentido da expressão Sociedade – Providência, tal como Santos (1994) a definiu. (Bento, 2016, p. 24).

As sociedades do sul europeu, incluindo a portuguesa, têm sofrido processos de alterações significativas no que toca ao papel provisional do Estado. A sociedade pode não ter estrutura para absorver o impacto das rápidas mudanças: “envelhecimento...dos novos padrões de vida familiar, a pobreza e as desigualdades...do crime” do comportamento não normativo “ou do multiculturalismo” (Lidlle e Lerais, 2006, p.6).

A partir dos anos setenta do século do XX, período que ficou conhecido como os “gloriosos trinta anos dos Estados de Bem Estar” (Branco, 1993, p.50), a Europa e o mundo ocidental começaram a enfrentar o que Díaz descreve como Crise do Bem-Estar (Díaz, 2011, p.78). Esta crise foi

impulsionada por transformações sociais, económicas e ideológicas. O endividamento⁴ das economias mais frágeis da UE, como é o caso de Portugal e da Grécia, impediu que se continuasse a garantir o mesmo nível de proteção aos cidadãos (Díaz, 2011, p.35). Este acontecimento fez com que algumas responsabilidades que outrora estavam a cargo do Estado – mais concretamente da esfera pública – fossem transferidas (a pouco e pouco) para a esfera privada, impedindo um número significativo de pessoas de aceder a um determinado conjunto de bens e serviços (Bento, 2016, p.32).

O acentuar de alguns problemas clássicos como a pobreza ou o desemprego, ou de novas expressões da secular Questão Social, e que sob influência da designação francófona no domínio das ciências sociais e políticas se apelidou de exclusão social – conceito amplo e multidimensional que valoriza a dimensão relacional e simbólica da privação material e não material- incorporou nestes um novo enfoque, em particular naqueles que foram emergindo nos contextos territoriais das periferias urbanas, e nalguns casos nos rurais, como por exemplo a insegurança, a delinquência juvenil, a xenofobia, o racismo, ou a solidão dos mais velhos (Bento, 2016, p.33).

Recentemente começaram a surgir indícios de reconhecimento dos insucessos das políticas públicas europeias. O principal desafio que os países da Europa Ocidental enfrentam está relacionado com a redução do investimento público da promoção da tão almejada igualdade de oportunidades. Num documento comunitário de 2006, Uma Agenda para os Cidadãos Europeus, Lidlle e Lerais (2006), referem:

Isto reflete um ponto de vista cada vez mais aceite de que, uma vez que a sociedade não pode garantir resultados iguais para os seus cidadãos, a igualdade de oportunidades é um

⁴ “Consequência de todas as pressões desenvolvidas pelos movimentos do neoliberalismo, muitos dos governos europeus, umas vezes por livre opção ideológica, outras vezes forçados pelas imposições de organismos supra nacionais, (que se deve assinalar não possuem qualquer legitimidade democrática), têm vindo a libertar para os mercados, produtos fortemente apetecíveis como sejam os ligados à saúde, à educação ou às pensões de velhice” (Bento, 2016, p.32).

objectivo sem grande impacto se não for acompanhado de grandes esforços para garantir o acesso a todos os cidadãos aos recursos, às condições e às capacidades, que concretize a igualdade de oportunidades teórica (Lidlle e Lerais, 2006, p.5).

As políticas sociais orientadoras da governação europeia tendem a encarar o risco social como uma característica individual, em vez de o reconhecerem como resultado das dinâmicas sociais da sociedade, favorecendo uma “propensão a procurar nos próprios indivíduos tanto as razões que dão conta da sua situação em que este se encontra como os recursos a mobilizar para que possa sair dessa situação”, (Castel, 2012, p.11).

Portanto, esta tendência para a individuação dos problemas sociais aparenta fazer parte duma abordagem fortemente funcionalista das políticas sociais, que se concentra no “ que Durkheim designa de anomia, a existência de indivíduos desligados dos seus grupos de pertença ou incapazes de neles se inscreverem”, (Castel, 2012, p.11). Desta forma, a perspectiva subjacente às políticas públicas de provisão social está a ser redirecionada para “um ‘trabalho sobre o outro’ (Dubet, 2002, p.65) ...para ajudar os indivíduos ‘anómicos’ por razões diversas, a colmatar o seu défice de integração, isto é a promover a sua reintegração ou a sua reinserção em coletivos estáveis: o meio de trabalho, a família, as relações estruturadas de vizinhança”. (Castel, 2012, p.11).

As mudanças do Estado português dos últimos anos têm afetado todos os sectores, destacando-se a tendência de redução de provisão pública. Embora a área da saúde ainda mantenha uma abordagem essencialmente pública, a estipulação de contratos entre o Estado e empresas do sector privado e organizações de terceiro setor, juntamente com o surgimento de várias ofertas de seguradoras, tem levado a uma prestação de serviços guiada pelo tripé Estado - mercado – sociedade. Neste contexto, as empresas de terceiro sector têm vindo a ganhar um papel cada vez mais proeminente (Bento, 2016, p.39). No que diz respeito à educação, investiu-se notavelmente em estruturas de ensino pré-escolar mas, nos outros níveis de ensino têm-se diminuído os recursos, especialmente no ensino superior em que o preço da propina voltou a aumentar (Bento, 2016, p.39).

1.1.2 Direito à habitação

O direito à habitação é um princípio que reconhece a prerrogativa fundamental de todas as pessoas possuírem um espaço apropriado, seguro, acessível e digno para viver. Este direito não se limita apenas à habitação em si, mas também abrange questões relacionadas com o habitat. De acordo com o parágrafo primeiro do 14º artigo da Lei de Bases da Habitação, o conceito de *habitat* engloba o meio em que a habitação está inserida, incluindo preocupações referentes “às infraestruturas e equipamentos coletivos”, garantindo “o acesso a serviços públicos essenciais”, bem como “às redes de transporte e comunicações”⁵. O direito à habitação transcende a mera provisão de um lugar para residir, estendendo-se à ponderação do ambiente envolvente, visando assegurar condições condignas e apropriadas para a qualidade de vida dos indivíduos. Este direito é internacionalmente reconhecido e encontra-se consagrado em declarações e tratados internacionais, tais como Declaração Universal dos Direitos Humanos e o Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais⁶ (*The General Assembly*, 2017, p.12 e Ministério Público, s/d, p.4).

O direito à habitação implica que todas as pessoas devem dispor de condições habitacionais que satisfaçam padrões mínimos de qualidade, incluindo acesso a água potável, saneamento básico, eletricidade, segurança e privacidade⁷. Adicionalmente, engloba a salvaguarda contra despejos arbitrários⁸ e a garantia de que as pessoas não sejam alvo de discriminação no acesso à habitação com base em características como a raça, género, religião ou origem étnica⁹ (*The General Assembly*, 2017, p.12.).

Compete aos governos a responsabilidade de assegurar o direito à habitação dos seus cidadãos, adotando políticas e medidas adequadas para promover o acesso a habitações adequadas e acessíveis para todos¹⁰. Esta prerrogativa pode envolver a edificação de habitação social, a implementação de programas de subsídios habitacionais, a regulamentação do mercado imobiliário para prevenir práticas abusivas e a promoção de um ambiente propício ao

⁵ Retirado de <https://pgdlisboa.pt> a 24 de Julho de 2023.

⁶ O PIDESC é um tratado internacional adotado pela Assembleia das Nações Unidas em 1966, é um instrumento de direitos humanos que reconhece e protege os direitos económicos, sociais e culturais das pessoas. Retirado de <https://gddc.ministeriopublico.pt/> a 15 de julho de 2023.

⁷ Lei nº 83/2019 de 3 de setembro artg. 7º, nº1 e artg. 9º, nº2. Retirado de <https://pgdlisboa.pt/> a 16 de julho de 2023.

⁸ Lei nº 83/2019 de 3 de setembro, artg.13º. Retirado de <https://pgdlisboa.pt/> a 16 de julho de 2023.

⁹ Lei nº 83/2019 de 3 de setembro, artg. 3º, nº1. Retirado de <https://pgdlisboa.pt/> a 16 de julho de 2023.

¹⁰ Lei nº 83/2029 de 3 de setembro, artg. 7º, nº2, artg. 3º, nº1 e artg. 1º. Retirado de <https://pgdlisboa.pt/> a 16 de Julho de 2023.

desenvolvimento de comunidades sustentáveis¹¹.

Em síntese, o direito à habitação é uma componente essencial dos direitos humanos, reconhecendo a importância de uma morada adequada para o bem-estar e a dignidade das pessoas (*The General Assembly*, 2017, p.12). Está consagrado em vários documentos, tanto a nível internacional como nacional. Revê-se em instrumentos jurídicos mencionados anteriormente, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais, e também nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável¹² e em várias constituições nacionais ¹³(*The General Assembly*, 2017, p.12; Ministério Público, s/d, p.4). Para além destes documentos, existem tratados regionais, convenções internacionais e legislações nacionais que também podem reconhecer e salvaguardar o direito à habitação. Importa salientar que a abordagem ao direito à habitação pode variar consoante o contexto e a interpretação jurídica de cada país. Em Portugal o direito à habitação está consagrado em vários documentos oficiais que também são importantes instrumentos jurídicos. Um dos mais notáveis é a Constituição da República Portuguesa, já acima mencionada. No parágrafo primeiro do 65º artigo, declara que “todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e privacidade familiar” (Assembleia Constituinte, 1976, p.15). Para o efetivar foi instituída a Lei de Bases da Habitação, com legislação específica que estabelece os princípios e as diretrizes para a política de habitação em Portugal. Foi aprovada em 2019 e é uma lei que reforça e desenvolve os direitos à habitação adequada e acessível¹⁴. Apresenta-se, também, o Regime Jurídico da Reabilitação Urbana estabelecido pelo Decreto-Lei nº 307/2009, de vinte e três de outubro, que tem como objetivo promover a reabilitação de edifícios e áreas urbanas, visando a melhoria das condições de habitabilidade e a revitalização dos centros urbanos¹⁵. E, por fim, o Programa 1º Direito – Programa de Apoio ao Acesso à Habitação que foi lançado em 2018, e é uma iniciativa governamental que visa garantir o acesso a uma habitação adequada a famílias em situação de carência habitacional. O programa é regulamentado por legislação específica¹⁶. Mais recentemente, o governo de Luís

¹¹ Lei nº 83/2019 de 3 de setembro, artg. 4º, nº3. Retirado de <https://pgdlisboa.pt/> a 16 de julho de 2023.

¹² ODS, Objetivo 11 – Cidades e comunidades sustentáveis, consultado em <https://unric.org/pt> a 16 de julho de 2023.

¹³ Consultar a Constituição da República Portuguesa art.º 65, a Constituição Espanhola de 1978, art.º 47º e a Constituição da República Italiana, art.º 47º.

¹⁴ Lei nº 83/2019 de 3 de setembro consultado em <https://pgdlisboa.pt/> a 16 de julho de 2023.

¹⁵ Consultado em <https://pgdlisboa.pt/> a 16 de julho de 2023.

¹⁶ Consultado em <https://portaldahabitacao.pt/> a 16 de julho de 2023.

Montenegro apresentou a estratégia "Construir Portugal – Nova Estratégia para a Habitação", composta por 30 medidas para enfrentar a crise habitacional. As ações incluem a garantia de que o Estado vai apoiar a concessão de crédito para a construção de cooperativas, oferecer linhas de crédito para promover o arrendamento de longa duração e reduzir o IVA para 6% em obras de reabilitação e construção de habitação. Também incluem o desbloqueio de 25.000 casas do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), o reforço de financiamento para projetos não financiados pelo PRR e a utilização de solos rústicos para soluções habitacionais sustentáveis. Também foram desenvolvidas medidas que visam devolver a confiança ao mercado, como a revogação do arrendamento forçado, a criação de contratos de investimento para *built-to-rent* e *available-to-let* e a revisão da legislação para simplificação administrativa urbanística. A promoção da habitação jovem é enfatizada com a isenção de IMT e Imposto de Selo para jovens até 35 anos na compra da primeira casa até 316 mil euros, a reformulação do programa de apoio ao arrendamento Porta 65 e a implementação do Plano Nacional Alojamento 2025-26 para estudantes, oferecendo mais 18.000 camas¹⁷.

Existem fundos europeus e programas de apoio à habitação disponibilizados pela UE¹⁸ que têm como objetivo apoiar o desenvolvimento, a melhoria e acessibilidade à habitação, bem como combater a exclusão social e a pobreza, a saber: o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) que, embora não seja exclusivamente destinado à habitação, financia projetos de desenvolvimento regional que podem incluir a melhoria das infraestruturas de habitação em regiões desfavorecidas. O Fundo Social Europeu (FSE) que apoia programas que visam melhorar o emprego, a inclusão social e a educação, o que pode incluir projetos de apoio à habitação para grupos desfavorecidos. O Fundo Europeu de Assistência a Carenciados (FEAC) que é específico para ajudar pessoas carenciadas da EU, incluindo o apoio à habitação em situações de carência extrema. O Programa de Habitação Social na Europa a partir do qual a Europa incentiva os estados-membros a desenvolver medidas de apoio à habitação, oferecendo apoio e orientação técnica. E a Iniciativa Urbana Europeia que financia projetos inovadores em áreas urbanas, incluindo iniciativas relacionadas com a habitação. É importante observar que a alocação e a implementação dos fundos e programas de apoio à habitação podem variar de país para país e dependem das prioridades estabelecidas pelos estados-membros nos seus planos de desenvolvimento e estratégias de política habitacional. Por isso é aconselhável consultar as autoridades nacionais e

¹⁷ Construir Portugal: Nova Estratégia para a Habitação, consultado em www.portugal.gov.pt a 14 de julho de 2023.

¹⁸ Consultado em <https://eurocid.mne.gov.pt/> a 20 de outubro de 2023.

regionais responsáveis pela administração deste tipo de fundos para obter informações específicas sobre programas de habitação disponíveis na área desejada.

1.2 Metodologia de investigação

Como é sabido, a metodologia está relacionada com os métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa científica. É através da metodologia que se analisam, descrevem e avaliam os métodos e técnicas de informação que permitem a recolha e tratamento de dados, com o objetivo de responder às questões chave da investigação. Seguir uma metodologia de investigação é aplicar técnicas e procedimentos (que são cumpridos rigorosamente) de maneira a construir linhas de pensamento científico (Prodanov e Freitas, 2013, p.14). E o que é a ciência? Segundo Ferrari, a ciência é um conjunto de pensamentos e ações racionais, capazes de produzir matéria passível de verificação (1974, p.15) e tem vários objetivos como: o aumento e melhoria do conhecimento; a descoberta de novos fatos ou fenómenos; a melhoria das condições de vida da humanidade e controlo e previsão dos efeitos naturais. Lakatos e Marconi acrescentam que a ciência é “um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenómenos que se deseja estudar” (2007, p. 80). Já Demo, em vez de dissertar sobre o que é a ciência, debruça-se sobre o que não é. Referindo que “no campo científico é sempre mais fácil apontarmos o que as coisas não são, razão pela qual podemos começar dizendo o que o conhecimento científico não é (Demo, 2000, p.22).” Portanto, conforme Demo, ciência não é senso comum. O senso comum é caracterizado pela aceitação não problematizada do que se afirma, ou do que se considera válido e o conhecimento científico caminha noutra direção, na de questionar o que outrora era válido e produzir perceções mais atuais. A ciência também não é sabedoria ou bom senso – porque estes se baseiam em “componentes como convivência e intuição, além da prática historicamente comprovada em sentido moral” (Demo, 2000, p.24). Não é nenhuma ideologia, sendo que o objetivo é explicar a realidade ao invés de justificar posições políticas, nem um paradigma específico – “como se determinada corrente pudesse comparecer como única herdeira do conhecimento científico, muito embora lhe seja inerente essa tendência.” (Demo, 2000, p. 25). O conhecimento científico é resultado de um confronto de paradigmas, não é um produto final, está em constante evolução (Prodanov e Freitas, 2013, p.16).

Para se realizar um processo de investigação científica terá de se seguir um método que esclareça o procedimento lógico a seguir. Existem vários tipos de métodos: dedutivo, indutivo, hipotéticodedutivo, dialético e fenomenológico (Lakatos e Marconi, 2007, p.86). O método utilizado

para a realização deste estudo foi o dedutivo-indutivo, conjugando o dedutivo e o indutivo num só. Deduziu-se, através de pesquisa teórica prévia o que se confirmou e induziu com a pesquisa etnográfica. (Lakatos e Marconi, 2007, p.86). Depois de se definir o método de investigação terá de se definir o procedimento técnico a utilizar, neste caso foram usados três tipos: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material publicado, proveniente de livros, revistas, artigos científicos, etc. e tem o objetivo de informar o pesquisador sobre toda a matéria que já existe sobre o tema (Prodanov e Freitas, 2013, p.54). A pesquisa documental é muito parecida à bibliográfica, com uma pequena diferença, faz-se através de documentos que ainda não tenham sido alvo de tratamento analítico (Gil, 2018, p.40). A pesquisa de campo ou trabalho de campo, “é [...] utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (Prodanov e Freitas, 2013, p.59). Consiste na observação e registo de factos que ocorrem espontaneamente.

Quando consideramos a abordagem utilizada para interpelar o problema, a pesquisa pode ser categorizada em duas vertentes: pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa (Prodanov e Freitas, 2013, p.69). A pesquisa quantitativa é referente a dados que se consigam quantificar, o que acontece é que se traduzem em números “opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”. “Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc.)” [Prodanov e Freitas, 2013, p.69]. A pesquisa qualitativa

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (Prodanov e Freitas, 2013, p.70).

Dentro da metodologia qualitativa podem usar-se vários métodos de investigação, neste caso fez-se uma etnografia. O método de pesquisa etnográfica tem com objetivo estudar a cultura e o comportamento de um grupo de forma a descrever a sua realidade (Giddens, 2005, p.514). Para tal o investigador terá de se munir de uma observação participante, “assumindo um papel ativo nas atividades diárias dessas pessoas” durante um período de tempo. Numa etnografia clássica o investigador vive com e como a comunidade que pretende estudar mas neste caso (Giddens, 2005, p.514) – sendo que a investigadora vivia perto do bairro de Parafernália – apenas se fizeram visitas rotineiras ao local. Foi o suficiente para estabelecer uma relação de convívio com os atores e penetrar a dinâmica da comunidade. A investigadora também acompanhou os atores em contextos de lazer: foi ao café, saiu à noite e celebrou aniversários. Para a realização da etnografia, e à semelhança do trabalho de Miguel Vale de Almeida (1995), seguiram-se alguns passos. Em primeiro lugar estabeleceram-se contactos. Esta etapa foi complicada porque a comunidade em questão vive completamente excluída da dinâmica social de Vissaium e eu, enquanto investigadora, não conhecia ninguém do bairro. Nem ninguém que conhecesse alguém do bairro. Também tive receio de chegar lá do nada, sem ninguém que me apresentasse, tive medo que me fizessem mal por causa de tudo o que se ouvia falar. Demorei a perceber com quem é que poderia realizar este primeiro contacto, o meu intuito era conhecer alguém da comunidade que me apresentasse à comunidade. Mas não sabia como, então a questão que se colocou foi:

Como é que eu posso chegar às pessoas de Parafernália? Sozinha está fora de questão, vão olhar-me com desconfiança e estranheza, aliás, é bem provável que pensem que sou polícia à paisana. Era ótimo se eu conseguisse conhecer alguém da minha idade ou perto que me ajudasse a chegar aos parafernálenses...pode ser que as pessoas, que eu conheço, que jogam à bola saibam de alguém! Já perguntei a quem achava que me podia ajudar e nada, será que as pessoas de Parafernália estão assim tão à parte, ninguém que andou comigo na escola, ninguém que trabalhou comigo no Mc ou no Pingo Doce de Vissaium conhece alguém de Parafernália! Vou pedir ajuda ao Fabian, trata do futebol de rua de outra cidade mas conhece aqui pessoas e de certeza que alguém de Parafernália já fez parte da equipa de futebol de rua de cá! O Fabian não conhece ninguém do bairro mas falou com quem possa conhecer! O responsável pelo projeto de futebol de rua de Vissaium propôs apresentar-me o

diretor do centro comunitário de Parafernália. Não era bem o que eu procurava mas é uma hipótese, há esperança! O tempo está a passar e ele não viu as minhas últimas mensagens nem respondeu, tenho de me mexer, vou ligar para o centro. Como é que será que as pessoas de Parafernália encaram o centro, será que gostam do seu trabalho, será que não o veem como um aliado da polícia no sentido em que estão para ajudar mas também podem ser os primeiros a denunciar qualquer tipo de tráfico. Será que aliar-me ao centro vai ser bom para conquistar a confiança dos habitantes, será este o caminho? Consegui marcar reunião, o responsável pelo centro foi muito prestável, espero que esta seja uma boa opção. Será que ao aliar-me ao centro vou abrir caminho para a investigação ou provocar ainda mais desconfiança? (Diário de Campo, 25 de março de 2022).

Entretanto foi o dia da reunião, a minha primeira ida ao bairro.

Foi a primeira vez que fui a Parafernália, apanhei o autocarro na central de camionagem e começou a aventura! Eram 14h30, o autocarro tinha pouquinha gente e ninguém que aparentasse ser cigano. Como era a primeira vez que estava a fazer aquele trajeto pedi ao motorista que me avisasse quando tivéssemos a chegar. Como resposta, franziu a testa, levantou as sobrancelhas e disse em tom de desprezo:

- Veja lá, não vá enganada.

Preferi seguir e ignorar aquelas palavras, havia de encontrar a paragem... sentei-me e fui a observar o trajeto até que uma senhora que devia ter por volta dos seus cinquenta, sessenta anos, se sentou próxima de mim. Ajudei-a a posicionar o descanso de braço e facilmente se deu a conversa. Como estávamos a chegar a Parafernália, o assunto foram os ciganos de lá. As primeiras palavras da senhora foram:

- Não quero nada com os ciganos de Parafernália!

Eu inocentemente questioneei a afirmação e a senhora explicou que, uma vez quando era

nova, os ciganos daquele bairro tinham ido a casa da sua família fazer uma reza à mãe. Acrescentou que, para fazer a reza a despiram e que, por isso, a sua mãe chorou. É devido ao sofrimento pelo qual viu a mãe passar que os olha com desdém. Cheguei a Parafernália, percebi porque vi um amontoado de prédios brancos no meio do nada, alguns deles coloridos por pinturas de rua [...] e outros vandalizados com grafitis. Fui a única do autocarro a descer naquela paragem e, ao sair, deparei-me com as ossadas do que em tempos parece ter sido um parque infantil mas agora em chão de areia e com equipamento inutilizável, completamente abandonado [...] Quando encontrei a porta do centro ainda faltavam alguns minutos para a hora marcada e então sentei-me nas escadas em frente e pus-me a observar, até que me cruzei com três meninos e um cão ainda pequeno. Um deles estava na varanda de um apartamento e os outros dois estavam em baixo, do lado de fora com o cão. Falavam alto e tratavam-se por primo, aparentavam ser ciganos. A certa altura o cãozinho veio ter comigo, recebi-o com umas festas e ele lá ficou, aos poucos os meninos foram-se acercando. Com a presença dos três, e na companhia do cão que facilitou o contacto começámos uma conversa e vim a saber que o seu nome é Mota JR como o rapper que morreu. Os meninos foram muito educados na forma como se dirigiam a mim, até me trataram por você e demonstraram sempre ter uma postura muito genuína. Falaram de parkour e utilizaram termos de calão e de português rural, pouco rigoroso (vistes, fizestes). Um deles tem dezasseis anos e os outros dois têm treze, andam todos na escola e foram sempre muito autênticos e amáveis durante a conversa, demonstraram interesse nos estudos tanto que me pediram ajuda para chamar à atenção de um deles que tem faltado às aulas. Pareciam muito felizes e confortáveis com a minha companhia. Não pude deixar de reparar que o mais velho já não tinha os dentes da frente e que no seu lugar existia uma placa dentária. Já estava na hora, despedi-me dos meninos que quando me viram entrar perguntaram em tom de entusiasmo se ia trabalhar lá! Fui de encontro ao diretor do centro e começámos a reunião. Toda a equipa se mostrou muito prestável e com interesse em colaborar na investigação e conseguiram apresentar-me o Asdrúbal,

cigano e habitante do bairro que é mediador e que está a participar num projeto estatal para inclusão de cidadãos migrantes e de etnia cigana, elemento que será crucial para me ajudar a chegar aos habitantes! Expliquei-lhe o meu intuito e mostrou-se logo muito disponível e com vontade de ajudar e transmitiu a ideia de que grande parte da comunidade poderá aceitar colaborar. Percebi também que no bairro já não existe nenhum homem de lei, ou pessoa respeitada e chefe da comunidade. Há algumas pessoas que têm determinada influência sobre certos grupos em específico mas nada é homogêneo. Eu e o Asdrúbal trocámos contatos e combinámos juntar-nos mais tarde consoante a disponibilidade de ambos para que me apresentasse à comunidade. Fui convidada para assistir a uma reunião do projeto no qual está envolvido (Diário de campo, 28 de março de 2022).

O estabelecimento de contactos não ficou por aqui, uns dias mais tarde voltei ao bairro para me encontrar com Asdrúbal e conhecer toda a comunidade!

A visita a Parafernália, no dia em que me fui dar a conhecer à comunidade foi breve e objetiva, estava reticente em relação à receptividade das pessoas quanto ao estudo e à minha presença mas correu tudo pelo melhor. E acompanhada pelo Asdrúbal consegui passar a mensagem certa! Desci do autocarro na paragem de sempre que se situa junto ao parque infantil, virada para a parte frontal da cidade e deparei-me, como de costume, com uma multidão de homens à conversa perto de alguns carros estacionados. Sempre que saio do autocarro há olhares que me deixam constrangida e não sei se acontecem por ser uma pessoa nova e diferente ou se por ser mulher e andar na rua, isto porque nas ruas da cidade se veem muitos homens a conversar mas não se vê nenhuma mulher com eles, só aparecem de vez em quando à janela ou só se veem quando estão a entrar em casa porque foram a casa da vizinha ou ao centro comunitário. O verdadeiro convívio de rua só acontece entre homens, rapazes e crianças (meninos e meninas). Tentei não dar grande importância aos olhares e dirigi-me ao centro comunitário para me encontrar com o Asdrúbal e

juntos fomos passear pelo bairro. À medida que nos íamos cruzando com alguém explicávamos quem eu era, o objetivo do estudo e o que faria durante as visitas a Parafernália. Sentí um grande à vontade por parte das pessoas, disponibilidade para colaborar e interesse em que as suas vozes fossem ouvidas. Conheci uma senhora, cigana toda vestida de negro e com um cabelo muito curto, como se usasse corte de homem que elogiou o facto de querer trabalhar sobre o tema e fez questão de dizer que naquele lugar toda a gente me iria tratar bem e que:

- É um bairro que tem a fama mas não tem o proveito!

Percebi também, que lá não vivem só ciganos, vivem imigrantes de outras etnias e até de outras nacionalidades, algumas pessoas negras, e uma família proveniente da América Latina. E durante o passeio pelo bairro fui-me apercebendo da escassez e falta de condições dos espaços de lazer e de desporto. O parque infantil está ao abandono e sem condições de segurança, mas como é o único espaço do género em Parafernália, continua a ser utilizado e o mesmo acontece com o campo de futebol que também está despido de manutenção e de condições de segurança. Na rua não se vê um único espaço de convívio, nem um simples banco de rua! É de salientar que num bairro que também é habitado por crianças - que por sua vez ainda não são conscientes de muitas coisas e brincam muito na rua - existem ratazanas vindas de um buraco que aparenta ser de esgoto. Outra coisa que o Asdrúbal me contou que me deixou pensativa foi que na associação mais próxima, que é um espaço de convívio, cultural e recreativo disponível para os habitantes, não permitem a entrada de pessoas de etnia cigana (Diário de campo, 4 de abril de 2022).

O contacto com o Asdrúbal foi muito frutífero, numa primeira etapa, foi um informante privilegiado! Posteriormente realizou-se uma identificação do terreno onde se fez uma contabilização de habitações,

Esta terceira visita foi das mais ricas em termos de conteúdo, os jovens e as crianças ainda estavam de férias da Páscoa o que me permitiu ver e saber muita

coisa com facilidade! A prioridade do dia era a contabilização do número de habitações e a minha ideia era entrar em cada prédio, ir subindo e ao mesmo contando o número de portas [...]. Acabei por aproveitar a onda de ajuda para pedir ao senhor Ramiro se podia entrar no seu prédio para ter noção das condições da estrutura só que o senhor Ramiro percebeu mal e levou-me a conhecer a sua casa e a do filho, o que para mim ainda foi melhor (Diário de campo, 5 de abril de 2022)!

Não obstante, a contabilização do número de habitações ficou feita. Em cada lote existem quatro andares, em cada andar existem duas portas o que quer dizer em cada entrada há oito habitações. No bairro há cento e quatro habitações.

Contabilização do nº de habitações

Lote	Nº de andares	Nº de portas por andar	Nº de habitações
			Total = 104
1	4	2	8
2	4	2	8
2A	4	2	8
3	4	2	8
4	4	2	8
5	4	2	8
6	4	2	8
7	4	2	8
8	4	2	8
9	4	2	8
10	4	2	8
11	4	2	8
12	4	2	8

Tabela 1- Contabilização do nº de habitações

Fonte: DC, 5/4/2022

De seguida fez-se a identificação da população através de uma análise socioeconómica proveniente da aplicação de questionários, relatada num capítulo seguinte. Depois da aplicação dos questionários, aplicaram-se entrevistas de carácter semiestruturado com o objetivo de aprofundar questões mais específicas. A sua análise contribuiu para a elaboração de alguns capítulos seguintes.

Criaram-se laços e definiram-se (de maneira natural) os informantes privilegiados. Asdrúbal, Esperança e Maria foram os meus informantes privilegiados!

O Asdrúbal é um homem muito aprumado, sempre bem vestido, com camisa, calça de sarja e sapato de cerimónia. Adora festa, anda sempre muito bem-disposto e conhece todos os cafés e restaurantes do país (Diário de campo, 2 de abril de 2022).

A D. Esperança [...]. Notei que era uma senhora muito frustrada por viver onde vive, não se identifica com os vizinhos. Sente-se sozinha e que quando apanha alguém com quem se identifica não se cala... É muito amistosa mas fala tanto, bocejei umas quantas vezes mas consegui muito bom material (Diário de campo, 1 de julho de 2022).

E a Joana, minha doce Joana! Foi uma pessoa que me acolheu muitíssimo bem! Tudo começou depois de lhe aplicar uma entrevista.

“A senhora [...] pediu-me ajuda para chegar ao programa do Hernâni e ser a sua porta-voz porque queria expor a situação...consegui um email (Diário de campo, 20 de junho de 2022)”.

A Joana é uma jovem mulher, mãe de dois filhos pequenos que vive no último andar de um lote que só tem escadaria, não há elevador. E tem uma doença que lhe dificulta de forma aguda a locomoção.

Quando estava a descer para ir ter [...] encontrei a Joana a subir a escadaria para chegar a casa, com muito embaraço devido às dificuldades de locomoção provocadas pela doença (esclerose múltipla). Acompanhei-a até sua casa e

conversámos sobre a sua situação, contactamos com uma advogada e decidimos fazer um requerimento à Câmara e só depois tomar uma atitude mais assente (Diário de campo, 22 de junho de 2022).

Comprometi-me a ajudá-la a mudar de casa, a procurar uma maneira de a mudar para uma casa rasteira! E assim começou a nossa amizade! A Joana foi a informadora mais importante dos três, com ela passei horas a conversar! Soube coisas de tudo e de todos!

fui [...] a casa da Joana para dar andamento ao assunto da reunião com a ANEM (Associação Nacional de Esclerose Múltipla). Nesse dia fiquei lá toda a tarde, conversámos como nunca tínhamos conversado e descobri novas coisas sobre o bairro, as pessoas que lá moram e sobre a vida privada de Joana (Diário de campo, 20 de Outubro de 2022).

2 A HABITAÇÃO

2.1 As políticas de habitação social em Portugal: o trajeto histórico

As políticas de habitação social referem-se a um conjunto de medidas e ações implementadas pelos governos ou entidades públicas para garantir o acesso a habitações adequadas e a preços acessíveis a grupos populacionais de baixos rendimentos ou em situação de vulnerabilidade socioeconómica. Esta política tem como principal objetivo combater a exclusão social, reduzir a carência habitacional e promover a igualdade de oportunidades no acesso à habitação¹⁹.

A política de habitação social abrange diferentes áreas de intervenção, tais como a construção de novas habitações sociais, a reabilitação de edifícios degradados, a promoção do arrendamento social, a implementação de programas de apoio à aquisição de habitação por parte de grupos com rendimentos mais baixos. Para além disso, a política de habitação social pode envolver a definição de critérios de elegibilidade para aceder às habitações sociais, a regulação do mercado de arrendamento, a promoção da coesão social nas comunidades habitacionais e o desenvolvimento de políticas de inclusão e acompanhamento social dos beneficiários (Presidência do Conselho de Ministros, 2021, p.27 e 28). Esta política é geralmente implementada em parceria com entidades locais, como autarquias e instituições públicas, bem como com o setor privado e organizações da sociedade civil²⁰. A colaboração entre estes atores é fundamental para viabilizar a construção, a gestão e a manutenção das habitações sociais, assim como para garantir a sustentabilidade e a qualidade de vida das comunidades beneficiárias. A política de habitação social varia de acordo com as realidades e necessidades de cada país, podendo ser influenciada por fatores económicos, sociais, culturais e políticos específicos. O seu objetivo central é assegurar o direito à habitação para todos, independentemente da sua condição socioeconómica²¹. A política de habitação social em Portugal refere-se a um conjunto de medidas e programas implementados pelo governo com o objetivo de garantir o acesso a moradias dignas e a preços acessíveis para a população de baixos rendimentos²², procura intervir no mercado imobiliário para combater a carência de habitações adequadas e a exclusão social²³.

¹⁹ Conclusão retirada através da consulta de várias fontes como a Lei n.º 83/2019 de 3 de setembro presente em <https://pgdlisboa.pt/>, do Portal da Habitação (<https://www.portaldahabitacao.pt/>), do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (<https://www.ihru.pt/>) e da Habisolvis (<https://cm-viseu.pt/>).

²⁰ Consultado em art.º 21.º da Lei n.º 83/2019 de 3 de setembro em <https://pgdlisboa.pt/> a 17 de julho de 2023.

²¹ Consultado em art.º 18.º da Lei n.º 83/2019 de 3 de setembro em <https://pgdlisboa.pt/> a 17 de julho de 2023.

²² Consultado em Portal da Habitação (<https://www.portaldahabitacao.pt/>) a 17 de julho de 2023.

²³ Consultado em artg.65º da Constituição da República Portuguesa.

Além disso, são também desenvolvidas medidas de apoio à habitação para grupos específicos, como idosos, pessoas com deficiência, jovens e famílias monoparentais.

O governo português tem trabalhado em parceria com entidades locais, como as autarquias e instituições públicas²⁴, assim como com o setor privado e organizações da sociedade civil, para promover a construção e a gestão de habitações sociais. O objetivo é assegurar que a habitação seja acessível, sustentável e integrada em comunidades diversificadas, promovendo assim a coesão social. A política de habitação tem origem em diferentes períodos históricos e contextos, abrangendo diversos países. Em geral, a política de habitação surge como resposta às condições precárias de habitação e à necessidade de garantir moradias adequadas para a população.

Durante o século XIX, com a industrialização e o crescimento das cidades, muitas áreas urbanas enfrentaram problemas de superlotação, habitações insalubres e falta de infraestruturas básicas. O crescimento das cidades foi impulsionado pelo fenómeno de migração das áreas rurais, consequência da expulsão dos camponeses das suas terras [Engels, 1983 (1872) p.16]. No entanto, as antigas cidades, que antes eram voltadas para a manufatura e abrigavam pequenas empresas, não estavam preparadas para enfrentar o intenso *boom* industrial que se seguiu. Consequentemente, ocorreram alterações urbanas significativas: ruas foram alargadas, casas foram demolidas e a indústria ocupou o seu espaço, reduzindo drasticamente a disponibilidade de moradias dignas e dotadas de condições básicas para a classe operária [Engels, 1983 (1872), p.6]. Esta realidade teve igualmente impacto nas restantes classes oprimidas, incluindo a pequena burguesia, que acabou por ser arrastada pelos efeitos negativos desta situação. O operariado viu-se privado de habitar em casas no centro da cidade devido à sobrevalorização da localização, decorrente do processo de industrialização. Por sua vez, à pequena burguesia foi retirada, de forma indireta, a oportunidade de manter os seus estabelecimentos comerciais de pequena escala na zona central [Engels, 1983 (1872), p.8]. A medida fundamentava-se no argumento de que era crucial fomentar o crescimento da indústria, dado que constituía uma importante fonte de lucro [Engels, 1983 (1872), p.8]. Nesta perspetiva, os interesses dos grandes negócios eram priorizados em detrimento dos interesses dos pequenos negócios. A solução, segundo Engels, seria “eliminar a exploração e opressão da classe trabalhadora pela classe dominante” [1983 (1872), p. 9]. Até lá as classes oprimidas viam-se obrigadas a migrar para os arredores da cidade, onde ainda existiam espaços e custos comportáveis para a habitação e para implantação do pequeno

²⁴ Como por exemplo a habisolvis, consultar em: <https://cm-viseu.pt/pt/areas-servicos/habitacao-municipal/apresentacao-da-habisolvis-e-m/>

comércio. O mesmo se foi passando com países detentores de uma sociedade industrial contemporânea, concluindo-se que, “a oferta da habitação é inelástica, o que implica ineficiências no mercado” (Silva, 1994, p.655), ou seja, o crescimento financeiro de um Estado é determinante para a sua evolução mas é necessário que, segundo Nesslein (1988, p. 101), exista um equilíbrio entre a necessidade de desenvolvimento financeiro de um país e as necessidades da população do mesmo país, caso não aconteça “mercados afectam os bens de acordo com a procura e não de acordo com as necessidades” (Silva, 1994, p.655) e a evolução do todo de um país nunca acontece. Neste contexto, alguns governos começaram a adotar medidas de regulação e intervenção para melhorar as condições habitacionais das classes trabalhadoras (Silva, 1994, p.655).

Paralelamente ao desenvolvimento industrial em Portugal no século XIX, surgiu uma grande instabilidade social que resultou em períodos imensos de fome e pobreza, principalmente nas regiões rurais do país. Assim, verificaram-se significativos fluxos migratórios em direção aos centros urbanos, nomeadamente às áreas metropolitanas do Porto e Lisboa. Por um lado, esses movimentos provocaram um aumento progressivo do número de fábricas, residências e pessoas, mas, por outro lado, condicionaram o acesso a determinadas habitações, tendo em conta o elevado preço da moradia devido à alta procura populacional (Teixeira, 1994, p.560; Pereira, 2003, p.144). Assim, a demanda por habitações aumentou, incentivando a construção de moradias que se adequassem a essa característica. Surgiram, então, as “ilhas”, que se caracterizavam, por serem fileiras de pequenas casas térreas construídas com materiais de baixa qualidade, com um corredor comum que dava acesso à rua (Carvalho, 2018, p.15). Esse tipo de habitação apresentava condições miseráveis: era considerado um foco de propagação de doenças devido à falta de higiene, de redes de saneamento, de abastecimento de água e de instalações sanitárias.

Do ponto de vista da restante população, tanto essas habitações quanto as pessoas que nelas residiam passaram a ser alvo de estigma e marginalização, o que por sua vez gerou novas formas de exclusão social. Por um lado, esses espaços passam a ser vistos como locais de contágio, mas por outro lado também eram considerados um perigo social no que diz respeito à reprodução de valores e costumes familiares (Pereira, 2003, p.140).

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, os problemas habitacionais agravaram-se consideravelmente devido à falta de meios avultados para investir em habitação social. Apesar disso, foi em 1933, ano em que se iniciaram as primeiras políticas públicas de apoio à

habitação em Portugal. Essas políticas foram implementadas através da construção de “Casas Económicas”, como parte da política de Habitação Apoiada.

O programa estipulava que as casas a construir fossem do tipo moradia unifamiliar, e entrassem na posse plena dos moradores a quem tivessem sido atribuídas, mediante o pagamento de um conjunto de prestações calculadas em função do rendimento dos agregados (Baptista, 1999, p.138).

Este modelo não durou muito tempo, em 1938 foi introduzido o modelo das “casas desmontáveis”²⁵(Baptista, 1999, p.138) e mais tarde, em 1945 promulgou-se um decreto-lei que

institui em paralelo a construção pelo estado de habitações económicas em prédios de arrendamento, de forma a que também fosse possível oferecer casas para alugar a preços sociais. Rapidamente, os bairros de casas unifamiliares cedem lugar a bairros que podendo integrar moradias apresentam formas mais variadas de habitação social (Baptista, 1999, p.138).

De acordo com Joana Simões (2010), é possível identificar quatro fases distintas das políticas de habitação em Portugal. A primeira fase das políticas de habitação em Portugal teve início em 1933²⁶. Neste período, as políticas públicas visavam principalmente regular o arrendamento e congelar as rendas. O Estado não exercia uma intervenção direta nem era proprietário efetivo das habitações. Os decretos-leis promulgados tinham como objetivo fixar as rendas e abordar questões relacionadas com expropriações, fiscalidade e crédito para a construção de “Casas Económicas”. Destacava-se a possibilidade de recorrer ao património de instituições de assistência, mutualidade e beneficência para esse fim (IHRU, 2018). Durante esta fase ocorreu uma maior disponibilidade

²⁵ “solução pretensamente provisória por que passariam as famílias com carências graves de habitação que se julgasse necessitarem de um estágio de preparação antes do acesso às casas de propriedade resolúvel” (Baptista, 1999, p.138).

²⁶ Conforme Luís V. Baptista (1999), Cidade e Habitação Social: o Estado Novo e o Programa de Casas Económicas em Lisboa, Oeiras, Celta.

de habitação pública e a promoção de rendas moderadas, habitações cooperativas e o arrendamento em geral (Simões, 2010, p.40).

Na segunda fase, que teve início após a Revolução de 25 de abril de 1974, o Estado adotou o crédito bonificado para facilitar o acesso à habitação própria. Foi criado o Programa de Política Habitacional (PPH), que tinha como principal objetivo a construção de cem mil unidades habitacionais, por meio de programas-padrão do Fundo de Fomento da Habitação, planos integrados, obras comparticipadas, contratos de desenvolvimento para habitação, o Serviço de Apoio Ambulatório Local e a Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, cooperativas habitacionais e outras entidades privadas. A Resolução do Conselho de Ministros enfatiza a aquisição de propriedade individual como solução desejável para abordar o problema de carência habitacional, sendo necessário mobilizar financiamento público para subsidiar o crédito aos particulares. A terceira fase das políticas de habitação ocorreu entre 1986 e 1993, caracterizando-se por um impulso considerável da iniciativa privada com ênfase na aquisição de habitação. Nesse contexto, foi estabelecido o Instituto Nacional de Habitação, cujo objetivo principal era regular a intervenção do Estado no setor habitacional. Durante esse período, houve um foco significativo na promoção da habitação a custos controlados, no estímulo ao arrendamento e na utilização de contas poupança-habitação para incentivar a poupança. O papel do Estado foi novamente reduzido, com foco nas responsabilidades de planeamento estratégico, na regulação normativa e na canalização de investimentos públicos, tanto nacionais quanto comunitários, por meio de terceiros (Simões, 2010, p.50).

Em 1993, surge a quarta fase das políticas de habitação, caracterizada por um maior empenho político no que diz respeito ao direito à habitação e ao combate à exclusão social. Nesta fase destaca-se a implementação do Programa Especial de Realojamento (PER), a criação de habitações sociais para venda, a implementação dos Contratos de Desenvolvimento para Habitação e o estímulo à habitação cooperativa e municipal (Serra, 2002 *apud* Simões 2010). Houve uma descentralização da promoção apoiada de habitação, conferindo aos municípios a responsabilidades de resolver problemas habitacionais. No entanto, apesar dos esforços do Estado em desenvolver projetos de apoio à construção de bairro habitacionais dignos, as adversidades no âmbito residencial persistiam devido aos materiais de baixa qualidade utilizados e à escolha de zonas periféricas para a construção dos edifícios. Além disso, as habitações eram concebidas primordialmente como alojamentos negligenciando as necessidades socioeconómicas relacionadas com infraestruturas, serviços, atividades económicas, lazer e sociabilidade. O

conceito de habitação social, que refere-se a moradias construídas e adquiridas com o apoio financeiro do Estado, por meio de benefícios fiscais e financiamento para compra de terrenos, construção e promoção habitacional (IHRU, 2018).

A realidade habitacional atual é fortemente influenciada por um passado carente de políticas habitacionais que respondesse adequadamente às necessidades das pessoas, resultando em efeitos significativos para a população desfavorecida. Além da privação de uma habitação condigna, os territórios habitacionais destinados a indivíduos com baixo poder socioeconómico, como os bairros de habitação social, têm sido socialmente estigmatizados, o que reforça a importância de uma constante reflexão sobre essas questões (Carvalho, 2018, p.47). Desta forma torna-se necessário desenvolver uma variedade de características e particularidades relacionadas com habitação social nos dias de hoje, conferindo-lhes significados positivos, como uma tentativa de combater a pobreza. No entanto, também é importante reconhecer os significados negativos que persistem devido à herança de exclusão e à falta de atenção a essas questões (Carvalho, 2018, p.48).

2.2 Caracterização das habitações sociais do bairro

Neste subcapítulo pretende-se caracterizar fisicamente o bairro, que à primeira vista é *“um amontoado de prédios brancos no meio do nada, alguns deles coloridos por pinturas de rua [...] e outros vandalizados com grafitis”* (Diário de Campo, 28 de março de 2022).

Começar-se-á por apresentar o espaço envolvente que corresponde ao definido como *habitat* pela Lei de Bases da Habitação, como referido no primeiro capítulo. E depois apresentar-se-á a descrição das habitações. A caracterização terá por base notas etnográficas.

Numa fase inicial o foco estará direcionado para as “infraestruturas e equipamentos coletivos”²⁷, mais especificamente para o parque infantil e para o campo de futebol.

Numa das primeiras visitas ao bairro *“[...] deparei-me com as ossadas do que em tempos parece ter sido um parque infantil mas agora em chão de areia e com equipamento inutilizável, completamente abandonado”* (Diário de campo, 28 de março de 2022). E *“sem condições de segurança, mas como é o único espaço do género em Parafernália, continua a ser utilizado”* (Diário de Campo, 4 de abril de 2022). ”

À entrada está um amontoado de silvas, o chão está cheio de lixo e material cortante e a estrutura derrubada e danificada, como se observará nas fotografias seguintes.

²⁷ Retirado de <https://pgdlisboa.pt> a 24 de Julho de 2023.

Entrada do parque infantil



Fotografia 1 - Entrada do parque infantil

Fonte: DC, 5/4/2022

Porta de entrada do parque infantil



Fotografia 2 - Porta de entrada do parque infantil

Fonte: DC, 5/4/2022

Chão do parque infantil



Fotografia 3 - Chão do parque infantil

Fonte: DC, 5/4/2022

Colunas de madeira do parque infantil



Fotografia 4 - colunas de madeira do parque infantil

Fonte: DC, 5/4/2022

Grade do parque infantil



Fotografia 5 - Grade do parque infantil

Fonte: DC, 5/4/2022

Baloiço do parque infantil



Fotografia 6 - Baloiço do parque infantil

Fonte: DC, 5/4/2022

Escorrega do parque infantil



Fotografia 7 - Escorrega do parque infantil

Fonte: DC, 5/4/2022

Entretanto, em relação ao campo de futebol “[...] fui-me apercebendo da escassez e falta de condições dos espaços [...] de desporto” (*Diário de Campo*, 4 de abril de 2022). Que, à semelhança do parque infantil, “[...] está despido de manutenção e de condições de segurança” mas continua a ser utilizado. A estrutura está danificada e cheia de pontos de perigo, como se poderá observar nas fotografias que se seguem.

Paredes do campo



Fotografia 8 - Paredes do campo

Fonte: DC, 5/4/2022

Baliza do campo de futebol



Fotografia 9 -Baliza do campo de futebol

Fonte: DC, 5/4/2022

Gradeamento do campo de futebol



Fotografia 10 - Gradeamento do campo de futebol

Fonte: DC, 5/4/2022

Zonas da parede do campo de futebol



Fotografia 11 - Zonas da parede do campo de futebol

Fonte: DC, 5/4/2022

Parede degradada



Fotografia 12 - Parede degradada

Fonte: DC, 5/4/2022

Piso degradado



Fotografia 13 - Piso degradado

Fonte: DC, 5/4/2022

Passando à descrição das habitações, começando por avaliar o prédio e depois o interior da habitação, “[...] o prédio estava velho, degradado e pouco cuidado. As paredes têm manchas de humidade e o corrimão já tem a pintura muito gasta, não existe elevador” (Diário de Campo, 5 de abril de 2022).

Condições das partes comuns



Fotografia 14 - Condições das partes comuns

Fonte: DC, 5/4/2022

Estrutura degradada



Fotografia 15 - Estrutura degradada

Fonte: DC, 5/4/2022

Pintura do corrimão gasta



Fotografia 16 - Pintura do corrimão gasta

Fonte: DC, 5/4/2022

Parede com manchas de humidade



Fotografia 17 - Parede com manchas de humidade

Fonte: DC, 5/4/2022

Uma das casas que visitei era composta por cinco divisões: “ [...] *uma cozinha, uma sala, dois quartos e uma casa de banho. Os compartimentos têm boas dimensões (Diário de Campo, 5 de abril de 2022)*” mas não têm boas condições. [...] *na casa de banho de uma casa onde habitam idosos com dificuldades de locomoção há uma banheira em vez de um chuveiro e o teto está cheio de humidade tanto que já se tirou a lâmpada para que não haja um curto-circuito (Diário de Campo, 5 de abril de 2022).*

Ou seja, “*nesta casa onde habitam idosos com dificuldade de locomoção é impossível ter luz na casa de banho*” (Diário de Campo, 5 de abril de 2022).

Teto com humidade sem lâmpada



Fotografia 18 - Teto com humidade sem lâmpada

Fonte: DC, 5/4/2022

Na habitação em frente também há o problema da humidade, as paredes têm de ser constantemente tratadas e pintadas pelos habitantes e bocados de teto caem na cozinha. Nesta casa vivem crianças que, por causa dos problemas de humidade, têm problemas respiratórios. Parte do teto da cozinha que caiu acertou na cabeça da mãe das crianças [...] (Diário de Campo, 5 de abril de 2022).

Teto da cozinha



Fotografia 19 - Teto da cozinha

Fonte: DC, 5/4/2022

A próxima questão a ser desenvolvida será a do acesso “às redes de transporte e comunicações”, já mencionada no primeiro capítulo. E, a partir das imagens que se seguem é possível perceber que os autocarros que fazem o percurso de Parafernália até ao centro de Vissaium e de Vissaium até ao centro de Parafernália são poucos (dois, linha 13 e linha 19). A maior parte dos horários de passagem é de manhã e no caso do horário correspondente à linha 19, só existem dois autocarros.

Linha 13

MOV MOBILIDADE URBANA DE VILA CHÃ DE SÁ

Ental + Entre os Pinos 12 e 4.

EMPRESA BERRELLHAS DE CAMIONAGEM LDA

LINHA 13 CENTRO DE MOBILIDADE - VILA CHÃ DE SÁ (VIA REPESES) - CENTRO DE MOBILIDADE

DIAS ÚTEIS

CENTRO MOBILIDADE - COMV	COMV 2	CIDADE POLITÉCNICA (ESCOLA)	BAIRRO DE SÁ	V. CHÃ DE SÁ (S. CASTANHEIROS)	BAIRRO DE PARADINHA	CIDADE POLITÉCNICA (ESCOLA)	COMV 1	CENTRO MOBILIDADE - COMV
-	-	-	-	6.35	-	-	-	6.55
7.00	-	-	-	7.22	7.35	7.44	-	7.55
-	07.04 (B)	-	-	07.45 (B)	7.58	8.09	8.16	-
8.00	-	-	-	8.22	8.35	8.44	-	8.55
-	09.54 (B)	-	-	10.45	-	-	11.01	-
12.35	-	-	12.49	13.02	13.15	13.24	-	13.35
13.35	-	13.44	-	13.58	14.11	-	-	14.30
14.25	-	-	14.40	14.58	-	-	-	15.20
-	17.19 (B)	-	-	17.39 (B)	-	18.18	18.30	-
17.30	-	17.39	17.46	17.59	18.12	-	-	18.30
18.30	-	18.39	18.46	19.01	-	-	-	19.25
-	19.14 (B)	-	-	19.34 (B)	-	-	20.21	-
-	20.04 (B)	-	-	20.40	-	-	-	-

SÁBADOS

CENTRO MOBILIDADE - COMV	COMV 2	CIDADE POLITÉCNICA (ESCOLA)	BAIRRO DE SÁ	V. CHÃ DE SÁ (S. CASTANHEIROS)	BAIRRO DE PARADINHA	CIDADE POLITÉCNICA (ESCOLA)	COMV 1	CENTRO MOBILIDADE - COMV
-	-	-	-	08.22 (B)	8.33	-	8.46	-
12.00	-	-	-	12.14	12.25	12.37	-	12.55
-	13.04 (B)	-	-	13.19	13.34 (B)	14.08	-	14.21
-	20.04 (B)	-	-	20.19	20.34	-	-	-

DOMINGOS E FERIADOS

CENTRO MOBILIDADE - COMV	COMV 2	CIDADE POLITÉCNICA (ESCOLA)	BAIRRO DE SÁ	V. CHÃ DE SÁ (S. CASTANHEIROS)	BAIRRO DE PARADINHA	CIDADE POLITÉCNICA (ESCOLA)	COMV 1	CENTRO MOBILIDADE - COMV
-	-	-	-	08.03 (B)	8.15	-	8.30	-
-	13.49 (B)	-	-	14.01	14.15 (B)	14.52	-	15.06
-	20.04 (B)	-	-	20.16	20.30	-	-	-

OBS: TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL E 2ª FEIRA DE PÁSCOA, EFECTUAM-SE OS HORÁRIOS DE DOMINGOS E FERIADOS

(A) - ITINERÁRIO: COMV - ROSSIO - REPESES - PARADINHA - AV. LUIS MARTINS 1 - AV. LUIS MARTINS 2 - REPESES - ROSSIO - COMV

(B) - HORÁRIO SERVIDO PELA LINHA 19

(D) - VAI ...

ITINERÁRIO: COMV OU COMV2 - ROSSIO - REPESES - PARADINHA - AV. LUIS MARTINS 1 - VILA CHÃ DE SÁ - AV. LUIS MARTINS 2 - REPESES - ROSSIO - COMV OU COMV1

EM VIGOR A PARTIR DE 07 DE SETEMBRO 2020

Linha 19

MOV MOBILIDADE URBANA DE VILA CHÃ DE SÁ

Paragem na porta do autocar

EMPRESA BERRELLHAS DE CAMIONAGEM LDA

LINHA 19 AGUIEIRA - FAIL (VIA HOSPITAL) - AGUIEIRA

DIAS ÚTEIS

AGUIEIRA	HOSPITAL 1	BAIRRO DE SÁ	V. CHÃ DE SÁ (S. CASTANHEIROS)	FAIL (P3)	V. CHÃ DE SÁ (S. CASTANHEIROS)	BAIRRO DE SÁ	HOSPITAL 2	AGUIEIRA
-	-	-	-	06.30 (B)	6.37	-	6.52	7.00
07.00 (A)(B)(D)	7.09	-	7.22	07.30 (B)(D)	7.39	7.58	-	8.20
09.50 (D)	-	-	10.15	10.28 (D)	10.38	-	-	11.05
12.15	-	-	12.39	12.52 (B)	13.03	-	-	13.25
13.25 (A)(B)	13.34	13.43	13.55	14.06 (A)(B)	14.15	14.25	14.40	14.50
14.00 (A)(B)	14.09	-	14.29	14.42	14.52	-	-	15.15
17.15 (D)	-	-	17.45	17.54 (A)(B)(D)	18.04	-	18.24	18.35
18.25 (A)(B)	18.34	-	18.51	19.02	19.11	-	-	19.30
19.10 (D)	-	-	19.40	19.51 (D)	20.02	-	-	20.25
20.05 (A)(B)(D)	20.14	-	20.47	20.58	-	-	-	-

SÁBADOS

AGUIEIRA	HOSPITAL 1	BAIRRO DE SÁ	V. CHÃ DE SÁ (S. CASTANHEIROS)	FAIL (P3)	V. CHÃ DE SÁ (S. CASTANHEIROS)	BAIRRO DE SÁ	REG. INFANT. (IPV1)	AGUIEIRA
-	-	-	-	8.08	8.17	8.33	8.41	8.50
13.00 (A)(B)(D)	13.09	13.19	13.40	13.49	13.58	14.08	14.16	14.25
20.00 (A)(B)(D)	20.09	20.19	20.41	20.50	-	-	-	-

DOMINGOS E FERIADOS

AGUIEIRA	HOSPITAL 1	BAIRRO DE SÁ	V. CHÃ DE SÁ (S. CASTANHEIROS)	FAIL (P3)	V. CHÃ DE SÁ (S. CASTANHEIROS)	BAIRRO DE SÁ	REG. INFANT. (IPV1)	AGUIEIRA
-	-	-	-	7.50	7.59	8.15	8.24	8.35
13.45 (A)(B)(D)	13.54	14.01	14.22	14.33	14.42	14.52	15.01	15.10
20.00 (A)(B)(D)	20.09	20.16	20.37	20.48	-	-	-	-

OBS: TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL E 2ª FEIRA DE PÁSCOA, EFECTUAM-SE OS HORÁRIOS DE DOMINGOS E FERIADOS

(A) - VAI À PORTA DO HOSPITAL

(B) - VAI À CIDADE POLITÉCNICA (ESCOLA/IPV)

(D) - SERVE A LINHA 13

(E) - VAI A PARADINHA

ITINERÁRIO: AGUIEIRA - COMV2 - ROSSIO - HOSPITAL S. TEOTÔNIO/OT* DO GALO/CIDADE POLITÉCNICA (IPV) OU AV. 25 DE ABRIL - REPESES - VILA CHÃ DE SÁ - FAIL - VILA CHÃ DE SÁ - REPESES - CIDADE POLITÉCNICA (IPV/ESCOLA) - AV. 25 DE ABRIL OU 2ª DO GALO/HOSPITAL - ROSSIO - COMV1 - AGUIEIRA

EM VIGOR A PARTIR DE 07 DE SETEMBRO 2020

Fotografia 20 - linha 13 e 19

Fonte: DC, 5/4/2022

3 O BAIRRO

3.1 O território

Parafernália é um bairro situado nos arredores da cidade de Vissaium. Longe do centro e dos serviços. Situa-se a aproximadamente quatro quilómetros dos serviços centrais.

Se os parafernálenses precisarem de ir ao hospital convém que tenham meio de transporte porque senão vão ter que caminhar mais ou menos uma hora. E se não tiverem, esperemos que regressem com saúde, há um longo caminho a percorrer!

Distância de Parafernália até ao hospital

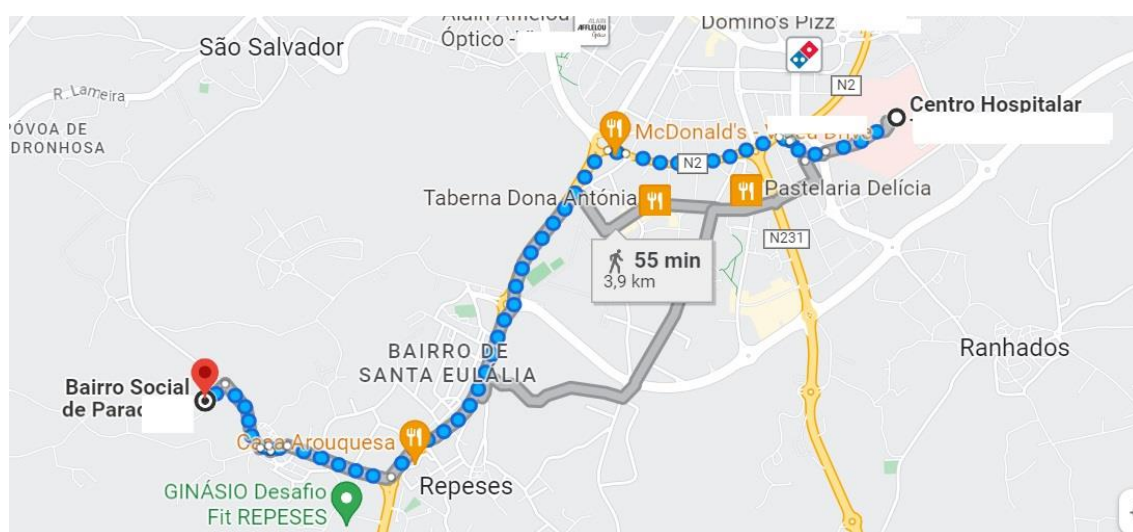


Imagem 1 - Distância de Parafernália até ao hospital

Fonte: Google maps

Os supermercados também são distantes, se precisarem de ir às compras percorrerão no mínimo quatro quilómetros. E por isso, das duas uma: ou têm meio de transporte ou comem muito pouco! Caminhar durante uma hora cheio de sacos não é nada prático – o limiar entre nada prático e muito doloroso é ténue.

Distância de Parafernália até um supermercado central



Imagem 2 - Distância de Parafernália até um supermercado central

Fonte: Google maps

Se existir necessidade de visitar os aposentos do ilustre presidente da Câmara Municipal de Vissaium, passar-se-á por quatro rotundas. São muitas ruas! A pé são cinquenta e dois minutos.

Distância de Parafernália até à CMVissaium

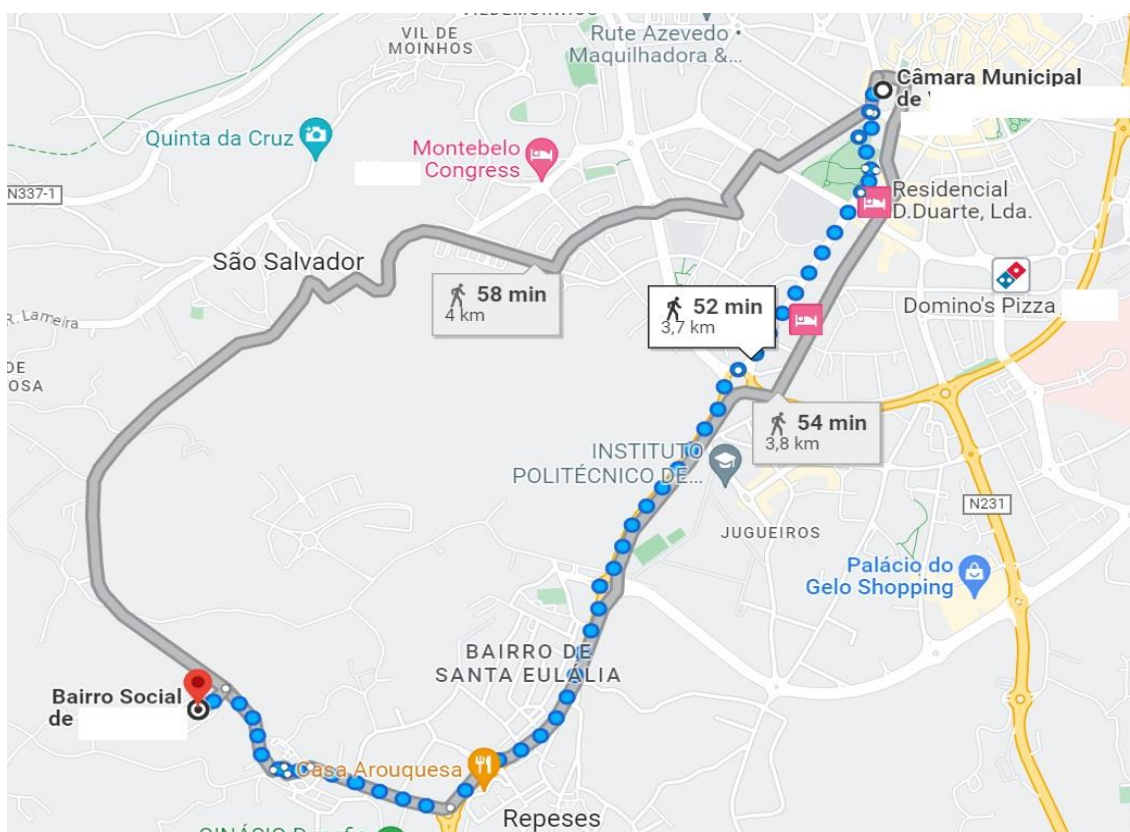


Imagem 3 - Distância de Parafernália até à CMVissaium

Fonte: Google maps

Se o objetivo destes habitantes for ter uma formação académica pública de qualidade, terão de percorrer quarenta e cinco minutos a pé ou aproximadamente três quilómetros de transportes, esperemos que depois de tanto esforço se sintam bem naquela escola!

Distância até uma escola secundária central

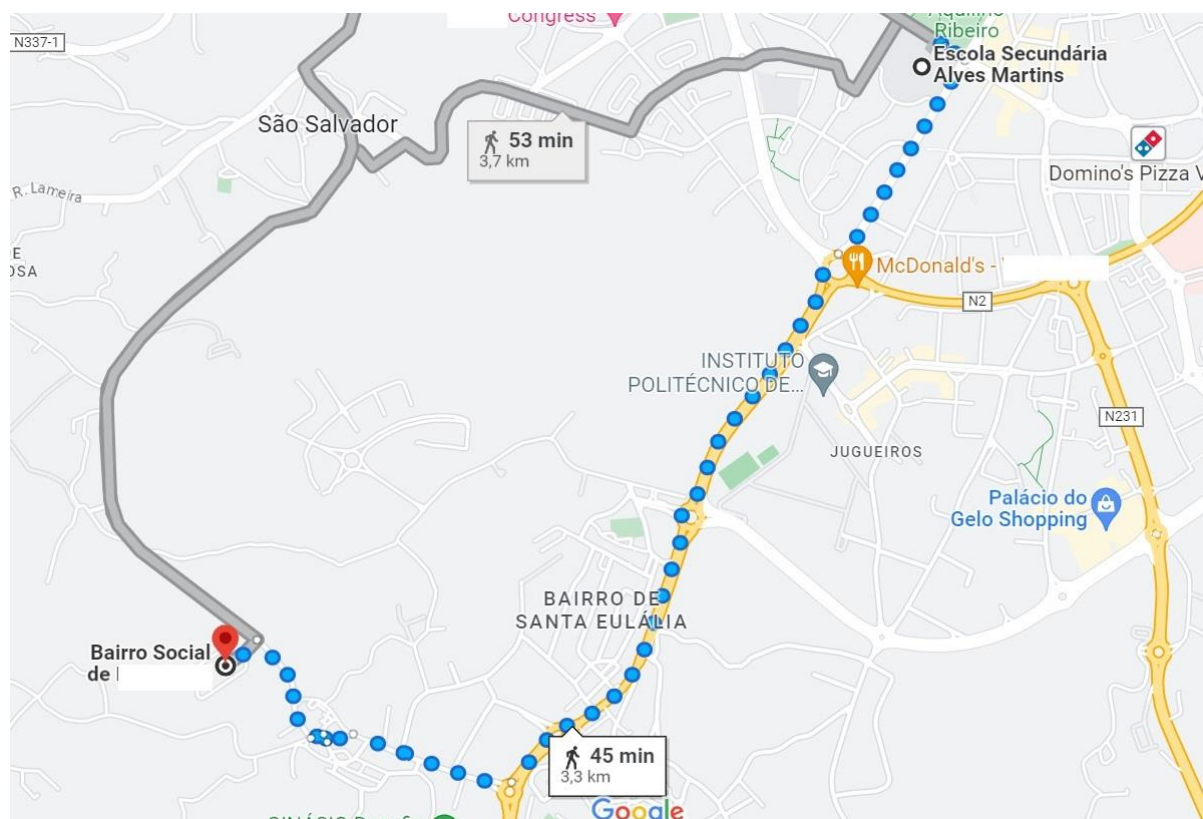


Imagem 4 - Distância até uma escola secundária central

Fonte: Google maps

A loja do cidadão fica muito próxima do hospital, por isso, para atualizar o CC são mais quatro quilómetros! Para chegar às Finanças são outros quatro. O teatro fica a uma hora de caminho (a pé) e a central de camionagem fica a quatro quilómetros.

Distância de Parafernália até à loja do cidadão

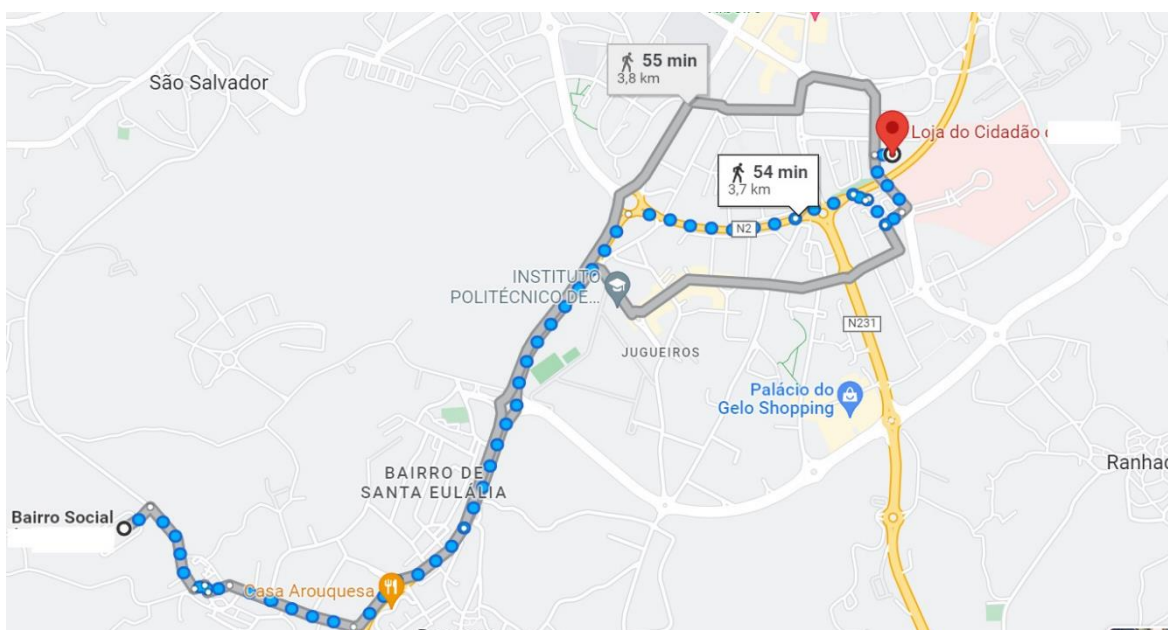


Imagem 5 - Distância de Parafernália até à loja do cidadão

Fonte: Google maps

Distância de Parafernália até às finanças

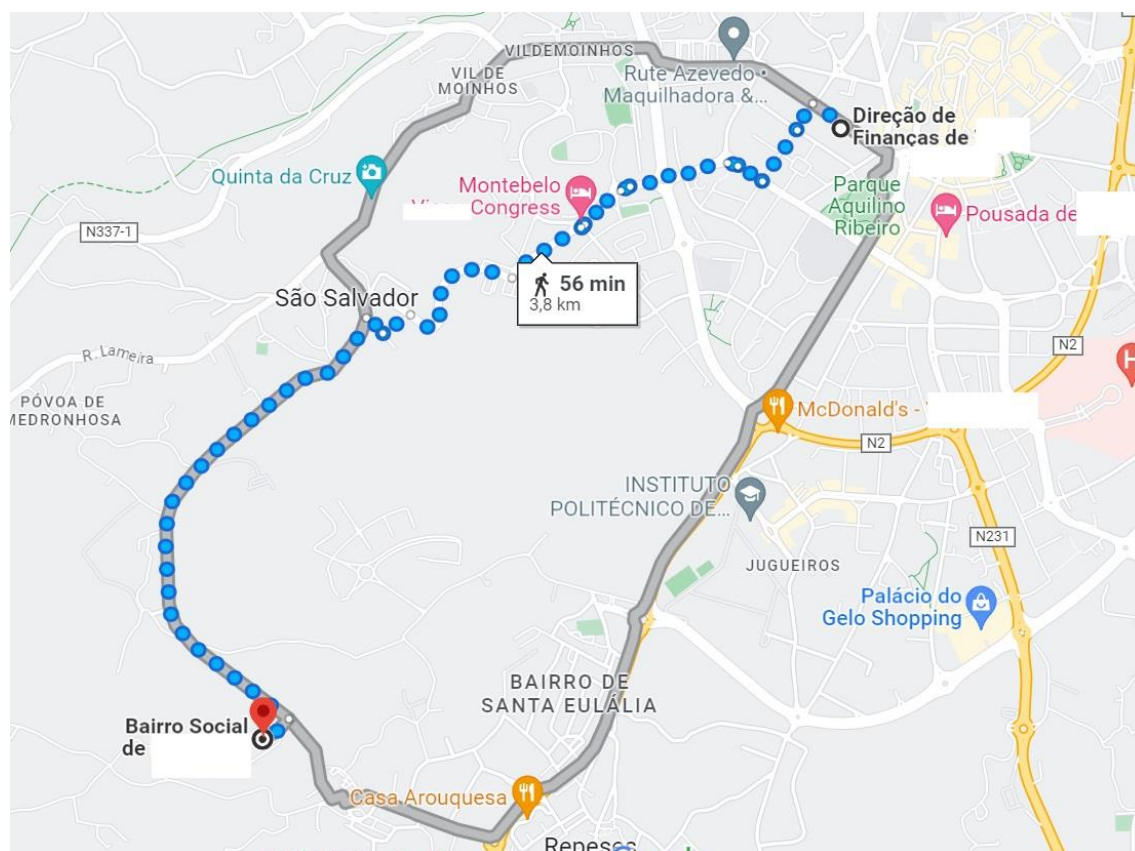


Imagem 6 - Distância de Parafernália até às finanças

Fonte: Google maps

Distância de Parafernália até ao teatro

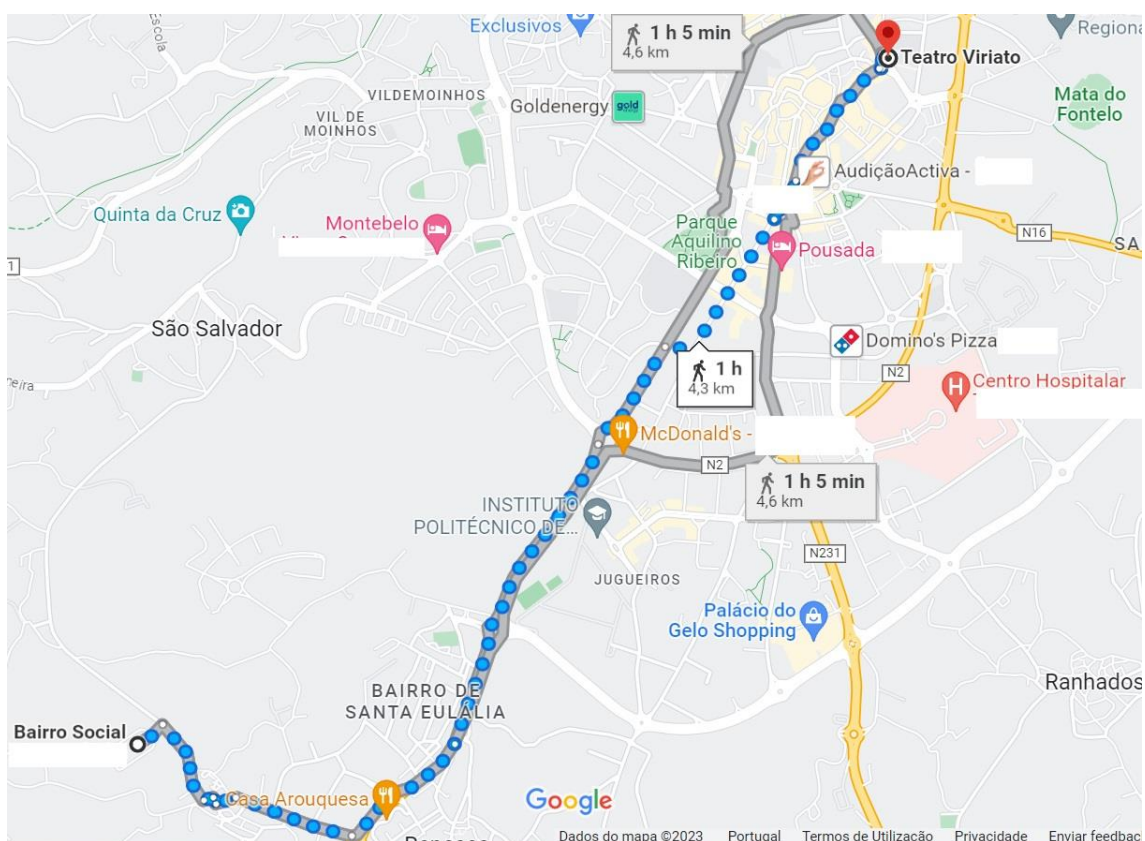


Imagem 7 - Distância de Parafernália até ao teatro

Fonte: Google maps

Distância de Parafernália até à central de camionagem

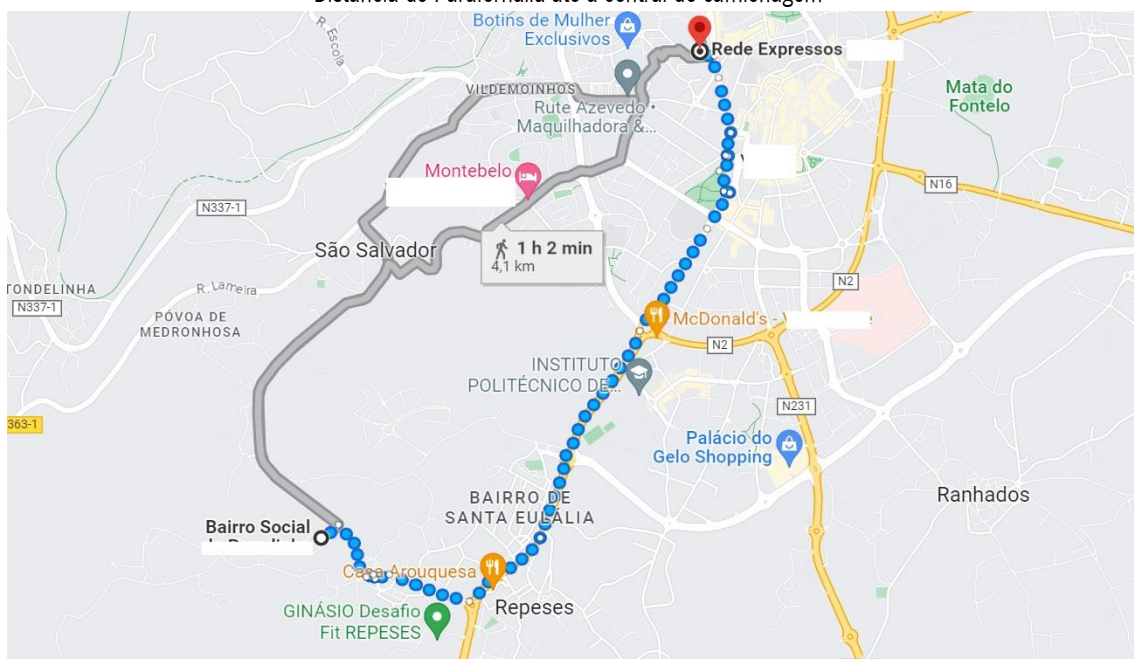


Imagem 8 - Distância de Parafernália até à central de camionagem

Fonte: Google maps

3.2 A história do bairro

Da história do bairro de Parafernália pouco há disponível, os habitantes defendem que o bairro foi criado para realojar ciganos que habitavam a Quinta da Pomba, com o intuito de construir um novo hospital nesse local. Porém, é de notar que os documentos existentes não referem esse facto. Aliás, não há sequer documentos institucionais que abordem explicitamente a necessidade de construção do bairro de Parafernália. Foram consultados artigos da Câmara Municipal de Vissaium, do setor de obras públicas e municipais, referentes ao projeto de construção do bairro e as informações são meramente burocráticas. Concernem a concurso de projeto e contratos de edificação, sabendo-se apenas que a escritura de contrato para elaboração de cento e quatro fogos de habitação social na Aldeia - a que pertence Parafernália, aconteceu a vinte e dois de dezembro de mil novecentos e oitenta e sete (processo número SO.99 OBU), dez anos antes da inauguração do bairro²⁸.

Acrescenta-se após recolha de informação acerca do passado do bairro, via história oral,²⁹ que tudo começou na Quinta da Pomba, como referido anteriormente. Onde existiu um bairro social composto por casas pré-fabricadas, situado ao lado do terreno onde agora é o hospital de Vissaium. O bairro era habitado por pessoas de etnia cigana e, na sua maioria, por pessoas de etnia branca que eram retornadas. E, na altura da construção do novo e atual hospital de Vissaium transferiram os habitantes da Quinta da Pomba para o bairro de Parafernália. Os habitantes acreditam que o sucedido se deveu à necessidade de construção de um novo hospital, junto ao local onde era o bairro social da Quinta da Pomba. E que o facto de existir um bairro social ao lado de um hospital novo não seria de bom grado. Já os funcionários da câmara municipal de Vissaium alegam que as casas pré-fabricadas deixaram de ter condições de habitabilidade, por isso foram retiradas e destruídas. Para as substituir construíram-se apartamentos. A maioria dos habitantes acabou por sair da Quinta da Pomba e arranjar a sua própria casa, grande parte dos retornados que habitavam o bairro conseguiram refazer as suas vidas e melhorar as suas condições económicas.

No bairro de Parafernália a generalidade dos habitantes é de etnia cigana, alguns vieram da Quinta da Pomba, juntamente com uma minoria de retornados, e outros de Abraveses, localidade

²⁸ Conforme notícias publicadas em jornais da época, a inauguração do bairro de Parafernália aconteceu em 1997. Informação retirada de *Diário Regional* (8/3/1997). *Aldeia vai receber novos...inquilinos*. Só que, de acordo com a memória dos habitantes mais antigos, as casas começaram a ser habitadas em 1996, o que suscita algumas dúvidas em relação à data de inauguração do bairro.

²⁹ É de ressaltar que a recolha de informação via história oral se efetuou junto de habitantes do bairro de Parafernália e profissionais da câmara municipal de Vissaium que trabalharam com a comunidade.

onde foram transferidos porque no sítio onde viviam construíram uma estrada e um posto de bombas de gasolina. A comunidade da Quinta da Pomba foi a primeira a habitar Parafernália e, passado cerca de vinte anos, chegou a de Abraveses. Os habitantes mais antigos relatam que quando chegaram não foram bem recebidos pelos habitantes vizinhos. Estes elaboraram um abaixo-assinado para que não se construísse um bairro de habitação social no local. Os naturais tinham “muito preconceito e bastante receio”, estes foram “os dois motivos principais que levaram a população [...] a protestar contra a ocupação de alguns novos apartamentos, naquela localidade, por parte de cidadãos portugueses de etnia cigana”³⁰.

Nenhum dos moradores possui registos fotográficos do bairro em estado inicial, mas guardam na memória imagens de um local limpo e arranjado, adornado por canteiros de flores. O facto de não existirem registos fotográficos poderá ser sinónimo de inexistência de meios para o fazer e, consequentemente, de poucos recursos.

3.3 Os habitantes: caracterização socioeconómica

De maneira a caracterizar socioeconomicamente os habitantes do bairro de Parafernália aplicou-se um questionário. Este divide-se em duas secções, a primeira é alusiva à caracterização pessoal e a segunda é referente ao agregado familiar e à sua descrição.

O questionário foi aplicado nos dias quatro, cinco e seis de maio de 2022. As três tentativas de aplicação ocorreram em horários entre as dezoito e as vinte horas, com exceção da última tentativa, que se efetuou em horário das quinze às vinte horas. Aplicaram-se trinta e nove exemplares, abrangendo menos de metade da população residente, cerca de trinta e nove por cento das famílias. Muitos habitantes não quiseram colaborar por questões de doença ou falta de vontade, e houve dificuldade de contacto com certos moradores porque algumas das portas dos prédios estavam fechadas e as campainhas avariadas, impossibilitando a aplicação do questionário.

Nesta parte do estudo procura-se fazer uma caracterização socioeconómica da população do bairro social de Parafernália, incluindo no conjunto a população que usufrui de habitação de forma legal e ilegal. A análise tem por base vários indicadores: o de género, o de idade, o de nacionalidade, o de etnia, o de habilitações académicas, o de profissão, o de estado civil, o de agregado familiar, o de rendimento total, o de despesas totais, o de bens familiares e a sua

³⁰ Informação retirada de *Diário Regional* (26/6/1996). *Moradores de Aldeia contra vizinhos ciganos*.

caraterização, e o de apoios subsídios ou abonos e a sua descrição. Os questionários foram aplicados por habitação e direcionados ao responsável familiar³¹. A primeira parte da análise é alusiva à caraterização pessoal do/a inquirido/a, nesse sentido, o primeiro indicador é o de género.

É importante referir que todas as informações presentes em análise são fruto das respostas dos inquiridos e que o modelo de inquérito por questionário estará anexado, garantindo-se o anonimato.

Género

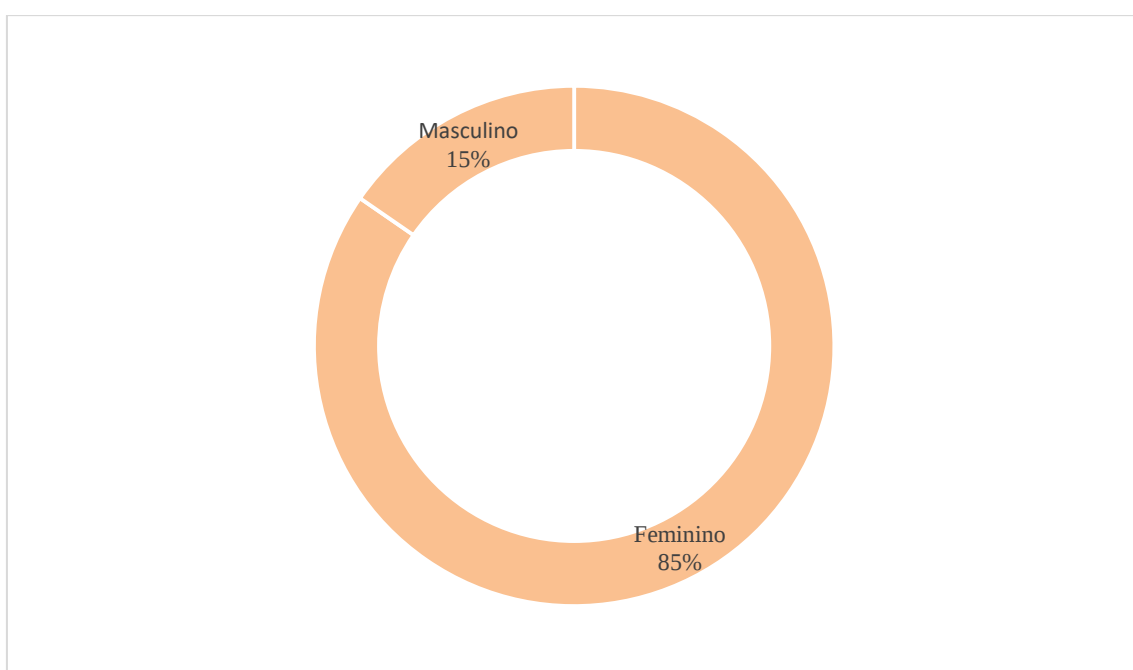


Figura 1 - Género

Fonte: CSPBSP

A partir da análise do gráfico presente na figura 1 conclui-se que o género predominante entre a população inquirida é o feminino: com uma percentagem de oitenta e cinco por cento, ou seja, a larga maioria do total dos inquiridos. A população, como será notório numa próxima análise de indicador, é constituída na sua generalidade por famílias de etnia cigana e nesses casos considerou-se como responsável pela família o homem mais velho, o pai (Beirante *et al.*, 2012 & Mourão, 2011). Mas a pessoa mais provável de se encontrar em casa é a mulher, ou a mãe, e a

³¹ Elemento da família responsável pelo bem-estar e pela organização das dinâmicas familiares.

este facto se devem os resultados. Noutro tipo de situações, em que os responsáveis pelo agregado foram abordados na rua e em que os dois membros do casal estavam presentes, quem respondeu ao questionário – por escolha do casal – foi a mulher. Este acontecimento demonstra que as hierarquias no seio das famílias de etnia cigana são bastante flexíveis. Em momentos de exposição ou comunicação o protagonismo é da mulher.

Idade de cada inquirido por intervalo

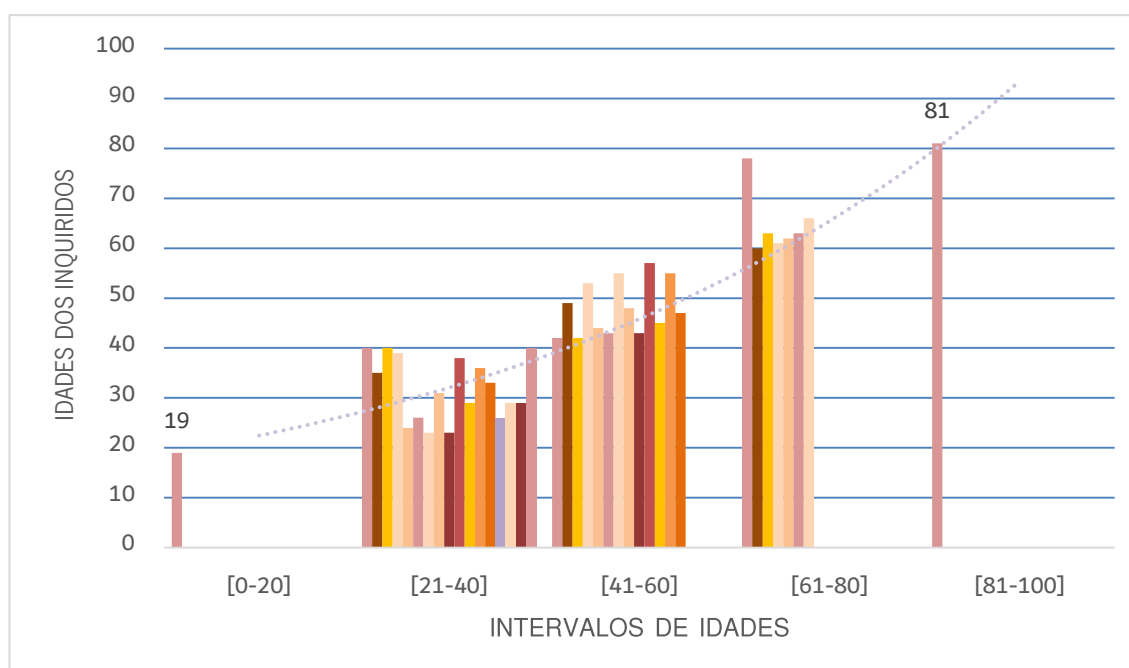


Figura 2 - Idade de cada inquirido por intervalo

Fonte: CSPBSP

Ao observar o gráfico que constitui da figura 2 é possível depreender que as idades dos inquiridos são relativamente diversificadas, o que significa que os tutores das famílias inquiridas têm idades que variam entre os dezanove e os oitenta e um anos. Famílias com membros responsáveis de idades inferiores a vinte anos são efeito de reclusão de tutores/progenitores; famílias com membros responsáveis de idades superiores a sessenta anos são fruto de reclusão dos progenitores/tutores ou falta de condições financeiras ou de saúde dos mesmos para garantir os cuidados necessários à família. Há casos em que os pais estão encarcerados e a guarda dos menores é entregue aos avós, assim como casos em que os pais não têm condições económicas nem habitacionais para abrigar os filhos e optam por deixá-los ao cuidado dos avós ou até situações em que mais de três gerações vivem no mesmo espaço e o responsável continua a ser o homem

mais velho.

Nacionalidade

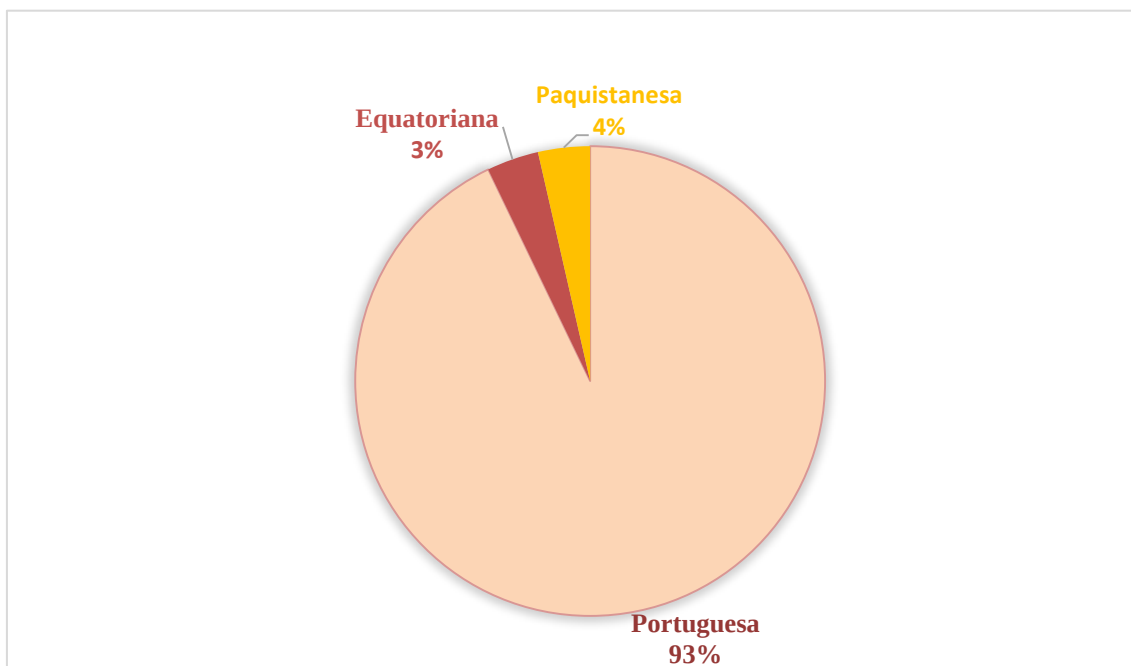


Figura 3 - Nacionalidade

Fonte: CSPBSP

O gráfico apresentado na figura 3 permite constatar que a maioria da população inquirida é de nacionalidade portuguesa, existindo também outras nacionalidades como a equatoriana e a paquistanesa. Um número significativo dos inquiridos de nacionalidade portuguesa nasceu em Angola enquanto ainda era território português. Provêm de famílias que em tempos de colónias emigraram para o país em busca da melhoria de condições de vida. Mais tarde, como consequência da revolução de 1974, abandonaram a colónia. Os que ainda tinham família em Portugal conseguiram normalizar rapidamente as suas vidas mas também houve quem viesse sozinho e sem condições, com necessidade de recorrer às respostas de empoderamento social (Peralta, 2019, p.60).

As etnias dos inquiridos

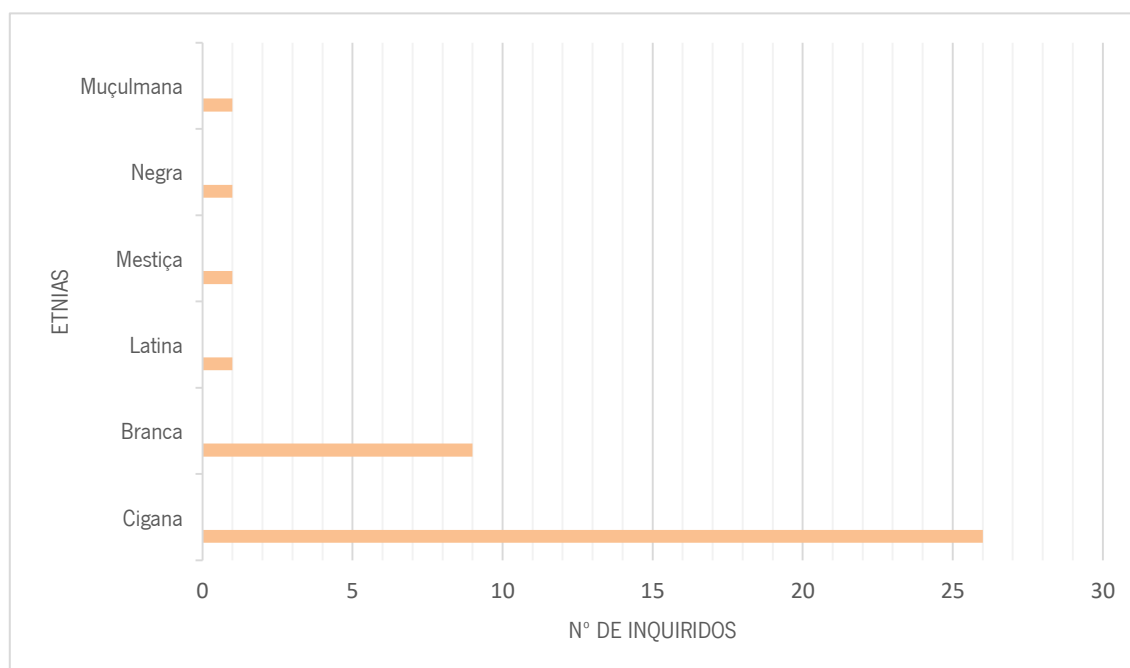


Figura 4 - As etnias dos inquiridos (segundo o inquirido, autoidentidade)

Fonte: CSPBSP

Considera-se, segundo os dados apresentados pelo gráfico constatado na figura 4, que os inquiridos se identificam com seis etnias diferentes sendo que a etnia cigana é a que mais se faz representar, seguida da etnia branca. Das etnias apresentadas, a cigana acolhe cerca de sessenta e quatro por cento dos inquiridos e consequentes famílias e a branca abarca cerca de vinte e três por cento dos inquiridos e respetivas famílias. As restantes etnias – latina, mestiça, negra e muçulmana- simbolizam, individualmente, perto de três por cento do total dos inquiridos e das suas famílias. Pode, por isso, concluir-se que a população migrante que habita o bairro é uma minoria em relação à população total. É então, importante, face a este ponto, refletir sobre o conceito de etnia³². O conceito refere-se ao âmbito cultural e caracteriza um grupo étnico como

³² Etnia é o termo empregue para descrever um grupo que partilha noções intrínsecas a uma identidade cultural comum. A etnicidade é uma qualidade de quem vive em etnia, que se baseia no conjunto de valores e normas sociais que distinguem os membros de um determinado grupo de outro. Um grupo étnico é aquele cujos membros partilham uma consciência distinta de uma identidade cultural comum e que os difere de outros grupos à sua volta. As diferenças étnicas estão, geralmente, associadas a variações de poder e de riqueza material, há casos em que as diferenças étnicas também se consideram raciais, o que provoca separações marcantes entre grupos numa sociedade (Giddens, 2005, p.567).

uma comunidade assente por afinidades linguísticas, culturais e eventuais semelhanças genéticas que tende, geralmente, a reclamar para si uma estrutura social, política e um território o que poderá impactar e influenciar a vida e o quotidiano das minorias exteriores à comunidade vigente (Santos et al., 2009, p.45).

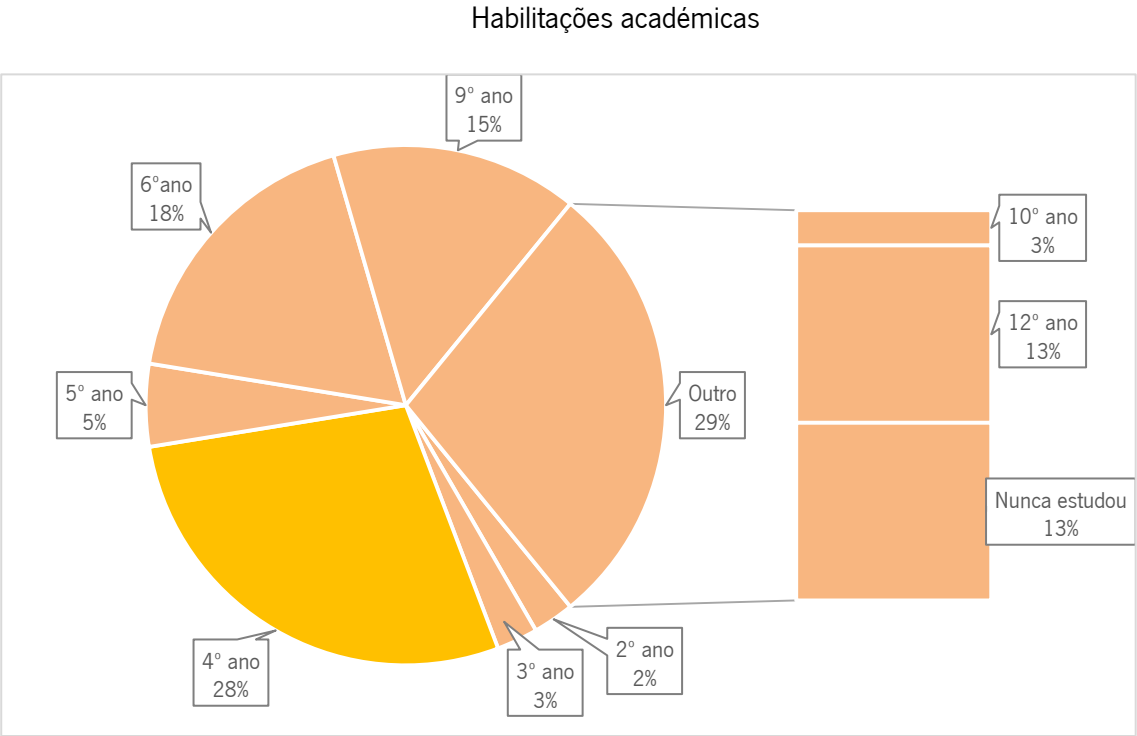


Figura 5 - Habilitações académicas

Fonte: CSPBSP

As profissões dos inquiridos

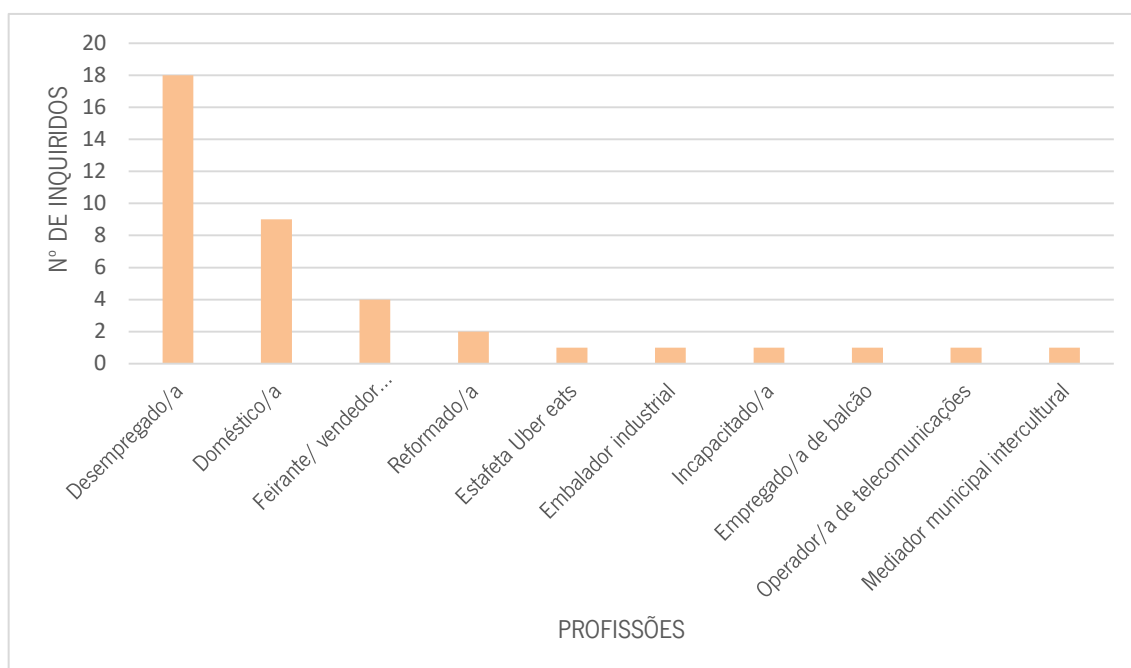


Figura 6 - As profissões dos inquiridos

Fonte: CSPBSP

Segundo o tratamento dos dados recolhidos em relação ao tópico Profissão apreende-se que grande número da população inquirida está desempregada. Conforme o representado na figura 6, admite-se que as profissões com mais representatividade são a de doméstico/a e a de feirante/ vendedor ambulante/ comerciante. O facto da maioria da população estar desempregada pode dever-se a diversos fatores, como, por exemplo, o de exclusão social promovido pela pobreza e consequentes representações de estigma e preconceito que dificultam o acesso ao mercado de trabalho tornando a conjuntura apelativa à criminalidade (Goffman, 1891, p. 27), uma espécie de sindemia relativa a problemas sociais (Parker & Camargo, 2000).

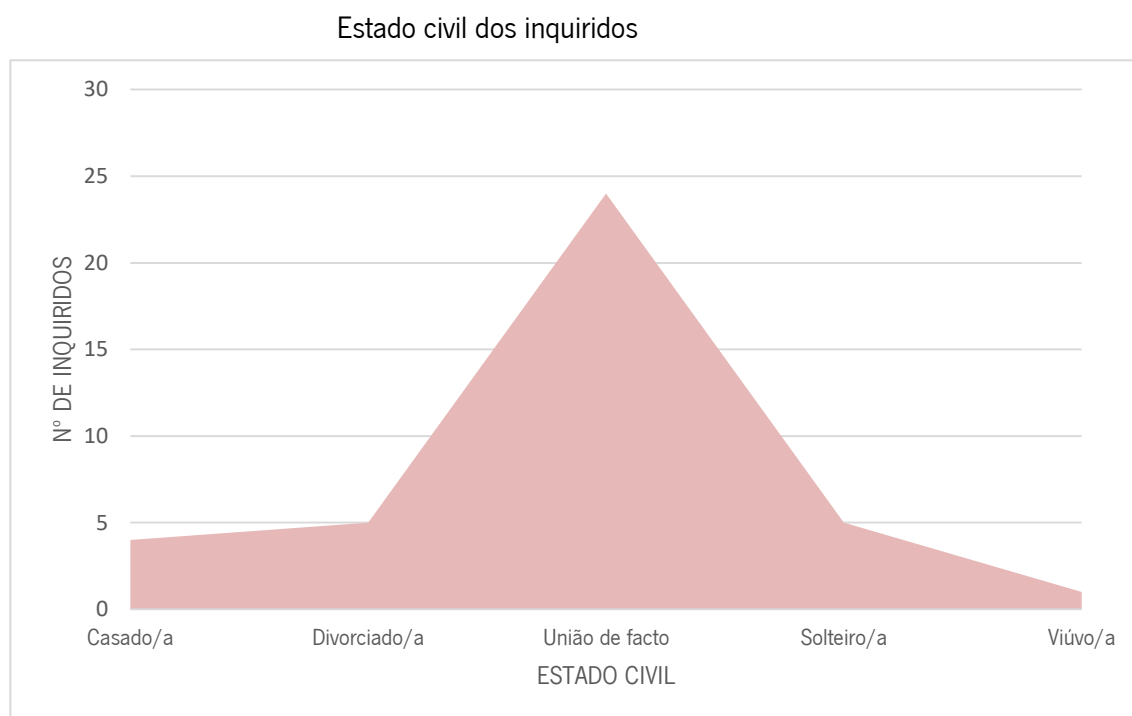


Figura 7 - Estado civil dos inquiridos

Fonte: CSPBSP

Conforme os dados indicados pelo gráfico apresenta na figura 7, cerca de mais de metade dos inquiridos é solteiro e vive em regime de união de facto.

Composição do agregado familiar

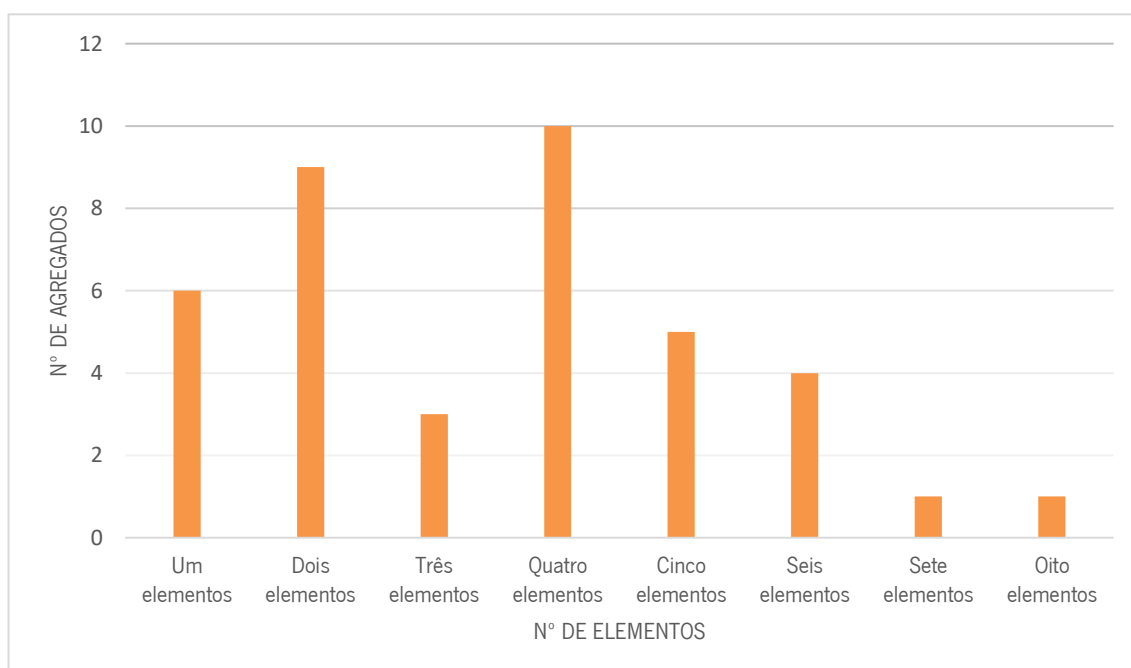


Figura 8 - Composição do agregado familiar

Fonte: CSPBSP

A quantidade de elementos dos agregados familiares dos inquiridos é variada, existindo desde agregados com um só elemento a agregados com oito elementos. A opção que mais se verifica é a de quatro elementos (figura 8).

Descrição do agregado familiar segundo o número e qualidade dos elementos familiares

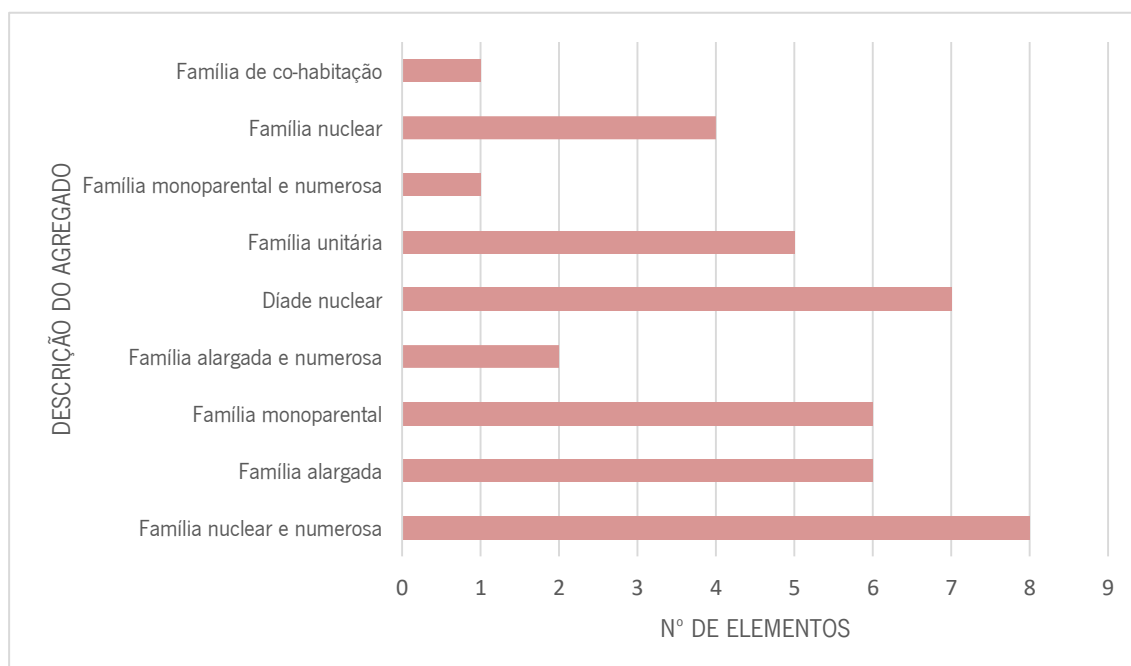


Figura 9 - Descrição do agregado familiar segundo o nome e qualidade dos elementos familiares

Fonte: CSPBSP

De acordo com a informação apresentada na figura 9, a tipologia de família que mais se verifica entre as famílias dos inquiridos é a de família nuclear e numerosa. Ou seja, uma “família com uma só união entre adultos e um só nível de descendência, [...] pai e mãe e o(s) seu(s) filho(s)” (Caniço et al., 2010) e numerosa porque são famílias com crianças e jovens de idades muito variadas e por isso estão em fases distintas do seu desenvolvimento individual. “Trata-se de uma família que exige apoio social e grande versatilidade dos cuidadores (pais, avós ou outros), quer devido ao número de crianças e jovens, que habitualmente é mais elevado, quer às diferentes exigências de cada grupo etário” (Caniço et al., 2010). O segundo tipo de família mais presente entre a população inquirida é a díade nuclear, família em que existe um casal sem filhos (Caniço et al., 2010). É curioso observar que os dois tipos de famílias que mais representam os inquiridos são o oposto um do outro, num há uma relação conjugal com vários filhos de diferentes idades e noutra há apenas o casal.

Cruzamento de dados entre o total de famílias nucleares e numerosas e etnias

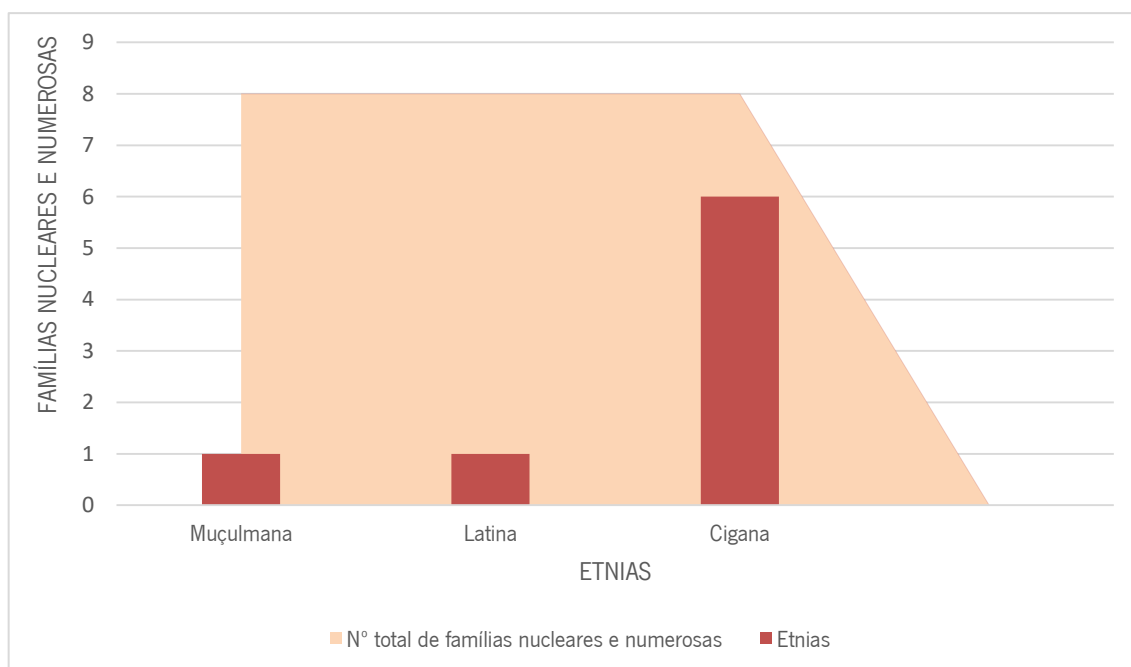


Figura 10 - Cruzamento de dados entre o total de famílias nucleares e numerosas e etnias

Fonte: CSPBSP

Conforme o gráfico demonstrado na figura 10, das oito famílias de tipo nuclear e numerosa que correspondem a menos de um quarto do total de inquiridos – seis são de etnia cigana, uma de etnia latina, e outra de etnia muçulmana. Nenhuma das famílias de etnia branca, negra e mestiça inquiridas representa esta tipologia.

Idade dos pais ao nascimento do primeiro filho

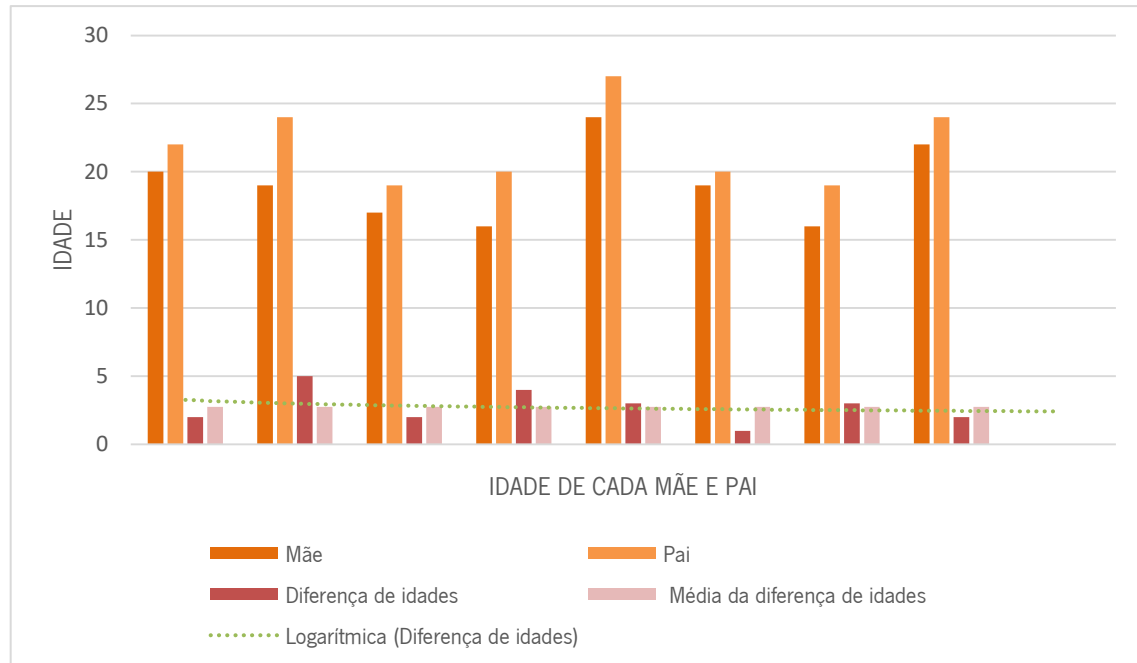


Figura 11 - Idade dos pais ao nascimento do primeiro filho

Fonte: CSPBSP

O gráfico exposto através da figura 11 revela que o padrão de idades de mãe pela primeira vez varia entre os catorze e os vinte e quatro anos o que se poderá traduzir em fator de gravidez precoce. E o padrão de idades de pai pela primeira vez varia entre os dezanove e os vinte e sete anos. A média da diferença de idades entre pais e mães de famílias nucleares e numerosas é de aproximadamente três anos o que significa que os pais são, geralmente, três anos mais velhos do que as mães.

Valor do rendimento total mensal da família *per capita*

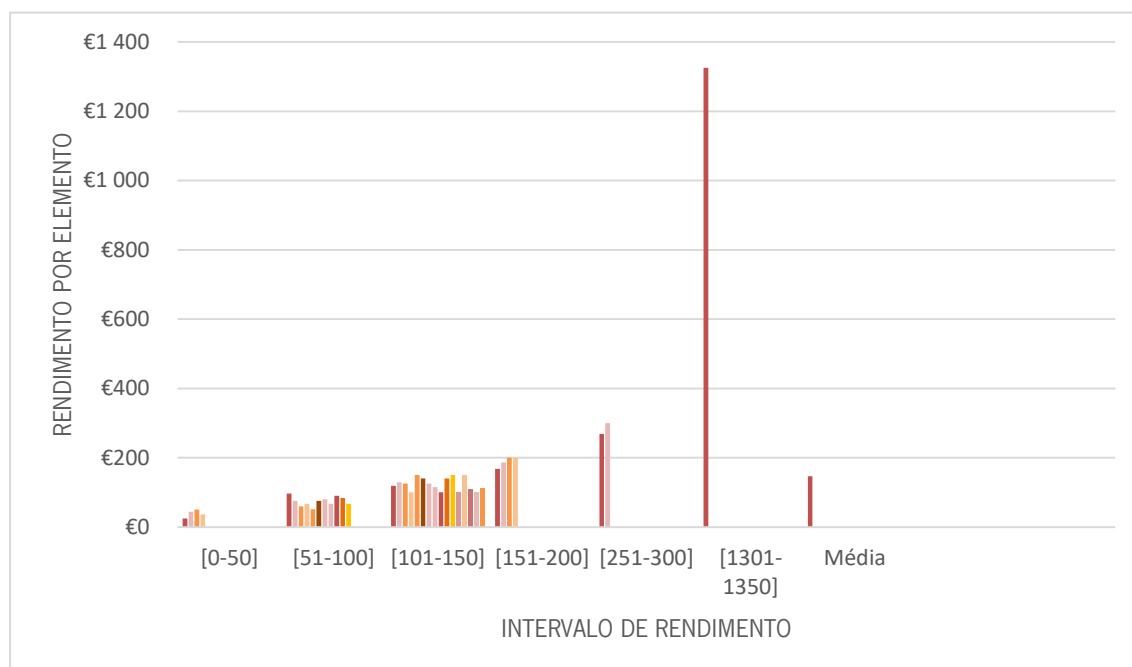


Figura 12 - Valor do rendimento total mensal da famílias per capita

Fonte: CSPBSP

A análise correspondente acerca dos dados recolhidos relativos ao tópico “Valor do rendimento mensal da família *per capita*” (figura 12) transmite que o valor do rendimento mensal dos elementos familiares é variado, sendo que a maioria recebe valores entre cem e os cento e cinquenta euros. Em média, cada elemento do total dos agregados dos inquiridos disporá de cento e quarenta e sete euros por mês o que, bem evidentemente, não é suficiente para suprir as necessidades materiais mais básicas.

Valor total das despesas mensais familiares *per capita*

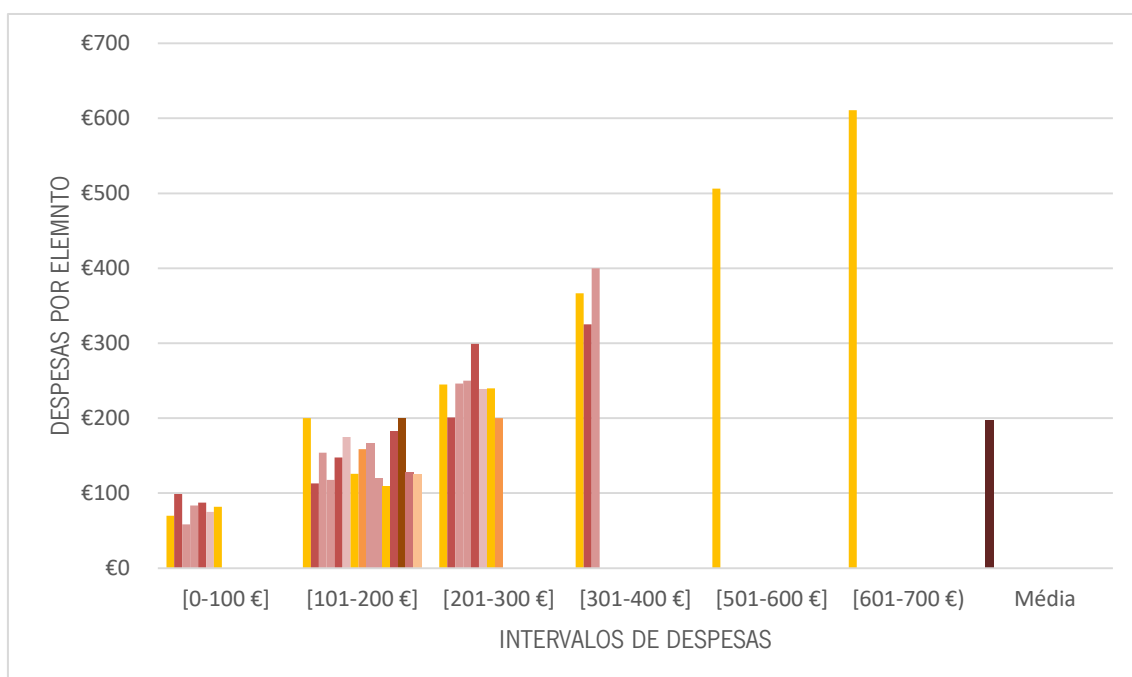


Figura 13 - Valor total das despesas mensais familiares per capita

Fonte: CSPBSP

O valor das despesas mensais familiares *per capita* (figura 13) ronda em volta do intervalo dos cem a duzentos euros, valores ligeiramente mais elevados ou equivalentes à maior parte dos rendimentos apresentados. Em média, cada elemento do total dos agregados dos inquiridos despenderá de cento e noventa e sete euros por mês, quando dispõe apenas de cento e quarenta e sete euros. As despesas parecem, assim, ser superiores aos ganhos, num valor de cinquenta euros.

Ao refletir sobre as conclusões indicadas anteriormente percebe-se que a maioria das famílias dos inquiridos são extremamente pobres e que, segundo os dados apresentados, terão grandes dificuldades em suportar todas as despesas, considerando o rendimento auferido indicado. Intui-se, nomeadamente pelas notas do Diário de Campo, que para colmatar tal facto alguns dos elementos que compõem os agregados familiares possam recorrer, regularmente ou ocasionalmente, a ganhos ilícitos que devido ao seu teor não foram mencionados aquando da aplicação do questionário. O assunto será aprofundado de forma qualitativa noutro capítulo deste trabalho³³. Infere-se também que nas ciências sociais, ao contrário do que eventualmente é mais frequente em ciências exatas, os dados se revelam ambíguos e, consequentemente, mais

³³ O tema será desenvolvido através das teorias expostas no subcapítulo: Estigma e crime.

complexos de interpretar de modo inequívoco (Barnes, 1990, p.133 a 149). A recolha dos dados ocorre por intermédio de declarações proferidas por atores sociais a investigadores, através das quais estes se expressam. Nesse contexto, emergem discrepâncias notáveis entre o que os atores sociais proferem e a realidade objetiva que se pretende investigar, tornando a tarefa de análise ainda mais desafiadora. Na maioria das vezes as discrepâncias são evidências de falsidade fruto da manipulação de informação por parte dos atores sociais que o fazem para se protegerem (Barnes, 1994, p.58). E, neste caso, por questões de estabilidade financeira, é possível que os inquiridos tenham manipulado a informação referindo e demonstrando que são muitíssimo necessitados com o intuito de justificarem o apoio das instituições públicas e privadas de solidariedade social.

Bens materiais das famílias

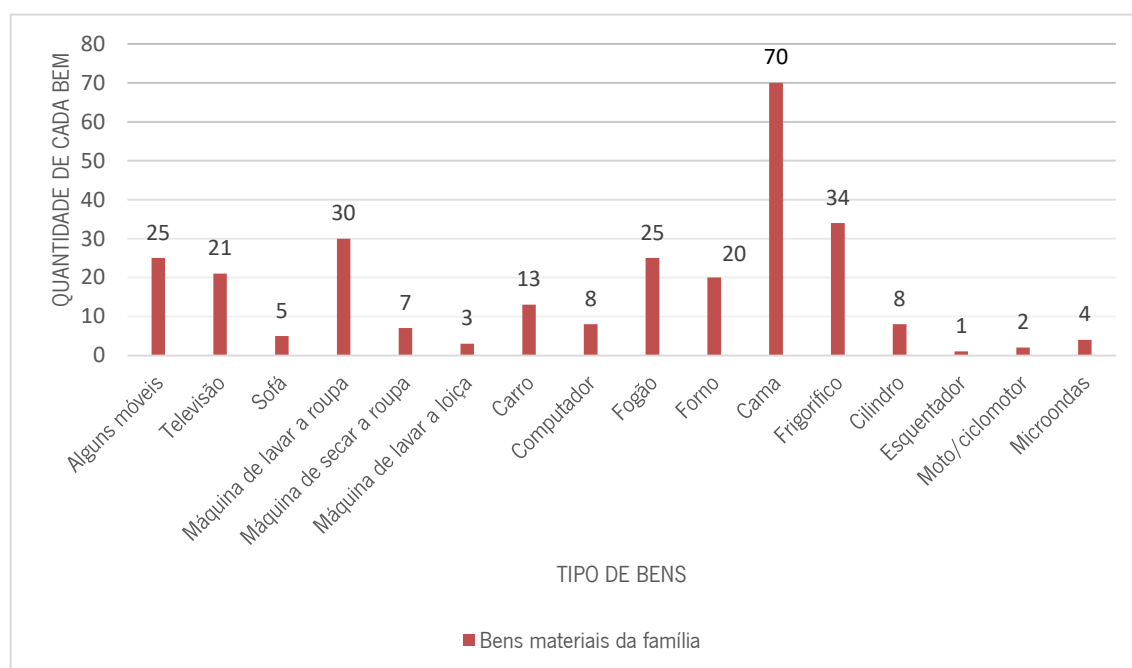


Figura 14 - Bens materiais das famílias

Fonte: CSPBSP

Afere-se, como realça o gráfico apresenta na figura 14, que os bens materiais possuídos pelas famílias são na sua maioria bens de primeira necessidade como frigoríficos, camas, fornos, fogões e máquinas de lavar a roupa.

Valor total dos bens familiares

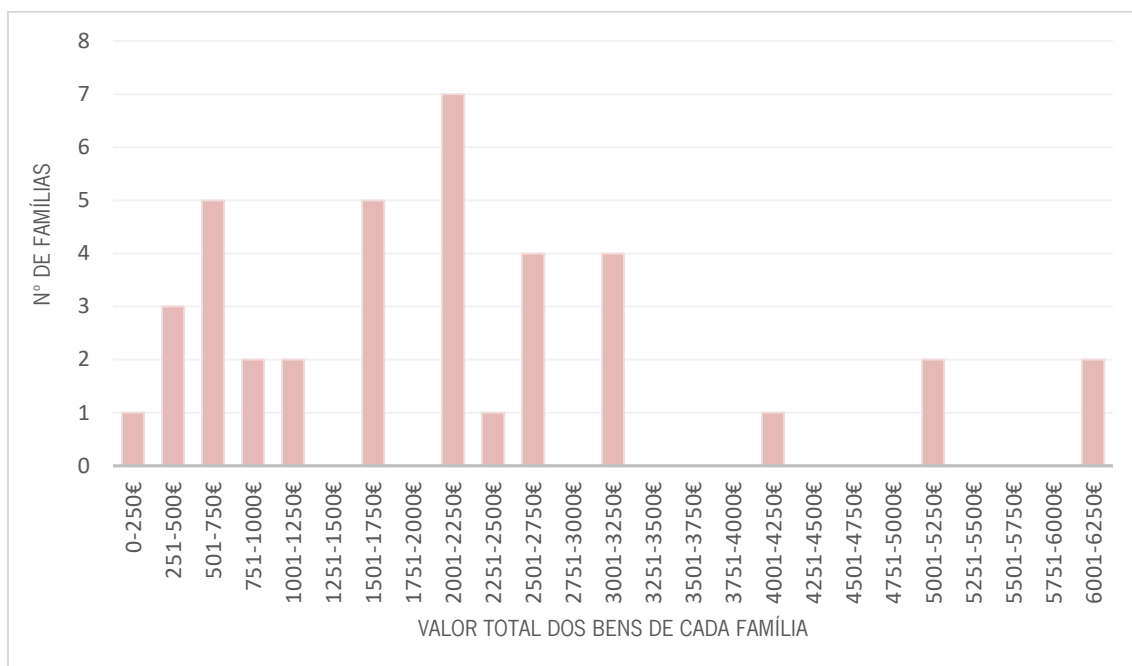


Figura 15 - Valor total dos bens familiares

Fonte: CSPBSP

Através da leitura do gráfico que constitui da figura 15 entende-se que maior parte dos bens adquiridos pelas famílias vale, atualmente, entre dois mil a dois mil duzentos e cinquenta euros.

Rendimento social de inserção

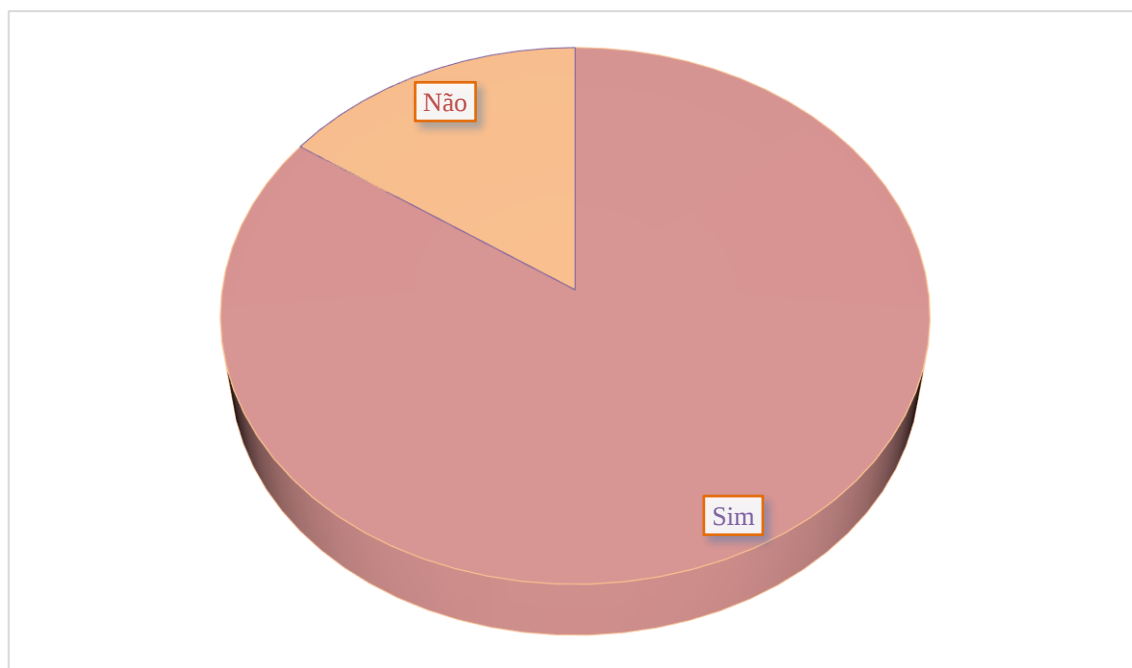


Figura 16 - Rendimento social de inserção

Fonte: CSPBSP

Conforme a leitura dos dados apresentados anteriormente (figura 16) nota-se que mais de metade das famílias dos inquiridos é beneficiária do rendimento social de inserção.

Apoios, subsídios e abonos

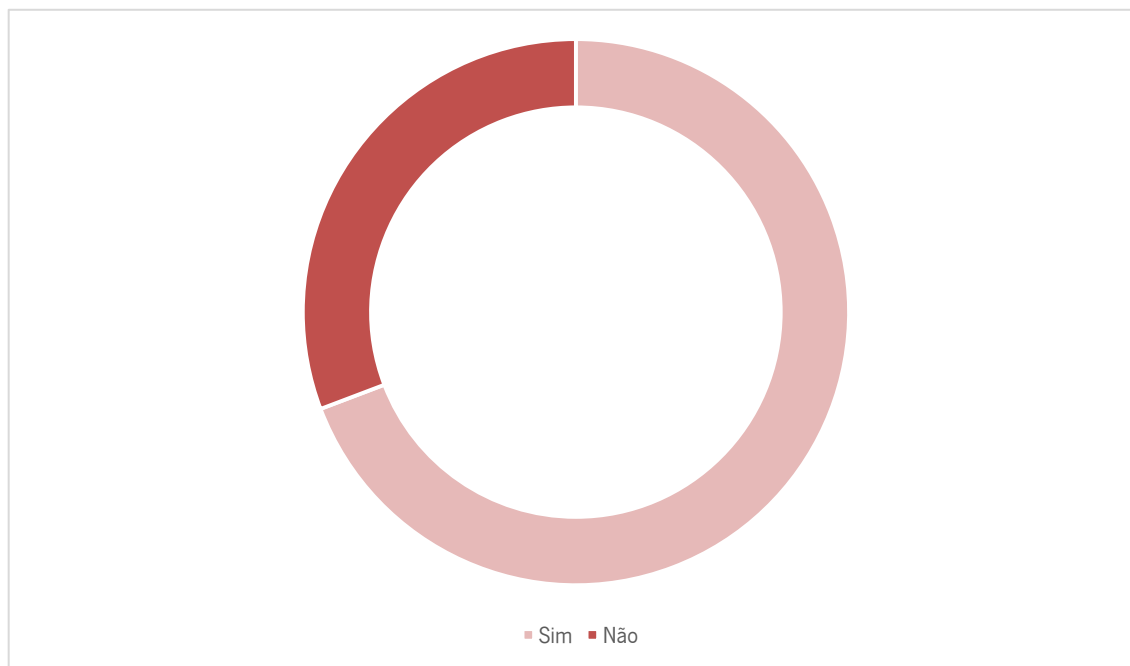


Figura 17 - Apoios, subsídios e abonos

Fonte: CSPBSP

E para além do rendimento social de inserção, o gráfico anterior (figura 17) demonstra que alguns dos inquiridos também beneficiam de outros apoios, subsídios ou abonos.

Descrição dos apoios, subsídios e abonos recebidos pelos inquiridos

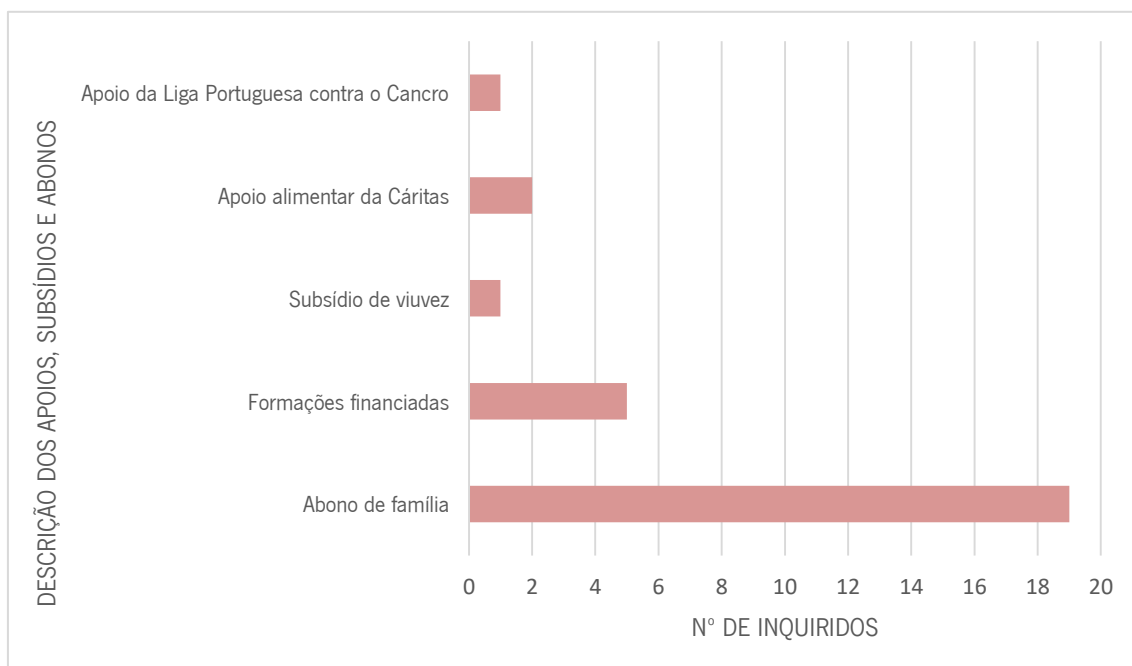


Figura 18 - Descrição dos apoios, subsídios e abonos recebidos pelos inquiridos

Fonte: CSPBSP

De acordo com o tratamento dos dados em relação à descrição de apoios, subsídios ou abonos recebidos (figura 18) entende-se que a maior parte dos inquiridos beneficia do abono de família. Os rendimentos, subsídios e abonos recebidos não completam um quadro que garanta a estabilidade da economia familiar incitando certo tipo de atos pouco legais e ou não declarados.

4 ESTIGMA

4.1 Estigma e representações sociais

O termo estigma foi criado pela sociedade grega e era referente a sinais corporais que evidenciavam características do *status* moral de quem os possuía. Os sinais eram feitos através de marcas de cortes ou de fogo e identificavam quem os possuía, associando-a a uma identidade social, como por exemplo, a um criminoso, a um escravo ou a um traidor. Hoje em dia o termo continua a ter um significado muito semelhante só que já não se baseia em marcas físicas. O que acontece é que a sociedade cria categorias e padrões de identificação para membros de cada categoria (Goffman, 1981, p.5). E o estigma surge como fruto da relação entre atributo e estereótipo (Goffman, 1981, p.7).

Existem três tipos de estigma: as abominações do corpo, as culpas de carácter individual e os estigmas de raça, nação ou religião. As abominações do corpo são, nada mais nada menos que, deformidades físicas. As culpas de carácter individual referem-se a circunstâncias da vida do indivíduo, doenças ou características da pessoa. Como por exemplo, situações de desemprego, reclusão, doença mental e homossexualidade. E os estigmas de raça, nação ou religião podem ser transmitidos através de ensinamentos familiares. Todos os tipos de estigma apresentados possuem uma característica comum: ser referentes a indivíduos que poderiam integrar-se com facilidade nas relações sociais quotidianas. Mas que possuem uma característica que chama à atenção e afasta os semelhantes, destruindo a possibilidade de evidenciar os seus atributos (Goffman, 1981, p.7 e 8). É de notar que o normal e o estigmatizado não são pessoas, são apenas expectativas geradas em situações sociais, durante contactos mistos (Goffamn, 1981, p.117).

Segundo Goffman, umas das condições necessárias à vida social estável e sem conflito é que todos os atores sociais se regam pelo mesmo padrão-norma de expectativas (Goffman, 1981, p.108 e 109). Será que a estabilidade e a inexistência de conflito se adequam a uma sociedade dinâmica?

Na cidade de Vissaium, à qual pertence o bairro de Parafernália, há uma vida social relativamente estável e sem conflito aberto. A vida entre os habitantes da cidade, que na sua maioria se rege pelo mesmo padrão-norma de expectativas, decorre tranquilamente.

Mas a vida para os habitantes de Parafernália (que também pertencem a Vissaium e são uma minoria) não é nada fácil, a perspetiva que se tem desta população é baseada na situação social em que se incluem. Os habitantes de Parafernália, por serem de classe baixa e viverem num bairro

social, são facilmente associados ao crime e à violência. Para que se perceba melhor o impacto desta teoria, apresentar-se-ão testemunhos dos Parafernaisenses.

Os testemunhos advêm da aplicação de entrevista em que constam várias questões. Relativamente à questão: Sabe o que é estigma e preconceito? Já alguma vez se sentiu vítima de algum deles? Pode explicar como foi a situação e descrever o que sentiu?, obtiveram-se várias respostas. A maior parte dos entrevistados diz já ter sido estigmatizado, relata que foram olhados de maneira desconfiada, tratados com inferioridade ou não foram incluídos. Enumeram alguns espaços onde se sentiram discriminados, como em cafés, restaurantes, lojas e no local de trabalho.

Adriana diz que “por exemplo nos cafés, a gente entra e eles olham assim um bocadinho de lado porque somos da etnia que somos e uma pessoa sente-se mal, não é!”. Jorge, o marido de Adriana que teve vontade de intervir, conta sobre o que lhes acontece nas lojas: “numa loja, uma simples loja o segurança já anda atrás da gente, a sério, o segurança já começa a vigiar, aqui em Vissaium, aqui em Vissaium é a terra do mesmo, do racismo! Aqui em Vissaium são racistas”. Adriana recorda uma situação que viveu quando foi a um restaurante:

- Eu entrei num restaurante, aquilo não é restaurante, aquilo é uma pastelaria só que fazem lá comida, opá eu gostava de ir lá comer, eu gosto da comida de lá mas depois eu comecei a reparar que somos tratados diferentes dos outros, olha o atender deles não era normal, era aquele atender Francisca que tu vês...a despachar mesmo a pessoa, parece que ficavam, quando a gente entrava eles ficavam enriqueitos [irrequietos] de ver tantos clientes lá a entrar e entrarem dois ciganos e sentarem-se na mesa e começarem com medo, ficam assustados com a nossa presença, naquele café que eu entrei ficam, chegou a um certo pouco de me darem carne toda torrada e eu ir pedir para trocar porque estava tudo torrado e ela disse-me que não havia mais e eu tive que entregar a comida, levantarmo-nos e irmos embora, acho que aí já te sentes um bocadinho discriminada, não é Francisca?

Esperança admite ter-se sentido estigmatizada no local de trabalho “conclusão havia aquela coisa de eu ser aqui do bairro e tratavam-me por exemplo eu é que tinha de ir limpar o cocó, o lixo, eu era tratada com inferioridade por ser do bairro.”

Adriana remata com a seguinte declaração:

- Há pessoas que entendem que somos todos pessoas, Francisca, há outras que não entendem, entendes? E sermos discriminados um bocado, por falta de conhecimento da realidade e se calhar por falta de humanismo.

Relativamente à questão: Acha que por causa do estigma e do preconceito a sua vida é mais complicada, em que sentido(s)?, os entrevistados salientam o facto de, por causa do estigma, terem dificuldade no acesso ao mercado de trabalho. Esperança afirma:

- Isto em termos de emprego, é a tal coisa, as pessoas avaliam-nos pelo nosso aspeto e não por aquilo que às vezes somos sabes? Aqui é, se fores a qualquer lado e disseses que vives aqui é logo assim, és o resto, és o lixo e vives ali porque necessitas mesmo mas não sabem quais foram os nossos princípios de vida, donde é que eu vim, como é que eu fui criada.

E Asdrúbal conta uma experiência pessoal em que foi excluído por ser cigano (“perguntaram-me ‘o que é que você já fez antes?’, ‘à, era feirante.’, ‘você é de etnia cigana?’, ‘sou’ e nunca mais me contactaram, nunca mais”).

O conceito de representação social tem raiz nomeadamente na psicologia. Foi introduzido por Serge Moscovici, através de um estudo pioneiro associado à psicanálise, que se realizou em França (Duveen *in* Moscovici, 2001, p.3). Na sua obra defende-se que a representação que um indivíduo faz do outro tem por base o conhecimento, que se produz por meio de interação, cooperação e comunicação, e a forma como estas se expressam está interligada aos interesses humanos que estão envolvidos (Duveen *in* Moscovici, 2001, p.2 e Moscovici, 2001, p.27).

“Knowledge emerges from the world in which people meet and interact, the world in which human interests, needs and desires find expression, satisfaction or frustration. In short, knowledge arises from human passions and, as such, is never disinterested” (Duveen *in* Moscovici, 2001, p.2).

A representação da realidade é construída através de operações coordenadas pelos sistemas perceptivo e cognitivo do ser humano, cuja formatação guiará o modelo de estruturação de pensamento (Moscovici, 2001, p.20). Os sistemas são condicionados por representações obtidas em situações anteriores e representações transmitidas culturalmente (Moscovici, 2001, p. 23). A

representação social é, portanto, uma rede de ideias, metáforas e imagens associadas a certas realidades (Moscovici, 2001, p.153). É uma forma de conhecimento, elaborado e partilhado socialmente, que tem como objetivo prático a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designado como ‘saber do senso comum’. (Jodelet, 1989, p.48).

Quando se questionaram os entrevistados em relação à maneira como os exteriores os representavam socialmente, confessaram sentir-se tratados com desdém. Dizem que quase não há convívio entre diferentes etnias, e que as pessoas de etnia branca mostram receio em conviver com pessoas de etnia cigana. Asdrúbal afirma que a opinião dos exteriores em relação ao bairro e aos moradores, é má! Alegando que:

- As pessoas de fora pensam que o bairro de Parafernália, pelo que falam, eles falam mas nunca conviveram aqui e *atão* falam que isto é um bairro de criminosos, de criminosos e então as outras pessoas claro que ouvem, têm medo e vão falando mal e de boca vai para boca.

Em relação à questão: Sente que é tão Vissaiense como quem mora fora do bairro, sente-se incluído/a?

Os entrevistados manifestaram sentir-se discriminados e por isso não se sentem incluídos na sociedade de Vissaium. Joana refere que a comunicação entre as duas etnias é diferente da que acontece entre pessoas da mesma etnia, “os olhares e a comunicação entre a gente não é a mesma” sentindo-se estigmatizada e Asdrúbal dá o exemplo de uma associação da aldeia à qual pertence o bairro, em que os ciganos estão proibidos de ser sócios: “há uma associação aqui na aldeia e nós não semos permitidos de lá entrar, nós quisemos ser sócios e eles disseram que não dava para ser sócio, e eu acho isso muito...é discriminação”.

Em relação à questão: Acha que há ligação entre viver num bairro social e ser criminoso?

Os entrevistados não consideram que haja, obrigatoriamente, ligação entre viver num bairro social e ser criminoso, mas reforçam que quem não conhece a realidade pense que exista. Adriana afirma que:

- Ai, as pessoas que não conhecem esta realidade pensam isso, tu se ires para a cidade

e falares no bairro de Parafernália eles devem achar que isto é um terramoto, só pode, é impossível, eles acham isto um bairro de criminosos.

E Joana defende a ideia de que “só é criminoso quem quer”.

4.2 Estigma e território

Os bairros sociais são fruto da política de habitação social do Estado-Providência. Nesta política o objetivo é a construção de habitações sociais para responder às necessidades de alojamento das populações mais desfavorecidas e que, por isso, vivem sem ou com limitada capacidade de escolha de local de residência (Ferreira, 2014, p.7).

São comumente caracterizados como espaços excluídos e estigmatizados, detentores de uma escassez de locais de lazer e sociabilidade; geralmente estão situados longe dos centros económicos, sociais e culturais das cidades (Guerra, 1994, p.13 e Pinto, 1994, p.39). Habitados por massas populacionais vítimas de situações sociais desfavoráveis e grupos étnicos minoritários, os bairros são considerados potenciais áreas geradoras de elevado risco social (Wacquant, 1996, p.50; Barata Salgueiro, 2000, p. 27; Malheiros, Mendes, Barbosa, Silva, Schiltz, & Vala, 2007, p.47 e 48).

As habitações pertencentes a este tipo de territórios são de rápida degradação e, por isso, o modelo massificador de realojamento degrada os bairros de forma física e social (Barros e Santos, 1997, p. 233). A situação das comunidades residentes em bairros sociais carrega uma marca de exclusão devido ao seu isolamento geográfico e social, em geral, as comunidades são implantadas em terrenos sem valor fundiário (terrenos insalubres, na proximidade de descargas públicas, de cemitérios, de vias férreas, de auto-estradas ou no interior de zonas industriais) afastados dos grandes eixos dos centros vitais, comerciais, administrativos, isoladas de toda a envolvente social e cultural (Clavel, 2004, p.38). A excessiva concentração de populações socioeconomicamente mais desfavorecidas e de alguns grupos em risco em espaços exíguos e densamente ocupados intensifica a diferenciação social da cidade e a segregação desses espaços (Augusto, s/d, p.3). A forte burocratização do aparelho de Estado e a distância e desconhecimento das realidades do ator demonstram-se frequentemente como contraproducentes e redundam geralmente numa desadequação entre os objetivos de inserção e a efetiva realidade experimentada pelos destinatários. Afastado do informal, o providencialismo tradicional perde o carácter de inserção e reflete fundamentalmente um carácter integrador de “fornecimento de fogos”. Por outro lado,

promove a resistência à mudança, ao converter os atores sociais em meros recetores de bens e serviços e ao desadequar-se da lógica de mercado. No fundo, limita a ação, complexifica a relação com os seus destinatários e torna disfuncionais os objetos sociais que produz (Augusto, s/d, p.1). O processo de urbanização surge como um vasto movimento de divisão económica e social do espaço, devido ao facto do capital promocional criar uma hierarquia dos preços do solo em relação ao lucro previsto. O acesso a este mercado estabelece relação direta com a estratificação social, assim coloca-se o problema do acesso ao solo relativamente às diferentes classes e camadas sociais (Clavel, 2004, p.56). Ou, através de outra perspetiva,

“Os bairros sociais são um problema que resulta da visão sistémica da cidade, em que há uma divisão desta: de um lado as elites, as classes mais favorecidas; por outro lado, as populações mais pobres e alvos de políticas sociais.” (Ferreira, 2014, p.1)

Neste sentido é importante perceber que ser pobre não é apenas ter um baixo rendimento, é também viver na incerteza do amanhã e viver quotidianamente sobre experiências de desigualdade e desprezo (Bartoli *apud* Barros e Santos, 1997, p. 232). Um dos domínios típicos da vulnerabilidade à pobreza é o da habitação, que compreende não só o alojamento mas também a envolvente do espaço edificado (Barros e Santos, 1997, 234 e 235).

Em bairros sociais são frequentes formas de comportamento desviantes como: vandalismo, tráfico de droga, prostituição e delinquência juvenil (Augusto, s/d, p.13), mas o que é um comportamento desviante? Será crime? O que é um crime? Qual é a relação entre desvio e crime? E porque é que este tipo de atividades são frequentemente praticadas em bairros sociais? O assunto será analisado no subcapítulo seguinte.

E as pessoas que habitam este tipo de territórios tão estigmatizados, como serão? Segundo Marôpo: “Uma pessoa estigmatizada tem os seus direitos ameaçados, é alvo de discriminações consideradas muitas vezes justificáveis e é frequentemente isolada” (2014, p.109). As pessoas residentes em bairros sociais possuem uma identidade de grupo fortemente ancorada na comunidade como um lugar de pertença e o desconforto causado pela imagem pública negativa do bairro fortalece um sentimento de desconfiança quanto a outros grupos externos, especialmente em relação à polícia (fotografia 1 e 2) e aos *media*, identificados como os principais propagadores desta má imagem (Marôpo, 2014, p.125).

Parede grafitada com ofensas à polícia (*pirete*³⁴)



Fotografia 22: Parede grafitada com ofensas à polícia (*pirete*)

Fonte: DC, 5/4/2022

³⁴ Gesto obsceno que consiste em esticar o dedo médio da mão e encolher os outros. Retirado de dicionário.priberam.org.

Parede grafitada com ofensas à polícia



Fotografia 23: Parede grafitada com ofensas à polícia

Fonte: DC, 5/4/2022

Durante o tempo que fiquei com os jovens reparei em dois carros da polícia que passaram e eles explicaram-me que é um hábito comum, são as rondas e acontecem com frequência. Mostraram um grande sentimento de repulsa em relação à entidade policial expressando-o através de expressões como “vai para o caralho”, “fuck the police” e gestos como piretes (Diário de Campo, 5 de abril de 2022).

As fotografias 1, 2 e a nota transcrita do Diário de Campo reforçam a ideia de Marôpo, comprovando a desconfiança e repúdio dos habitantes em relação a grupos externos, nomeadamente à polícia. Mas é importante referir que os habitantes de Parafernália não têm a mesma postura em relação a todos os grupos externos, enquanto investigadora nunca senti que me repudiassem, nem nunca fui ofendida, a nota de campo que se segue poderá comprová-lo.

Olhei em volta à procura do centro comunitário mas não o encontrei e por isso aproximei-me de três senhores que estavam à conversa junto de alguns carros estacionados e pedi indicações, aparentavam ser ciganos e moradores do Parafernália mas, para minha felicidade, não me olharam com desprezo nem desconfiança e rapidamente se mostraram disponíveis para ajudar (Diário de Campo, 28 de março de 2022).

Um desafio comum a todos os habitantes é o de confrontar uma imagem estigmatizada, onde os mesmos têm sempre de enfrentar a suspeição e transpor inúmeras barreiras para tentar estabelecer uma relação de igualdade com os “outros” e serem reconhecidos como “pessoas normais”, dignas de respeito (Marôpo, 2014, p.125). A maioria dos moradores acha que a imagem externa negativa em relação ao bairro onde residem não corresponde à realidade, como se poderá verificar na nota seguinte:

Conheci uma senhora cigana, toda vestida de negro e com um cabelo muito curto, [...] que elogiou o facto de querer trabalhar sobre o tema e fez questão de dizer que naquele lugar toda a gente me iria tratar bem e que:

- É um bairro que tem a fama mas não tem o proveito! (Diário de Campo, 4 de

abril de 2022).

A linguagem dos residentes é igualmente reflexo de um sentimento de periferização e de exclusão urbanas, que se reflete na construção identitária e na construção subjetiva dessa mesma exclusão (Guerra, 1994, p.4). Apresenta-se a lista de expressões dos habitantes de Parafernália, retirada do Diário de Campo:

- *Mareios (Enjoos);*
- *Unga (Vamos);*
- *Almas (para expressar espanto);*
- *Arcanhã (Polícia);*
- *Paíta/Pailha (Rapariga);*
- *Rabela (palavra utilizada para descrever o ato de baixar as calças e as cuecas aos outros por brincadeira);*
- *Sarrabulho (Confusão);*
- *Rabinar (dentes a rebentar).*

Segundo Bezerra, “o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não têm em comum senão sua comum excomunhão” (Bezerra, 2011, p.5). Os excluídos não estão fora da sociedade mas estão implicados numa relação social cujo domínio lhes escapa. A produção desta relação social não se situa unicamente no campo económico mas também, e sobretudo, no campo simbólico e enreda-se na articulação entre estes dois níveis. Ser excluído é estar condenado a um lugar através de determinações económicas e ocupar uma posição afetada de negatividade social no seio de um conjunto de posições. A exclusão “resulta de um processo de desagregação” que se traduz por um movimento centrífugo de diferenciações sociais marcadas pela ausência de ligações positivas e estruturantes. É o que faz sobressair a abundante terminologia que qualifica o processo de exclusão: desagregação, desintegração, desapropriação, desqualificação, desinserção, dessocialização... Ora, uma sociedade que não tem capacidade para produzir positivamente uma relação social em torno de elementos estruturantes mas que produz uma desagregação social, a qual, em vez de conciliar numa dinâmica social o económico e o simbólico, deixa à deriva o seu

disfuncionamento, caracteriza a própria sociedade de exclusão como modelo de sociedade suicidária (Clavel, 2004, p.172).

A exclusão é o espelho daquilo que cada um pode vir a ser um dia, na medida em que o conjunto da sociedade é aspirada para baixo. Tal como numa ampulheta cada grão está em movimento, inexoravelmente atraído pelo vazio: mesmo os do alto, que aparentemente ainda não bolem, são destabilizados pela descida mais ou menos rápida dos que passam para baixo do funil (Clavel, 2004, p.172).

A partir dos estudos relatados por Barros e Santos é possível entender que existe uma relação de causa e efeito entre as situações de pobreza e o estado de degradação física e social dos bairros. A maioria das famílias já era pobre antes de ser realojada e continuou empobrecida depois de ser realojada. O habitat degradado contribuiu para a perpetuação das situações de precaridade económica, limitando as perspetivas de mobilidade social e residencial. As situações de pobreza e exclusão social tendem a projetar-se nas gerações futuras, integrando-se tudo num círculo vicioso de que os residentes, só por si, não poderão romper (Barros e Santos, 1997, p.268 e 269), o mesmo se aplica a Parafernália.

Ciclo vicioso dos bairros degradados



Figura 19 - Ciclo vicioso dos bairros degradados

Fonte: Barros e Santos, 1997, p. 269

O esquema apresentado demonstra a vicissitude da desigualdade e da exclusão vivida por residentes de bairros sociais degradados. Através dos dados referentes à análise socioeconómica dos habitantes de Parafernália é perceptível que grande percentagem dos habitantes tem baixo nível de instrução à semelhança do apresentado na figura 1. Os habitantes nascem e são criados em ambiente de fracas aspirações culturais e, por isso, não são estimulados de maneira a que os elementos das novas gerações frequentem graus elevados do ensino público. O baixo nível de instrução provoca uma deficiente inserção dos ativos no mercado de trabalho. A situação económica precária impede as famílias de adquirirem ou arrendarem casa fora dos bairros. Os preços das casas no mercado livre são incompatíveis com os níveis de rendimento familiar destas famílias. Por conseguinte, a falta de alternativas no mercado da habitação limita as perspetivas de mudança residencial e leva as populações a enraizarem-se cada vez mais no meio urbano existente, ainda que degradado, criando redes de amizade e solidariedade que explicam a sua satisfação residencial (Barros e Santos, 1997, p.269 e 270)

4.3 Estigma e crime

O objetivo deste subcapítulo é responder ao conjunto de questões colocadas anteriormente - o que é um comportamento desviante? Será crime? O que é um crime? Qual é a relação entre desvio e crime? E porque é que este tipo de atividades são frequentemente praticadas em bairros sociais? — para tal, começar-se-á por definir os dois conceitos chave: crime e desvio.

O conceito de crime, segundo a definição jurídico-legal, é relativo a um comportamento que viola a lei e que como tal é punido com uma pena³⁵. Pode, por isso, considerar-se que o crime é “todo o comportamento - e só esse - que a lei tipifica como tal” (Machado, 2008, p.29). Através da perspetiva da sociologia do crime, identificam-se três elementos fulcrais para demarcar um crime: os danos que remetem para a natureza e gravidade dos prejuízos causados, incluindo o tipo de vítima afetada; o consenso social sobre os impactos causados pela ocorrência do crime e, por último, “as respostas oficiais que implicam a existência de legislação criminal que especifique as circunstâncias em que o ato danoso pode ser classificado como crime e quais são as sanções dirigidas a quem o comete” (Machado, 2008, p.29). Durkheim, um dos clássicos da sociologia – que para definir o conceito se baseava na articulação entre a teoria jurídico-legal e a questão do consenso social – defendia que o crime é todo o ato que determina contra o seu autor uma reação característica da sociedade, determinada como pena. A pena é uma reação passional, de intensidade ponderada que a sociedade exerce sobre os membros pertencentes que violaram certas normas de conduta. As normas de conduta têm origem na consciência coletiva duma sociedade (Machado, 2008, p.30 e Durkheim, 1977, p.87). Já Sellin, criminologista e especialista em estatísticas criminais, optou por se afastar da perspetiva jurídico-legal e criar uma definição meramente sociológica, concedendo-lhe uma perspetiva multicultural. Para tal, classificou o crime como uma transgressão a dois tipos de normas: às normas de conduta (criadas pela sociedade e podem variar de grupo para grupo) e às categorias universais do crime (que assumem um significado equivalente em diferentes sociedades). O autor denota que as normas jurídico-penais apenas projetam a estrutura dos grupos culturais dominantes, refletindo os valores e interesses dos mesmos (Sellin, 1938, p. 45).

Quanto ao conceito de desvio, existem algumas dúvidas em relação à sua definição. Muitos dos autores defendem que este é o conceito mais apropriado para quando se trata crime em ciências

³⁵ “o que é um crime?” consultado em www.pgdporto.pt a 14 de junho de 2023.

sociais. Sabe-se apenas que para um ato ser considerado desviante terá de assentar em dois pressupostos, a saber: englobar comportamentos que violam as expectativas da maioria dos membros da sociedade e suscitar reações negativas, considerando-se que é um ato que deve estar sujeito a sanções. O conceito de desvio aplica-se às condutas que transgridem as normas de uma dada sociedade, remetendo para a análise de classificações e definições sociais que variam no tempo e no espaço (Machado, 2008, p.31).

São dois conceitos que estarão eternamente interligados, sendo que o crime é uma construção social que nunca deixará de estar associada à lei e ao controlo social. O crime constitui um desvio às expectativas socialmente criadas o que, por sua vez, provoca reações negativas, por isso, é um problema social. Como diria Blumer, “ é o processo social em grupo que cria e suporta as normas e não as normas que criam e suportam a vida em grupo” (Blumer, 1969, p.19).

A explicação anterior permitiu responder às primeiras três questões, mas – reforçando a quarta – porque é que este tipo de atividades (vandalismo, tráfico de droga, prostituição e delinquência juvenil) são frequentes em bairros sociais?

Como resposta apresentar-se-ão três teorias: a teoria da anomia, a teoria da rotulagem e a teoria da estrutura de oportunidades ilegítimas.

O conceito de anomia foi aprofundado por Durkheim e significa ausência de normas ou de desintegração de normas sociais, “é uma manifestação anormal ou patológica do sistema social, que traduz [...] desajustamentos entre órgãos sociais e normas associadas a determinados papéis ocupacionais”. A anomia é a causa social do desvio e da não prática da norma social pelos indivíduos desviantes. Quando existem conflitos entre o trabalho e o capital (Durkheim, 1970, p.150), a anomia ocorre como “sintoma de perda de legitimidade das regras que [...] comandavam as condutas, revelando a necessidade de renovação do sistema” e é referente a teorias que se debruçam sobre o crime, mas é importante denotar que o crime só é anômico quando provém duma crise de coesão social em que as taxas de criminalidade correspondem a um valor acima do socialmente expectado e admissível. Nesse caso, o crime atingirá formas anormais, incompatíveis com a vida social. A teoria da anomia, uma delas, “procura apontar as tensões socialmente estruturadas que induzem a ocorrência do crime e a consequente adoção de soluções desviantes”, basicamente dar a perceber como é que determinadas estruturas sociais exercem tensão sobre algumas pessoas da sociedade, para que se envolvam em atividades desviantes (Machado, 2008, p. 69 e 70).

Robert Merton procurou perceber porque motivos as taxas de criminalidade variam tanto entre

diferentes grupos sociais (classe social, etnia e raça) e entre diferentes sociedades, para tal reformulou a teoria da anomia de Durkheim. Fê-lo defendendo uma descrição muito próxima do conceito de anomia do primeiro autor, baseando-se no pressuposto de ausência de normas e acentuando o pressuposto de insegurança e incerteza nas relações sociais ou rutura da estrutura cultural. Para reformular criou a sua própria teoria – *strain theory* ou teoria da tensão – através da qual explica o crime pela ausência de sintonia entre a estrutura cultural e a estrutura social. Mediante a sua perspectiva, a estrutura cultural é algo que define para todos os cidadãos meios legítimos e socialmente aceitáveis da prossecução de objetivos, valores, interesses e fins. E a estrutura social “forma o contexto real e diferenciado que condiciona a possibilidade dos membros da sociedade se orientarem para os objectivos culturais, respeitando as normas institucionalizadas” (Machado, 2008, p.74). Para que se entendam as consequências da discrepância entre estrutura cultural e social, segue-se um exemplo:

O homem comum [...] ambiciona atingir o sucesso profissional e económico, mas nem todos têm a possibilidade real de atingir esses objectivos. Quando os indivíduos não conseguem atingir os objectivos apresentados e incutidos pela estrutura cultural [...] (escola, família e local de trabalho), ou reformulam os objectivos, ou baixam o nível de aspirações. Os indivíduos que irão reformular esses objectivos ou atenuá-los serão os que ocupam as posições sociais mais desfavorecidas. Deste modo, a estrutura social reparte desigualmente as possibilidades de atingir os objectivos culturais generalizados e induz, por isso, o recurso a meios ilegítimos para aceder aos recursos que a generalidade dos indivíduos ambiciona alcançar ” (Machado, 2008, p.74).

Neste sentido, o crime acontece como forma de adaptação ao desfasamento entre a estrutura cultural (ou normas institucionalizadas) e a estrutura social (ou oportunidades reais de mobilidade social). A primeira exige um comportamento ao qual a segunda não se adapta e é neste ponto que se dá a tensão entre estruturas, que poderá desencadear o rompimento das normas ou o seu completo desprezo (Machado, 2008, p.75). De acordo com a *strain theory* existem cinco modos de adaptação à sociedade que podem ser classificados como conformistas ou não conformistas e, por isso, desviantes. O comportamento conformista caracteriza-se por ser uma modalidade estável e consensual de adaptação à sociedade, deste modo, “os objectivos culturais (expectativas, aspirações, desejos culturalmente interiorizados) são satisfeitos pelos meios legítimos (em conformidade com a ordem social)”. Os comportamentos decorrentes do comportamento

conformista estão de acordo com as normas dominantes, incitando ao fortalecimento da coesão social (de estabilidade e continuidade) (Machado, 2008, p.75).

O comportamento não conformista ou desviante é representado através de quatro variações: inovação, ritualismo, retraimento ou evasão e rebelião. A inovação acontece quando os “objectivos culturais são atingidos pela transgressão dos meios institucionais, através de acções competitivas, dinâmicas, traduzidas em lutas pelo sucesso e poder sem olhar a meios”. O ritualismo é considerado um comportamento desviante porque os seus princípios prescindem da componente monetária e de ascensão social incutidos pela estrutura cultural. A evasão, é uma variação de comportamento em que há uma dupla renúncia, os indivíduos renunciam os objetivos culturais e o cumprimento das normas e dos papéis definidos socialmente. E a rebelião é caracterizada por um posicionamento dos indivíduos à margem da estrutura social e de oposição aos padrões culturais dominantes, “o desemprego, a miséria e a exclusão social fomentam este comportamento” (Machado, 2008, p.75 e 76).

“Todos os comportamentos desviantes potenciam a desorganização social [...], é necessário aproximar os objectivos culturais dos meios e respostas institucionais” (Machado, 2008, p.76).

Apresenta-se mais uma teoria, a da estrutura de oportunidades ilegítimas que é uma ramificação da teoria da anomia. Os autores da teoria da estrutura de oportunidades ilegítimas, Richard Cloward e Lloyd Ohlin, apontam o estudo do crime para o comportamento desviante de jovens masculinos oriundos de classes sociais desfavorecidas, recorrendo à teoria do desfasamento entre a estrutura cultural e a social. Os autores defendem a ideia de que os adolescentes que formam as subculturas delinquentes dão grande importância aos objetivos convencionais mas quando se confrontam com as limitações das vias legítimas de acesso a esses objetivos, não sendo capazes de reduzir o teor das suas aspirações, experimentam uma intensa frustração. O resultado da experiência poderá ser a exploração de alternativas não conformistas (Cloward e Ohlin, 1960, p.86). Neste sentido conclui-se que a estrutura de oportunidades legítimas não está acessível a jovens desfavorecidos. A estrutura legítima “bloqueia sistematicamente o acesso (legítimo) aos recursos e posições sociais desejadas dos jovens mais desfavorecidos” (Machado, 2008, p.77). Esta situação gera elevados níveis de frustração que se poderá converter em criminalidade ou desvio. Este desvio é praticado através de oportunidades ilegítimas “que contemplam dois tipos de elementos sociais”: em primeiro lugar “um ambiente propício à aprendizagem de valores e técnicas adequadas ao desempenho de comportamentos desviantes e criminosos” e em segundo “os recursos efectivos para o desempenho do desvio e do crime, contando com o apoio de um

universo subcultural criminoso” (Machado, 2008, p.77).

As oportunidades ilegítimas, à semelhança das oportunidades legítimas, também são escassas e estão distribuídas de maneira desigual, por isso, a materialização da prática de delinquência “vai depender da posição ocupada na estrutura das oportunidades ilegítimas”. Nesta perspectiva, existem três tipos distintos de subculturas delinquentes – a subcultura criminal, a subcultura do conflito e a subcultura da evasão – que “traduzem um sentimento de injustiça que conduz à alineação e negação das normas sociais dominantes”. E cada subcultura ocupa um lugar na pirâmide hierárquica da estrutura das oportunidades ilegítimas. A subcultura criminal ocupa o topo da pirâmide, está associada à criminalidade organizada e estável, sendo controlada apenas por adultos. Fomenta atividades ilícitas disciplinadas e organizadas que objetivem o sucesso económico. Poderá estar vinculada ao universo legítimo, “ há uma adesão aos valores legítimos, mas um recurso a meios ilegítimos para os alcançar ”. A subcultura do conflito figura a revolta contra a ordem social em vigor e expõe-se através da violência de rua. É patente em áreas de criminalidade pobres e desorganizadas, não é uma via de estabilidade. Esta subcultura é duplamente excluída, sendo marginalizada pelas oportunidades legítimas e ilegítimas. A subcultura da evasão “constitui uma espécie de refúgio” que almeja oferecer novas “experiências e prazer imediato” Está presente no mundo da delinquência e expressa-se pelo consumo de drogas. À semelhança da subcultura anterior, também sofre de dupla exclusão. As pessoas pertencentes à subcultura de evasão têm dificuldade de acesso às oportunidades legítimas e ilegítimas (Machado, 2008, p. 78). Em Parafernália, há muita gente que recorre a oportunidades ilegítimas, na generalidade cometem crimes como o tráfico de droga e a usura.

Uma nota, numa das últimas visitas ao bairro descobri que há entre vizinhos um “sistema de créditos”. Normalmente são as mulheres que têm este negócio, a mãe do senhor Jorge dá créditos e cobra-os com um juro de 25€, se não pagarem dentro do prazo estabelecido o juro sobe para 75€ (Diário de Campo, 21 de novembro de 2022).

Outra das teorias nomeadas para responder à questão colocada – porque é que este tipo de atividades (vandalismo, tráfico de droga, prostituição e delinquência juvenil) são frequentes em bairros sociais? – é a da rotulagem. O objetivo da teoria da rotulagem é perceber porque é que determinados atores sociais são classificados como criminosos e outros não, em contexto de interação social entre desviantes e não desviantes (Machado, 2008, p.96). O desvio resulta de um

processo social interativo, no qual intervêm diversos atores (desviantes e não desviantes), e para que se consiga analisar o processo é necessário um modelo de análise dinâmico e conflitual “no contexto do qual assume particular importância a capacidade que os indivíduos têm de codificar e de decodificar as suas acções” sendo que os atores sociais têm um papel ativo na edificação do meio em que estão inseridos, participando na própria construção da realidade social desviante “os aparelhos de controlo social rotulam os indivíduos, pela atribuição de sentido e significado, os alvos deste processo de estigmatização reagem à pressão do controlo social, acabando por assumir uma identidade desviante”. O ator desviante é aquele a quem a classificação foi aplicada com êxito e o desvio é fruto das reações das pessoas a determinado ato individual (Machado, 2008, p.96).

A forma como esta teoria perspetiva o desvio enfatiza não só os atores sociais rotulados como desviantes, como todos aqueles que asseguram a eficácia da ordem e do controlo social (por exemplo: fazedores de leis, magistrados, pais, polícias e professores). Desvia o olhar dos *bad actors*³⁶ focando-se, com maior precisão, nos *powerful reactors*³⁷, a base principal da teoria é a análise da reação social inferindo que a raiz do desvio está alocada na ordem e nos processos de controlo social (Machado, 2008, p.96).

Howard Becker foi um dos autores que contribuiu para a formulação da teoria da rotulagem através de um estudo de observação de músicos de jazz e fumadores de marijuana, retratado na obra *Outsiders*. O autor afirma que a classificação de ato desviante depende de quem avalia e aplica a classificação (1963, p.9).

Erving Goffman foi outro dos autores com impacto para a teoria da rotulagem. Realizou várias observações para estudo, nomeadamente interações sociais entre indivíduos estigmatizados e normais. Na obra (Goffman 1981) que desenvolveu acerca do estigma são mobilizados elementos da teoria da rotulagem, sendo o estigma definido como “uma característica física, comportamental ou tribal” que não coincide “com o quadro de expectativas sociais”. Ao analisar as interações sociais entre estigmatizados e normais reparou que aquando da interação o estigmatizado tenta encobrir o estigma ou agir de forma a ir ao encontro das expectativas dos outros, “exagerando as suas características anormais e fazendo com que toda a interação e auto-imagem se desenvolva

³⁶ Desviantes ou criminosos.

³⁷ Magistrados, advogados, juizes, guardas prisionais e assistentes sociais.

em torno do desempenho desse papel” (Machado, 2008, p.98).

Para finalizar, existem seis conceitos inerentes à teoria da rotulagem: estereótipo, interpretação retrospectiva, negociação, cerimónias degradantes, *role-engulfment* e instituição total. Foram criados com o intuito de explicitar a corrente de pensamento, mas como nem todos se aplicam ao tema que se pretende desenvolver neste trabalho, só se aprofundarão alguns. Começando pela definição de estereótipo, este é a representação de um objeto, pessoa ou ideia que é partilhada pelos membros de um grupo social. Poderá ser inconsciente e duradouro, o estereótipo orienta a ação na vida quotidiana (“ensinando-nos a conhecer o mundo antes de o vermos”). A interpretação retrospectiva é o “processo pelo qual o delinquente assume uma identidade nova” provocada pela ideia de que o ato criminoso revelou o que ele “sempre foi”. É um mecanismo de interpretação do ato desviante com base na história de vida do indivíduo. A negociação baseia-se na ideia de que a constituição do desvio provém de uma relação de poder “que implica margens de manobra, tanto do desviante como de quem reage ao desvio”. O *role-engulfment* é o papel que o delinquente assume a partir do momento que recebe o rótulo e dá incremento a uma carreira desviante. A instituição total é um conceito que descreve lugares de residência e trabalho onde uma grande quantidade de pessoas, que estão na mesma situação, isoladas da sociedade por muito tempo, “compartilham na sua reclusão uma rotina diária”. Nestes locais existe um hiato com o exterior “e as identidades e práticas desviantes reforçam-se”. Os indivíduos que vivem nestes locais tornam-se ainda mais desadaptados e desviantes. Este conceito é relativo a espaços fechados como hospitais ou prisões, mas no bairro de Parafernália (apesar de ser um espaço ao ar livre e não ter a mesma tipologia que um hospital ou uma prisão) também é um lugar de residência onde habita um número elevado de pessoas que estão na mesma situação social e onde se sente um “hiato com o exterior”. A rotulagem tem algumas implicações na forma como os indivíduos são percebidos pelos outros, na autoimagem dos transgressores e no envolvimento com os pares. Confere um novo *status* ao indivíduo em que o rótulo simplifica o que o desviante é, não está apenas ligado ao comportamento: define todo o ser – o indivíduo não é nada a não ser desviante e, por isso, o desvio não é apenas considerado uma parte do indivíduo mas um indicador da sua essência. Quando uma pessoa é publicamente identificada como desviante, é difícil que se consiga voltar a inserir no mundo convencional uma vez que são tomadas medidas que atendem a alargar a visibilidade do desviante. Os mecanismos de controlo social têm o poder de forçar a mudança dos indivíduos, rotulando-os e levando-os a assumir uma identidade desviante (Machado, 2008, p.98 e 99).

5 POBREZA E CRIME

5.1 Cultura da pobreza

A teoria das oportunidades ilegítimas e o excerto da entrevista abordada no capítulo anterior, incentivam à reflexão. Segue-se a continuação do depoimento:

mandam os garotos...agora há dias quando passei estavam os garotos, aqui mais dois garotos, queriam que eu lhes desse dez euros porque o homem não tinha vinte euros, vinte euros não, do troco e não sei quê...e isto é assim, [...] algumas estão na cadeia, ainda há dias vieram aí apanhá-las, por causa de traficarem, primeiro era homens, depois começou a ser mulheres, agora estão as mulheres lá dentro e estão os homens cá fora (Esperança F62).

Conclui-se que o tráfico de droga é largamente transversal a todos os membros da família. O que, analisado através de uma perspetiva social, pode considerar-se uma fonte de rendimento fruto de uma oportunidade ilegítima. Esperança salienta também que, quando o homem deixa de poder dar continuidade ao negócio, a responsabilidade é tomada pela mulher, em linha com o que acontece em muitos casos de famílias heterossexuais que obtêm rendimento através de fontes privadas e legítimas. Outra das informações que pode dar azo a análise é a de que a presença infantojuvenil de sexo masculino tem funções no negócio familiar. O que poderá indicar que a arte do ofício se passa de geração em geração, à semelhança do que se observava há muitos anos com os sapateiros, por exemplo. Mas, que fenómeno será este? *“Does membership in a group that has been poor for generations constitute belonging to a separate culture?”* (Lewis, 1966, p.19). Para responder à questão apresentar-se-á a teoria da cultura da pobreza, que se deu a conhecer através dos trabalhos de Oscar Lewis, professor de Antropologia³⁸.

A cultura da pobreza não é independente de outras formas culturais existentes em sociedade, é uma subcultura que partilha com outras subculturas — presentes no mesmo espaço social — um conjunto de traços essenciais que se impõe a todos. A característica nuclear da pobreza é a transmissão de geração em geração, através de socialização primária (entre familiares e

³⁸ Retirada de [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$oscar-lewis](https://www.infopedia.pt/artigos/$oscar-lewis) a 6 de junho de 2024.

vizinhança).

Assim, assiste-se a uma espécie de círculo vicioso em que a cultura da pobreza é herdada de geração em geração, pois os pais, ao transmitirem a sua subcultura através da socialização, estão a legar aos filhos um conjunto de traços culturais, económicos, sociais e psicológicos (cf. Diogo, s/d, p.36).

A existência de novas condições sociais, diferentes das anteriores, com mais oportunidades, não é suficiente para alterar os padrões de resposta dos indivíduos, sendo que as formas anteriores são a fórmula que conhecem para serem, verem e compreenderem o mundo, que impõe inércia à sua própria mudança. O que torna a questão da extinção do fenómeno da pobreza bastante complexo e multidimensional porque não está afeta apenas à privação material dos indivíduos, faz parte do seu processo de socialização. Esta questão afeta pessoas que não conseguem ingressar no mercado de trabalho e vivem abaixo dos níveis de subsistência, recorrendo nomeadamente à mendicância e à prática de crimes para conseguir sobreviver (Nazareth, 2015, p.24).

6 RACISMO

O racismo é um conceito muito discutido nas ciências sociais, sendo de uso corrente no senso comum. Mas o que é o racismo? De que falamos quando falamos de racismo? Se observarmos o que é definido pelos dicionários mais relevantes da língua portuguesa podemos começar a entender o seu significado. Segundo o Dicionário Priberam de Língua Portuguesa o racismo³⁹ é uma teoria que defende a superioridade de um grupo sobre outros, com base num conceito de raça, apregoando, particularmente, à separação destes dentro de um país ou visando o extermínio de uma minoria; pode ser também definido como “atitude ou comportamento sistematicamente hostil, discriminatório ou opressivo em relação a uma pessoa ou a um grupo de pessoas com base na sua origem étnica ou racial, em particular quando pertencem a uma minoria ou a uma comunidade marginalizada”. O Dicionário de Língua Portuguesa da Academia de Ciências de Lisboa (2001) acrescenta ainda que o racismo é uma teoria sem base científica fundada na crença de superioridade de algumas raças humanas em relação a outras (Dicionário de Língua Portuguesa, 2001, p.3062).

Conforme Kilomba, o racismo é a combinação entre preconceito (conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial⁴⁰) e poder, ou seja, “uma pessoa só se torna ‘diferente’ porque ‘difere’ de um grupo que tem o poder de se definir como norma” (Kilomba, 2019, p.77 e 78). O facto de se ser diferente transforma-se em inferioridade e em motivo de exclusão, a estranheza desperta o medo nos normais (grupo que corresponde à norma) e criam-se, canalizam-se e mobilizam-se inimizades e imagens sociais do inimigo (cf. Bader, 2008, p. 32). Por exemplo, no caso da norma branca quem for de outra cor é construído, na representação do outro, como diferente. O ser-se branco é a referência à qual todos os que não corresponderem diferem, e neste sentido o indivíduo não branco torna-se diferente por via de um processo de representação discriminatória. Estas diferenças estão ligadas a valores hierárquicos em que a norma está no topo da pirâmide. Por isso é dominante e tudo o que diferir é dominado ou inferior. É racista quem defende a superioridade sócio-genética de um grupo (Serra, 2014, p.7).

As raças humanas só existem culturalmente e são constituídas por práticas e ideologias

³⁹ "Racismo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/Racismo> [consultado em 27-10-2022].

⁴⁰ "preconceito", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/preconceito> [consultado em 03-11-2022].

racistas. São percebidas de uma maneira específica e utilizadas segundo a criação de uma fundamentação de delimitação inconsciente ou consciente entre grupos. Portanto existe uma enorme multiplicidade de categorizações racistas possíveis, correspondente à multiplicidade de possibilidades de distinções sociológicas deste tipo, e o sujeito que determina quais as diferenças, quando, por quem e porquê que são percebidas, experimentadas e articuladas é a sociedade (Bader, 2008, p. 92). Segundo Bader, “todos os grupos possíveis ou impossíveis, categorizáveis de modo racista, são designados como minorias étnicas” (2008, p. 34). A etnicidade é um conceito-contentor no qual se agrupam vários critérios como: o critério das características comuns, reais e presumidas pela cor de pele; o critério das características do território ou origens comuns e o critério das características comuns da história definidas pelo idioma ou dialeto, pela cultura, pelos hábitos e estilos de vida e pela religião (Bader, 2008, p. 85).

O facto da norma, referência das maiorias populacionais, dominar coloca as minorias (das quais os grupos étnicos são um exemplo) em desvantagem, num patamar inferior e descredibilizado, dificultando o seu acesso a condições e recursos de estabilidade social e incitando a uma profunda desigualdade. As desigualdades étnicas não devem ser aceites como algo inalterável ou uma espécie de regra natural, mas como alteráveis. Este pressuposto promove

uma libertação cognitiva das ideologias dominantes nas quais contradições de interesses são ignoradas, negadas [...] ou em que a exploração, a opressão, a discriminação e a exclusão étnicas são apresentadas como “naturais” e, portanto, absolutamente inalteráveis ou, [...] praticamente não alteráveis. Isto pressupõe também uma libertação normativa da inferioridade “natural”, ou “cultural” da respetiva minoria étnica e uma libertação efetiva da sua possível interiorização (Bader, 2008, p. 35).

Portanto, de acordo com Rex, sem o elemento poder que consequentemente estratifica os grupos sociais não existiriam problemas de relações interétnicas (Rex, 1970, p. 48). As relações interétnicas surgem e desenvolvem-se através de situações de concorrência e conflito devido a recursos e oportunidades de vida percebidos e definidos como escassos e tornam-se críticas quando estão associadas a desigualdades de poder estruturais, quando, portanto, se trata de dominantes e dominados ou maiorias e minorias (Bader, 2008, p.36).

6.1 Tipos de racismo

Embora não exista unanimidade na definição das tipologias do racismo, é possível identificar três tipos principais: o racismo estrutural, o racismo institucional e o racismo do quotidiano (Kilomba, 2019, p.70 e 80).

O racismo estrutural é uma prática que se denota através da exclusão de pessoas racializadas da maioria das estruturas sociais e políticas, em que o funcionamento das estruturas privilegia indivíduos de tipo dominante deixando os indivíduos racializados em desvantagem, impedindo o seu acesso às estruturas de domínio (Kilomba, 2019, p.79).

O racismo institucional é um fenómeno que está institucionalizado, quer isto dizer que acontece dentro das instituições. Diz respeito a um tratamento desigual em sistemas educativos, mercados de trabalho e outros serviços. Opera de forma a dar vantagem aos indivíduos que correspondem à norma (Kilomba, 2019, p. 79).

Já o racismo quotidiano refere-se “a todo o vocabulário, discursos, imagens, gestos, acções e olhares que posicionam o sujeito negro e as pessoas racializadas (...) como ‘Outras/os’” (Kilomba, 2019, p.80).

O racismo quotidiano e o racismo institucional acontecem sem que se coloquem quaisquer exigências de consistência e não precisam de base científica para a sua justificação. Ideologias racistas são todas as estereotipizações, todos os provérbios, anedotas, conceitos, opiniões, ideias, imagens, representações cinematográficas ou artísticas que são legitimadas através da referência à superioridade /inferioridade de pessoas/grupos racializados. (Bader, 2008, p. 36).

6.2 Racismo contra ciganos

6.2.1 Origem do povo cigano e chegada a Portugal

A cultura cigana é uma cultura ágrafa (que não está escrita). Transmite-se de geração em geração pelo poder da palavra e não há dados concretos que permitam ter a certeza da sua origem. Alguns autores defendem a teoria de que este povo é originário da Índia, de onde, por volta do século X foi expulso por se constituir uma raça indiana inferior. Tal expulsão produziu emigração para várias zonas do mundo, chegando, no século XIII ou XIV à Europa, onde se acomodaram em diversos países. Depois de se acomodarem, dividiram-se em várias comunidades, cada uma com a sua cultura específica, resultado da mistura da cultura de origem com a cultura do novo país de residência (Azevedo, 2013, p.4). Outros admitem que a origem do povo cigano advém do Egipto na condição de peregrinos e penitentes cristãos que fugiram do país ou que o povo é descendente

de uma das sete tribos de Israel “que teriam seguido em fuga pelo deserto” (Silva *et al*, 2014, p.48).

A chegada a Portugal data aproximadamente do ano de 1500, e não correu da maneira mais civilizada. Os portugueses tentaram convertê-los à força e, como não conseguiram, porque os ciganos se mantiveram fiéis à sua cultura e à nova residência, tentaram erradicá-los e expulsá-los (Amato Lusitano, s/d & Azevedo, 2013, p.4). Agindo de forma cruel e desumana, os portugueses tomaram medidas contra esta população que se recusava a ser dominada, a saber: o açoitamento em praça pública, a escravidão, a proibição do uso da própria língua, a proibição do uso dos seus trajes, da celebração dos seus costumes tradicionais, da institucionalização das crianças para a instrução e para quem quebrasse estas regras aplicavam a pena de morte (Amato Lusitano, s/d). Até que, depois de situações muito penosas, a comunidade conseguiu adquirir a cidadania portuguesa em 1822. Mas, é facto que, apesar de já serem considerados cidadãos portugueses, não são em muitos contextos tratados como tal. A entidade responsável pela integração das comunidades de etnia é o Alto Comissariado para as Migrações, ainda que esta comunidade já esteja em Portugal há mais de quinhentos anos, o que torna a sua integração parcial. Esta comunidade continua a sofrer de um preconceito muito grande, consequência do que lhes aconteceu no passado. Por possuírem diferentes hábitos e modos de vida não eram respeitados pela sociedade dominante tendo assim que viver à margem, excluídos para subsistir. Como não tinham acesso às oportunidades comuns criadas em sociedade, criaram as suas próprias oportunidades. Antropólogos creem que a origem do preconceito contra estas comunidades advém da sua pobreza, que os obrigava a dedicarem-se a atividades de sobrevivência mal vistas pela sociedade, já que não tinham lugar em atividades bem vistas. Atividades relacionadas com a indústria da diversão como a música, a dança, a adivinhação e o reaproveitamento do lixo como meio de extração de ferro para exercerem o trabalho de ferreiro (Amato Lusitano, s/d).

6.2.2 Relação entre a comunidade cigana e o racismo

A comunidade cigana é um grupo étnico que se caracteriza por possuir uma série de elementos culturais comuns que configuram o seu legado cultural e que os distingue de outros grupos. De entre eles estão certos hábitos, tradições e valores como: a tradição nómada (cada vez menos visível), a língua, a valorização dos membros da etnia mais velhos tanto pela sua idade como pela sua experiência de vida que será um ponto importante para a criação de princípios de ordem social dentro da comunidade e o respeito pelos mortos. Os ciganos lamentam a falta de reconhecimento

dado aos seus usos e costumes, aliás são excluídos por terem os seus próprios usos e costumes. E por serem excluídos devido aos diferentes hábitos e cultura são oprimidos por não poderem aceder à sua própria organização social de forma normal. Só o conseguem fazer se viverem de maneira desviante, o que implica consequências para a sobrevivência do legado e vivências em constante tensão no que toca à sua autoestima (Ardèvole *et al*, 1986, p.66, 67 e 68).

A história dos ciganos é uma história de tensão inacabada e constante entre a assimilação da sociedade e a manutenção da identidade étnica e da própria cultura. A situação de tensão entre a maioria e a minoria acontece de forma desigual, é regida por pautas culturais diferentes e está expressa e organizada em termos de identidade étnica. Cada grupo étnico se regula por uma ideologia racial característica do etnocentrismo que faz com que se apontem ao grupo rival todas aquelas características que segundo o grupo de pertença desvalorizam o outro. Trata-se de ideias que desqualificam a outra etnia perante valores fixados etnocentricamente⁴¹ (San Román *et al*, 1986, p.188).

É curioso reparar que esta forma de atuar foi e é aceite na sociedade portuguesa, se se consultar o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa e procurar a definição da palavra cigano lê-se, diante de muitas neutras, várias definições depreciativas como “ Que é esperto, ladino e manhoso; que usa de astúcia ou impostura para enganar”, “Que é avarento, sovina”, Pessoa impostora, bajuladora” ou “Pessoa boémia de vida incerta, de vida errante” (Dicionário de Língua Portuguesa, 2001, p. 814 e 815).

⁴¹ et·no·cen·tris·mo

(grego *ethnós*, -eos, raça, povo + *centrismo*)

nome masculino

Visão ou forma de pensamento de quem crê na supremacia do seu grupo étnico ou da sua nacionalidade.

"etnocentrismo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/etnocentrismo> [consultado em 07-11-2022].

CONCLUSÃO

O trabalho apresentado foi realizado com o intuito de perceber quais são os desafios de quem vive num bairro social. Por isso colocou-se a seguinte questão: de que forma é que as representações sociais associadas a Parafernália influenciam o quotidiano dos seus habitantes?

A resposta a esta pergunta não foi fácil e envolveu uma variedade de fatores. Porém, os resultados obtidos demonstram que o preconceito relativo a pessoas que vivem em situação de pobreza habitacional se estende a todas as áreas da sua vida. Algo que se repara na colheita de dados socioeconómicos: a maior parte dos habitantes só tem o quarto ano de escolaridade e está desempregada. Muitas das mulheres têm trajetos de vida marcados pela gravidez precoce e as despesas das famílias são mais elevadas que os rendimentos.

É importante referir que, neste caso específico, o preconceito é duplo porque a maior parte dos habitantes são de etnia cigana e, portanto, para além de ser direcionado a habitantes de bairros sociais, também é direcionado a pessoas de etnia cigana.

Para que se entenda melhor o argumento, far-se-á um apanhado de cada capítulo estudado. De maneira a contextualizar, começar-se-á por fazer uma alusão ao Estado social e à política de habitação.

O *Welfare State* é um conceito que define um sistema político e económico em que o governo desempenha um papel ativo na proteção e promoção do bem-estar económico e social dos cidadãos (Briggs, 1961, p.221 a 258), do qual o Estado português é signatário. E o direito à habitação é internacionalmente reconhecido, encontrando-se consagrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e, a nível nacional, na CRP (Assembleia Constituinte, 1976, p.15). Sedimenta a importância da existência de condições habitacionais que satisfaçam padrões mínimos de qualidade e, adicionalmente, garante que as pessoas não sejam discriminadas no acesso à habitação através de características como a raça ou a origem étnica (The General Assembly, 2017, p.12). É, portanto, um direito que reconhece o valor de uma morada adequada para o bem-estar e dignidade das pessoas. Sobre o direito à habitação em Portugal sabe-se da existência de um passado carente de políticas habitacionais que respondesse devidamente às necessidades da população. Como consequência, os indivíduos com baixo poder socioeconómico têm acesso à habitação mas não podem viver com dignidade. Normalmente estas habitações sociais estão situadas em locais isolados e são construídas a partir de material de fraca qualidade, que se degrada com facilidade. Estas condições, apesar de garantirem um teto a muitas pessoas, não são suficientes para lhes garantir qualidade de vida e combater a exclusão. Em muitos dos

casos, só se mantêm ou se agravam as situações (Carvalho, 2018. P.48). O que se revê em Parafernália, porque o bairro não apresenta condições que satisfaçam as necessidades dos habitantes. Os espaços públicos (parque infantil e campo de futebol) representam uma ameaça à segurança e ao bem-estar da população. Ao nível dos transportes públicos, denota-se uma imensa escassez de diversidade de horários. O percurso Vissaium – Parafernália / Parafernália – Vissaium acontece muito poucas vezes e o bairro está situado longe do centro da cidade de Vissaium e dos serviços. É necessário meio de transporte para se usufruir de qualquer serviço.

Os prédios e as habitações também já têm um ar velho, degradado e descuidado, existindo situações em que os habitantes correm risco de vida. Portanto, o direito à habitação em Parafernália não se aplica como deveria, os habitantes estão impedidos de usufruir em pleno deste direito.

Relativamente ao estigma pode dizer-se que a maior parte da população se sente ou já sentiu estigmatizada. Algumas pessoas por causa da etnia, outras por causa do sítio onde habitam e outras devido às duas variantes. Acreditam ser representadas, por quem não os conhece, como criminosas. O que se observa é que realmente existe crime dentro do bairro mas que poderá ser só uma fonte de rendimento conseguida através de uma oportunidade ilegítima.

É importante referir que neste bairro, à semelhança de outras situações de comunidades residentes em bairros sociais, se denota uma marca de exclusão devido ao seu isolamento geográfico e social. A comunidade está implantada num terreno isolado de toda a envolvente social e cultural (Clavel, 2004, p.38). O estigma e a exclusão marcam e vinculam a forma de ser e estar destas comunidades. Cria-se uma cultura da pobreza que se baseia em hábitos e formas de ser e viver que passam de geração em geração, acabando, não raro, de se “naturalizar” segundo o conhecido e apropriado argumento bourdieusiano, tornando-se assim parte intrínseca da sociedade.

A opinião dos habitantes em relação ao racismo é idêntica à do estigma, consideram já ter sido vítimas de racismo devido à sua etnia.

Dado o desenvolvimento do texto, torna-se pertinente colocar uma questão: será que os bairros de habitação social promovem a inclusão?

Começaremos por analisar a CRP que nos explica que “Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana [...]” (artº 1, CRP), sendo tarefa fundamental do Estado, “promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses, bem como a efectivação dos direitos económicos, sociais, culturais e ambientais [...]” (artº 9,

alínea d, CRP). Indica também, que “a integridade moral e física das pessoas é inviolável” e que “ninguém pode ser submetido a tortura, nem a tratos ou penas cruéis, degradantes ou desumanos” (artº 25, CRP) e que o Estado terá de “garantir o acesso de todos os cidadãos, independentemente da sua condição económica, aos cuidados da medicina preventiva, curativa e de reabilitação” (artº 64, CRP).

Será que isto se revê em Parafernália? Será que as condições das habitações e do espaço envolvente são dignas da pessoa humana? Será que o Estado, ao colocar as pessoas longe dos serviços e da dinâmica social e cultural da sociedade, promove a efetivação dos direitos sociais, económicos, culturais e ambientais? Será que as condições das casas de quem já levou com pedaços de teto na cabeça enquanto cozinhava ou de quem não pode ter luz na casa de banho por causa das infiltrações do teto, não são sinónimo de tortura e ou tratos degradantes ou desumanos? Será que a escassez de meios de transporte públicos garantem o acesso de todos os cidadãos a cuidados de saúde?

Recuperando a questão: será que os bairros de habitação social promovem a inclusão?

O estudo que fiz permitiu-me perceber que o bairro de Parafernália não promove a inclusão. Sendo tal certamente transversal a todos os bairros sociais, devo sublinhar que não disponho de evidências empíricas suficientes que me permitam afirmá-lo de modo perentório. E por isso, quem sabe, este poderá ser um caminho para uma nova investigação.

Espero que a partilha do meu estudo contribua para a melhoria das condições de vida desta comunidade e de todas as comunidades que vivem desafios semelhantes. Gostava de conseguir sensibilizar a sociedade para o tema e consequentemente desmitificar preconceitos, acredito que, como diria Sara (uma das entrevistadas), “somos todos iguais mas só vivemos em realidades diferentes”. Desejo também causar algum impacto político que afete as entidades responsáveis pela habitação social de Vissaium, de maneira a dinamizar os processos de melhoria e resposta. É importante denotar que se encontraram algumas limitações, principalmente quando se colocavam questões acerca dos rendimentos. Os inquiridos podem ter manipulado algumas informações para se protegerem. De qualquer das maneiras, utilizou-se uma análise mista (quantitativa com a aplicação de questionários e qualitativa com a aplicação de entrevistas) que se acredita que poderá ter ajudado a contornar a limitação.

Conclui-se que é fundamental adaptar as políticas de inclusão e implementar programas de desenvolvimento comunitário para enfrentar estes desafios. Recomenda-se a adoção de iniciativas que promovam a inclusão social, o aprimoramento da infraestrutura e o fortalecimento das redes

de apoio comunitário. Além disso, é essencial um maior investimento em educação e capacitação profissional.

A realização deste trabalho teve profunda influência na minha evolução pessoal. Quer enquanto aluna, porque me ajudou a desenvolver a escrita e o rigor académico, quer enquanto cidadã, porque me tornou mais ciente da diversidade social que me rodeia e das dinâmicas de poder e discriminação. E acima de tudo, enquanto ser humano, porque aprendi que há várias versões de pessoa, fruto do meio e das condições onde se insere. Lidar de perto com a pobreza e com os seus “reféns” permitiu-me ser mais humilde, perceber e viver as dificuldades do quotidiano destas pessoas, tornando-me mais empática e mais sensível, com impacto na minha formação pessoal, cultural e profissional. Conheci pessoas que se tornaram amigas e vivi momentos de grande união, pelo que espero conseguir retribuir tudo o que me deram. Mesmo sabendo que está fora do meu controlo, espero que este trabalho eleve a voz destas pessoas e que tenha impacto político. Gostava muito que chegasse às mãos de quem tem poder para promover a mudança e a melhoria das condições de vida desta comunidade, talvez ao presidente da Câmara Municipal de Vissaium, quem sabe...

REFERÊNCIAS

- Academia de Ciências de Lisboa (2001). Dicionário da Língua Portuguesa. (2627). Verbo.
- Alves, S. (2018). *Parentalidade na adolescência: o impacto na vida adulta e a intervenção do serviço social* [Master's thesis, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE. <https://www.iscte-iul.pt/tese/8400>.
- Amato Lusitano (2022). Crónica: *A voz do cigano- A origem dos ciganos em Portugal*. <http://www.amatolusitano-ad.pt>.
- Ardèvol, E.; Garriga, C.; Garrido, M.; Montes, J.; Sabater, J.; San Román, T.; Ortoga, M. (1986). *Entre la marginación y el racismo. Reflexiones sobre la vida de los gitanos*. (Org. Teresa San Román). Artes Gráfica Ibarra, S.A.
- Assembleia Constituinte (1976). *Constituição da República Portuguesa*. <https://www.parlamento.pt/>.
- Augusto, N. (s/d). *Habitação Social: da intenção de inserção à ampliação da exclusão*, IV Congresso Português de Sociologia.
- Azevedo, A. (2013). *Etnias de Portugal: o caso dos ciganos*. E-REI: Revista de Estudos Interculturais do CEI.
- Barata Salgueiro, T. (2000). *Fragmentação e exclusão nas metrópoles*. Sociedade e Território, volume (30), páginas 16-26.
- Barder, V. (2008). *Racismo, Etnicidade, Cidadania. Reflexões sociológicas e filosóficas*. (1136). Edições Afrontamento.
- Barnes, J. (1990). *Models and interpretations selected essays*. Cambridge University Press.
- Barnes, J. (1994). *A pack of lies: towards a sociology of lying*. Cambridge University Press.
- Barros, C. & Santos, J. (1997). *A Habitação e a Reintegração Social em Portugal*. (1) Editora Vulgata.
- Becker, H. (1963). *Studies in the sociology of deviance*. (1). Free press.
- Beirante, C., Reis, D., Luisinho, E., Martires, C., Delgado, S. (2012). *Multiculturalidade no nascimento*. Hospital Professor Doutor Fernando Fonseca.
- Bento, M. (2016). *Serviço Social e Municípios* [Doctoral dissertation, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/>.
- Bezerra, L. (2011). *Sentidos da Pobreza e do Viver em territórios estigmatizados: versões de moradores do Grande Bom Jardim em Fortaleza*. Jornada Internacional de Políticas Públicas.
- Blumer, H. (1969). *El interaccionismo simbólico: perspectiva y método*. (1). Hora.

- Bourdieu, P. (1993/2008). *A miséria no mundo* (M.S. Carvalho *et al.*, Trans.). Editora Vozes.
- Branco, F. (1993). *Crise do Estado Providência, universalidade e cidadania: um programa de investigação e ação para o Serviço Social*. Revista Intervenção Social. N.º. 8. Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa.
- Briggs, A. (1961). *The welfare state in historical perspective*. European Journal of Sociology, 2(02), 221-258.
- Bruto da Costa, A. (1998). *Exclusões sociais*. (1). Gradiva publicações, lda.
- Caníço, H., Bairrada, P., Rodriguez, E. & Carvalho, A. (2010). Novos tipos de família, plano de cuidados. (1). Imprensa editorial de Coimbra;
- Carvalho, F. (2018). *Olhar os bairros a partir de dentro: estudo das perceções dos moradores do Bairro Social do Sobreiro*. [Master's thesis, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. Repositório aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/116721/2/298844.pdf>.
- Castel, R. (2012). *Devir do Estado Providencia e Trabalho Social*. Revista Locus Social. N.º. 4 – 2012. Universidade Católica. <http://cesss.fch.lisboa.ucp.pt/images/site/locus-social/locus-social-n4-2010.pdf>.
- Clavel, G. (2004). *A Sociedade da Exclusão, Compreendê-la para dela sair*. (1). Porto Editora.
- Cloward, R. e Ohlin, L. (1960). *Delinquency and opportunity. A theory of delinquent gangs*. (1). Free Press.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do conhecimento científico*. (1). Atlas.
- Díaz, J. F. Jiménez (2011). *El Estado Social: Redefiniendo la sociedad y la economía desde la política, Capítulo 1 do livro : Teorías Actuales Sobre El Estado Contemporáneo*, (Org. de Garcia, Rafael). (1). Universidad de Granada.
- Diogo, F. (s/d). *Cultura da pobreza: uma abordagem crítica da teoria*. Universidade dos Açores. <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/5683/1/CS%20N7-8%20pp15>.
- Dubet, F. (2002). *Le déclin de l'institution*. (1). Seuil.
- Durkheim, E. (1970) [1895]. *A divisão do trabalho social* (1.º volume). Presença: 145-167.
- Duveen, G. (2001). "Introduction". In Serge. Moscovici, Social representations, explorations in social psychology (pp.1-17). New York University Press.
- Engels, F. [1983 (1872)]. *Para a questão da habitação*. (J. P. Gomes Trad.). Edições Avante.
- Esping-Andersen, G. (1993). *The Three Worlds of Welfare Capitalism*. (2). Princeton University Press.

- Estivill, J. (2000). *Uma perspetiva desde o Sul - Cores Diferentes para um Mesmo Mosaico Europeu*, Capítulo 6 da publicação: *Políticas e Instrumentos de Combate à Pobreza na União Europeia: a garantia de um rendimento mínimo*. Presidência Portuguesa da União Europeia.
- Ferrari, A. (1974). *Metodologia da ciência*. Kennedy.
- Ferreira, A. (2014). *Viver num bairro social e as relações de vizinhança: um estudo sociológico no Bairro de Santa Tecla* [Master's thesis, Universidade do Minho]. RepositórioUM. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/>.
- Giddens, A. (2001). *Sociologia*. (4). Artmed.
- Gil, A. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6). Atlas.
- Goffman, E. (1981). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (1). Zahar Editores.
- Guerra, I. (1994). *As Pessoas Não São Coisas Que se Ponham em Gavetas*. Sociedade e Território, nº 20, Ed. Afrontamento, pp. 11-16.
- Henock, E. (2001). *Welfare State, History of*. In N. Smelser & P. Baltes, *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 38-45). Elsevier Ltd.
- Jodelet, D. (1989). *Représentations sociales: un domaine en expansion*. In D. Jodelet (Ed.) *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989, pp. 44-61.
- Júnior, J. C. C. (2003). “*Fundamentos Sociais das Economias Pós – Industriais: Uma resenha crítica de Esping-Andersen*”. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. Nº. 56. Editora BIB.
- Kilomba, G. (2019). *Memória da plantação, Episódios de racismo quotidiano*. (1) Orfeu Negro.
- Lakatos, E. & Marconi, M. (2007). *Fundamentos de metodologia científica*. (7). Atlas.
- Lewis, O. (1966). *The culture of poverty*. *Scientific American*, 215 (4), 19-25.
- Liddle, R. & Lerais, F. (2006). *A realidade social da Europa – Relatório do Gabinete de Conselheiros de Política Europeia*. Serviço de Publicações da União Europeia.
- Machado, H. (2008). *Manual de sociologia do crime*. (1) Edições Afrontamento.
- Malheiros, J., Mendes, M., Barbosa, C. E., Silva, S. B., Schiltz, A., & Vala, F. (2007). *Espaços e expressões de conflito e tensão entre autóctones, minorias migrantes e não migrantes na área metropolitana de Lisboa*. ACIME.
- Marôpo, L. (2014). *Identidade e estigmatização: as notícias na percepção de crianças e jovens de um bairro de realojamento*. *Análise social*. XLIX (210). 104-127. <http://analisesocial.ics.ul.pt/>.
- Matos, M. (2014). *O Estado-Providência em Portugal e as Políticas Sociais: avaliação da*

implementação das cantinas sociais [Master's thesis, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/> .

Ministério Público (s/d). *Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais*. <https://gddc.ministeriopublico.pt/>.

Moscovici, S. (2001). *Social representations: explorations in social psychology*. (1). New York University Press.

Mourão, J. (2011). *O casamento cigano- Estudo sócio-jurídico das normas ciganas sobre as uniões conjugais* [Master's thesis, Universidade Fernando Pessoa]. Repositório institucional da Universidade Fernando Pessoa. <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/2236>.

Nazareth, B. (2015). *Proletariado e Lumpemproletariado: produto e subproduto da Revolução Industrial*. Universidade Federal Fluminense.

Nesslein, T. (1988). *Housing: the market versus the welfare state model revisited*, in *Urban Studies*, 25, 95-108.

Parker, R. & Camargo, K. (2000). *Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos*, *Cadernos de Saúde Pública*. 16 (sup.1): 89-102.

Peralta, E. (2019). *A integração dos “retornados” na sociedade portuguesa: identidade, desidentificação e ocultação*. *Revista do Instituto de ciências sociais da Universidade de Lisboa*.

Pereira, B. (2003). *Uma imensa espera de concretizações...Ilhas, bairros e classes laboriosas brevemente perspectivadas a partir da cidade do Porto*. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, volume (13), páginas 139-148.

Pinto, T. (1994). *A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: o gosto pela casa e o desgosto pelo bairro*, *Sociedade e Território*. n.º 20, Ed. Afrontamento, páginas 36-43.

Presidência do Conselho de Ministros (2021). *Programa Nacional de Habitação (PNH)* [Conference session]. Conferência de imprensa do Conselho de Ministros de 3 de novembro de 2022, Algés.

Prodanov, C. & Freitas, E. (2013). *Metodologia do trabalho científico*. (2). Universidade Feevale.

Rex, J. (1970). *Race relations in sociological theory*. (1). Londres.

Ribeiro, F. (2022). *Expressões e causas da pobreza. Brotéria, Cristianismo e cultura*, volume (194-1), páginas 41-48.

Santos, B. & Ferreira, S. (s/d). *A reforma do Estado-Providência entre globalizações conflitantes*. <https://estudogeral.sib.uc.pt/> .

Santos, D., Palomares, N., Normando, D. & Quintão, C. (2010). *Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar*. Dental Press J Orthod.

- Sellin, T. (1938). *Culture, conflict and crime*. Social Science Research Council.
- Serra, C. ; Jesus, J. ; Carvalho, P. ; Diogo, P. (2014). *Cadernos de ciências sociais, O que é o racismo?* (1). Escolar editora.
- Silva, C. (1994). *Mercado e políticas públicas em Portugal: a questão da habitação na primeira metade do século XX*. Análise Social.
- Silva, M.; Silva, S.; Pinto, M.; Sobral, J.; Ramos, M.; Barbosa, M.; Silva, I.; Cid, C.; Oliveira, C.; Barbosa, S.; Pimenta, S.; Ribeiro, F.; Gomes, S. (2014). *Sina social cigana*. (Org. Manuel Carlos Silva). (1). Fernando Mão de Ferro.
- Silva, P. A. (2002). “*O Modelo de Welfare da Europa do Sul – Reflexões sobre a utilidade do conceito*”. *Revista Sociologia - Problemas e Práticas*. nº. 38. páginas. 25-59. ISCTE – IUL.
- Simões, F. (2010). *A habitação social como instrumento de combate à pobreza e exclusão social: estudo de caso no Bairro Alves Redol* [Doctoral dissertation, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/3010>.
- Staeheli, I. (2001). *Welfare State, Geography of*. In N. Smelser & P. Baltes, *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 60-67). Elsevier Ltd.
- Teixeira, C. (1994). *A habitação popular no século XIX – características morfológicas, a transmissão de modelos: as ilhas do Porto e os cortiços do Rio de Janeiro*. Análise Social, volume (29), páginas 555-579.
- The General Assembly (2017). *Universal Declaration of Human Rights*. <https://unric.org/>
- Therborn, G. (1983). *Why some classes are more successful than others*. New Left Review, volume (138 March– April), páginas 37-55.
- Titmuss, R. (1958). *Essays on the Welfare state*. (1). Bristol University Press.
- Valdez, E., Pérez, R., Rodriguez, M. & Celaya, I. (2008). *¿Deserción o auto-exclusión? Un análisis de las causas de abandono escolar en estudiantes de educación media superior en Sonora*. Scielo.
- Wacquant, L. (1996). *The Rise of Advanced Marginality: Notes on its Nature and Implications*. Acta Sociologica, volume (39), páginas 121-139.
- Weir, M. (2001). *Welfare State*. In N. Smelser & P. Baltes, *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 20-35). Elsevier.

ANEXOS

Anexo A - Questionário

Caracterização socioeconómica da população do bairro social de Paradinha

1) Caracterização pessoal

1.1) Género: ☐ F ☐ M Outro/não binário ☐

1.2) Idade: _____

1.3) Nacionalidade:

1.3.1) Portuguesa ☐

1.3.2) Outra ☐ 1. 3.2.1) Qual? _____

1.4) Etnia:

1.4.1) Branca ☐ 1.4.2) Negra ☐ 1.4.3) Latina ☐

1.4.4) Cigana ☐ 1. 4.5) Outra ☐ 1.4.5.1) Qual? _____

1.5) Quais são as suas habilitações académicas?

1.5.1) Qual é a sua profissão?

1.6) Estado civil:

1.6.1) Solteiro/a ☐ 1. 6.2) Casado/a ☐ 1.6.5) União de facto ☐

1.6.3) Viúvo/a ☐ 1. 6.4) ☐ Divorciado/a

2) Agregado familiar

2.1) Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?

2.2) Descrição do agregado familiar

Idade	Grau de parentesco	Profissão

2.3) Qual é o valor do rendimento total líquido mensal da família?

2.3.1) Qual é o valor total das despesas mensais familiares?

2.4) Que e quantos bens patrimoniais é que a sua família possui (exemplo: dois carros, uma mota, dois computadores, uma televisão, cinco móveis, um frigorífico, etc.)?

2.4.1) Qual é o valor total do património familiar?

2.5) A sua família é beneficiária de RSI?

Sim

☐

Não

☐

2.4) A sua família é beneficiária de subsídios, apoios ou abonos?

Sim

☐

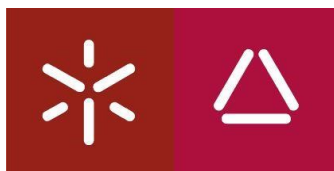
Não

☐

2.4.1) Se ☐ sim, qual/ quais?

Obrigada por colaborar!

Anexo B – Consentimento informado



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Consentimento informado

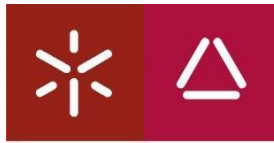
Pelo presente consentimento informado, eu _____, declaro que aceito de livre vontade participar na entrevista realizada pela aluna Francisca Correia do curso de Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade da Universidade do Minho, acerca do quotidiano de quem vive num bairro social. Declaro ainda que me foram explicados os objetivos principais deste estudo e compreendo que a minha participação no mesmo é voluntária. Declaro que consinto a gravação áudio da entrevista para efeitos do referido estudo.

Data: ____/____/____

Assinatura do(a) participante:

Assinatura da aluna entrevistadora:

Anexo C – Autorização de participação para menores



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Autorização de participação para menores

Eu, _____ (nome completo do _____ responsável),
residente em _____
_____ (morada completa), portador(a) do documento de identificação
número _____, válido até ____/____/____, na qualidade de legal responsável
do(a)
menor _____ (nome completo do jovem), portador(a) do documento de identificação número
_____, válido até ____/____/____.

Declaro que autorizo a participação do(a) menor na entrevista realizada pela aluna Francisca Correia do curso de Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade da Universidade do Minho, acerca do quotidiano de quem vive num bairro social. Declaro ainda que me foram explicados os objetivos principais deste estudo e compreendo que a participação no mesmo é voluntária. Declaro que consinto a gravação áudio da entrevista para efeitos do referido estudo.

Data: ____/____/____

Assinatura do(a) legal responsável do menor:

Assinatura da aluna entrevistadora:

Anexo D – Guiões de entrevista

A entrevista que se pretende aplicar foi criada com o intuito de alcançar objetivos relativos ao projeto de dissertação “ Parafernália: um estudo etnográfico num bairro de habitação social” realizado no âmbito do mestrado de Crime, Diferença e Desigualdade da Universidade do Minho e é composta por quatro secções, na primeira apresentam-se questões alusivas ao bairro e à satisfação quanto ao espaço onde se habita; na segunda exibem-se questões referentes a representações sociais em relação à população exterior ao bairro e em relação à população residente; na terceira expõem-se questões relacionadas com situações de estigma e preconceito e na quarta apontam-se questões associadas às expectativas e objetivos futuros.

Entrevista para jovens (F/M)- J

Sexo: __ Idade: __

J1- Satisfação quanto ao espaço onde se habita

J1.1) Gostas de viver no bairro, como é o teu dia-a-dia aqui?

J1.2) Se pudesses ter sido tu a criar este bairro como o construirias e acrescentavas algo novo?

J1.2) Sentes que as condições deste espaço habitacional, ou seja do bairro, são agradáveis para os moradores, porquê?

J1.3) O que é que este sítio te transmite, o que é que este bairro significa para ti?

J1.4) E os teus vizinhos e família que cá mora que importância têm para ti, consegues descrevê-la?

J1.5) Cresces-te cá, como foi viver essa experiência, podes falar-me um bocadinho sobre ela?

J2- Representações sociais

J2.1) Qual é a tua opinião em relação às pessoas exteriores ao bairro, em relação às de Paradinha e às do resto da cidade?

J2.2) E como é que achas que é a opinião dessas pessoas em relação às pessoas de cá?

J2.3) Sentes que és tão Viseense como quem mora fora do bairro, sentes-te incluído? Achas que participas e tens acesso às mesmas coisas (na escola, nas festas da cidade...) que as pessoas que moram fora do bairro?

J2.4) Achas que, por viveres num bairro social, serás criminoso? J3- Estigma e preconceito

J3.1) Sabes o que é estigma e preconceito? Já alguma vez te sentiste vítima de algum deles?

Podes explicar como foi a situação e descrever o que sentiste?

J3.2) Achas que por causa do estigma e do preconceito a tua vida é mais complicada, em que sentido(s)?

J3.2.1) Como é que contornas essas dificuldades? J4- Expetativas, sonhos e objetivos

J4.1) Quais são as tuas expetativas em relação à tua vida no futuro? J4.2) Podes falar-me um bocadinho dos teus interesses e objetivos? J4.3) Tens sonhos, quais são?

A entrevista que se pretende aplicar foi criada com o intuito de alcançar objetivos relativos ao projeto de dissertação “ Parafernália: um estudo etnográfico num bairro de habitação social” realizado no âmbito do mestrado de Crime, diferença e desigualdade da Universidade do Minho e é composta por quatro secções, na primeira apresentam-se questões alusivas ao bairro e à satisfação quanto ao espaço onde se habita; na segunda exibem-se questões referentes a representações sociais em relação à população exterior ao bairro e em relação à população residente; na terceira expõem-se questões relacionadas com situações de estigma e preconceito e na quarta apontam-se questões associadas à educação escolar.

É importante referir que todos os dados recolhidos serão de carácter anónimo.

Entrevista para adultos e velhos (F/M)- AV

Sexo: _____ Idade: _____

AV1- Satisfação quanto ao espaço onde se habita

AV1.1) Gosta de viver no bairro, como é o teu dia-a-dia aqui?

AV1.2) Se pudesse ter sido o senhor/a a criar este bairro como o construiria e acrescentavas algo novo?

AV1.3) Sente que as condições deste espaço habitacional, ou seja do bairro, são agradáveis para os moradores, porquê?

AV1.4) E os seus vizinhos e família que cá mora que importância têm para ti, consegue descrevê-la?

AV1.5) Cresceu cá, como foi viver essa experiência, pode falar-me um bocadinho sobre ela?

AV2- Representações sociais

AV2.1) Qual é a sua opinião em relação às pessoas exteriores ao bairro, em relação às de Paradinha e às do resto da cidade?

AV2.2) E como é que acha que é a opinião dessas pessoas em relação às pessoas de cá?

AV2.3) Sente que é tão Viseense como quem mora fora do bairro, sente-se incluído?

AV2.4) Acha que há ligação entre viver num bairro social e ser criminoso?

AV3- Estigma e preconceito

AV3.1) Sabe o que é estigma e preconceito? Já alguma vez se sentiu vítima de algum deles? Pode explicar como foi a situação e descrever o que sentiu?

AV3.2) Acha que por causa do estigma e do preconceito a sua vida é mais complicada, em que sentido(s)?

AV3.2.1) Como é que contorna essas dificuldades?

AV4- Educação escolar

AV4.1) Andou na escola, gostou?

AV4.2) Tem curso superior? Gostava de ter tirado? AV4.3)

Quais são as suas habilitações académicas?

AV4.4) Acha que o nível de educação interfere com o sucesso das relações familiares?

AV4.5) Qual é a sua profissão?

Anexo E - Respostas

Entrevista para jovens (F/M)- J

J1- Satisfação quanto ao espaço onde se habita

J1.1) Gostas de viver no bairro, como é o teu dia-a-dia aqui?

Sara F14

Sim, *opá*, depende dos dias, às vezes nós saímos todos, outras vezes ficamos aqui a jogar à bola...quando é tempo de escola é ir para a escola, voltar, quando voltamos fazemos sempre, ou jogamos à bola ou ficamos ali a brincar no meio, de férias nós já combinamos alguma cena, vamos tipo pra algum lado, tipo vamos para o rio ou assim. Nós normalmente com alguém que já conduza ou alguém nos leva lá e e ficam lá com nós, outras vezes não, é assim.

Jonas M14

Gosto, no meu dia-a-dia saio de casa, estou com o meu pessoal *ya*, às vezes vamos sair do bairro e vamos tipo até à fonte que é ali já em baixo e é fixe viver no bairro.

Rodrigo M16

Ya, jogamos à bola, fumamos umas tocas e passemos assim dia, à noite vamos para Jogueiros e já está. Pedimos aos nossos pais para nos lá levarem e depois para voltar, às vezes vimos a pé, entre todos, juntos ou vimos de bicicleta ou assim. Não temos medo de vir por aquela estrada.

Os jovens responderam positivamente à questão, contam que passam os dias em grupo e que fazem atividades como jogar à bola, e passear. Por vezes também fumam drogas e saem à noite.

J1.2) Se pudesses ter sido tu a criar este bairro como o construirias e acrescentavas algo novo?

Sara F14

Por acaso nunca pensei nisso, mas eu acho que faria igual, tirando a parte ali do mato, tipo faria outra coisa, a lateral. Não é incomodar mas podia fazer outras coisas do que só estar ali mato, não acho que seja perigoso, tirando as crianças as crianças que às vezes caem e como aquilo é só picos e quês. Se pudesse acrescentar, acrescentava piscinas, compunha o parque infantil.

Jonas M14

Opá mais construções e o carago, tipo...fazer obras, mais obras *ya*. Em todo o lado do bairro, tipo aqui à entrada, *opá* aqui atrás que andam aí muitas fossas a cheirarem mal e o caraças, não é agradável. No campo de futebol, *ya* também, *ya* já me magoei lá várias vezes mas não foi por causas das condições foi só porque caí.

Rodrigo M16

Punha mais grafitis no bairro, um campo novo tinha que ser, porque aquilo está muito partido, e claro que não é agradável jogar naquelas condições. Já nos magoámos um molho de vezes, por causa das condições do campo. Não fazia mais nada de diferente, de resto gosto.

Como resposta a esta questão, os jovens apontam alguns pontos habitacionais a melhorar. Salientam a degradação das infraestruturas o que exalta a fraca qualidade dos materiais de construção deste bairro de habitação social. Mencionam as condições deploráveis em que se encontram o parque infantil e o campo de futebol.

Sara refere que alteraria o facto do bairro estar circundado por floresta, o que é sinónimo de isolamento. Jonas queixa-se do mau cheiro proveniente do sistema de esgotos, esta poderá ser mais uma consequência da fraca qualidade dos materiais de construção. E Rodrigo alerta, veementemente para os perigos da degradação das infraestruturas.

J1.3) Sentes que as condições deste espaço habitacional são agradáveis para os moradores, porquê?

Sara F14

Opá depende, algumas casas são um bocado, estão um bocado destruídas, de resto *opá*...o bairro não é mau *tás* a ver, de resto *ya*, acho que deixava tudo igual só compunha as coisas que estão um bocado destruídas, algumas casas degradadas, o campo, o parque, as paredes talvez, de fora dos prédios estão todas tipo com grafitis e quês, não tirava os grafitis todos, por exemplo estes que foram os profissionais a fazer não mas outros sim, apesar de saber que depois isto ia ficar igual. Porque eles arranjam maneira de ficar igual, eles tipo olham para a parede e veem assim...aquilo precisa de um nome, aquilo precisa de um nome. *Ya*, é sempre assim, nós não podemos ver um bocado de parede.

Jonas M14

Sim, *opá* não, se as coisas fossem de outra maneira era mais agradável viver cá, andar na rua.

Rodrigo M16

Sim, gosto assim do meu bairro conforme está. *Ya*, mas umas mesas, *ya*, isso é que era! Umas *mésinhas* aí para jogarmos às cartas e uns banquinhos, isso é que era! O convívio é feito em casa uns dos outros, na rua é difícil porque estamos sempre a sair. O parque infantil está um bocado estragado, já me magoei várias vezes, aquilo antes era bem bonito agora é que já está tudo partido, não acho que esteja seguro. Agora é a vez dos nossos irmãos, nossos sobrinhos irem para lá brincar e aquilo não está nada fixe...e depois ainda por cima é terra, as carraças vão lá.

Neste capítulo da entrevista, os jovens, evidenciam a necessidade de se melhorarem as condições habitacionais, focando-se no que já está degradado.

É curioso reparar que Sara condena o facto de se fazerem grafitis amadores nas paredes do bairro mas que mesmo assim se considera e tem gosto em ser parte do grupo, comprova-se através da afirmação: “*Ya*, é sempre assim, nós não podemos ver um bocado de parede”, e, aqui se denota a importância da relação intergrupar e dos laços comunitários para a jovem. Depreende-se, a partir do relato de Rodrigo, que na cidade há carência de espaços de convívio e lazer.

J1.4) O que é que este sítio te transmite, o que é que este bairro significa para ti?

Sara F14

*Opá...*eu não fui criada sempre aqui, eu só fui quando era pequenina e agora tipo passei cá três anos e agora estou cá outra vez. Nesse intervalo eu estive cá em Vissaium só que fui criada com família senhora, não cigana, fora de Parafernália. *Opá*, o bairro é o meu sítio, onde eu cresci, onde eu tenho a minha família toda, onde tenho os meus amigos de quando era pequenina, tenho tudo aqui mas também consigo ter lá, então tipo, o bairro é uma cena onde eu venho para a minha infância outra vez, basicamente. É onde eu fico mais com a minha família e onde eu me divirto com as festas que aqui as festas, *opá* depende das festas, se forem assim tipo de Natal ou S. João ou assim...agora já não são tão *coiso* porque estão mais de luto e quês mas começam sempre a ser bué grandes e os casamentos são maiores ainda, e aquilo tipo imagina, casamento é para durar três dias mas às vezes dura semanas, dura praí uma semana e dois dias, é sempre assim. Durante o dia inteiro, normalmente os homens é que ficam lá à noite, de manhã, depois vão dormir um bocado à tarde, ficam lá as mulheres e depois volta tudo dos homens. As mulheres nunca ficam de noite a não ser que estejam lá com os maridos ou com a família delas não é.

Jonas M14

*Opá...*desde pequeno que vivo aqui *né*, é o meu bairro *qué memo* assim! É a minha casa.

Rodrigo M16

Opá é uma alegria *né*, foi onde eu cresci. Claro que gosto de viver cá, as pessoas que vivem cá são família *né*, todas mesmo não sendo família! Tenho uma ligação muito forte com os meus vizinhos, *ya né*, normal...tudo aqui é como se fosse família, *ya*.

Joana F23

O bairro significa para mim...conflituoso, sentir que é a minha casa sinto agora sentir que esta é o meu bairro não, em casa é agradável de se estar mas lá fora não.

Os jovens demonstraram um forte apego à comunidade e ao local, o bairro e as pessoas que lá

habitam foram e são referências de extrema importância para o desenvolvimento dos jovens. Joana, uma jovem adulta que não é natural de Parafernália expõe o contrário, dizendo que dentro do espaço onde vive se sente em casa mas fora dele não. Não se identifica com o local nem com os vizinhos.

J1.5) E os teus vizinhos e família que cá mora que importância têm para ti, consegues descrevê-la?

Sara F14

Opá, a minha família claro que tem importância para mim porque é a minha família, daqui é muita, porque aqui eu tenho os meus primos, a minha avó e os meus pais, e os meus tios e assim, e o meu irmão só que há gente daqui que eu também não gosto, poderia dizer os vizinhos mas os vizinhos também são da minha família, um bocado mais afastada. Há gente que gosto, há outra gente que não gosto porque também há gente que é bué não sei quê tipo “à, não sei quê, porque é senhora e *bá bá bá*” e eu tipo, eu gosto dos senhores que cá vivem porque eu sou tipo do lado dos dois, e quando eu vim para cá, eu não falo como eles, tipo eu falo normalmente de senhor então eles no início gozavam bué comigo por causa disso, os ciganos. Os outros gozavam mesmo só por eu falar à senhor e eles não então eu tipo não ando com muita gente aqui do bairro, costume só andar com a minha gente e de resto nada, a minha gente é a minha família ou os amigos do meu irmão ou assim, é por isso que eu só ando com rapazes porque as miúdas daqui são bué “ai”, há aqui muitas meninas da minha idade, elas andam ao fim do dia e a dar voltas ao bairro e a fazer alguma coisa, durante o resto do dia ou estão em casa ou estão todas em casa da avó delas, *ya*, eles costumam sempre ficar tipo mais resguardadas. Porque normalmente elas quando andam cá todas, agora estão de luto por isso não podem meter música, são todos daquela família, basicamente e agora estão de luto e não podem meter música e nós começamos a vir cá para fora quando tipo conseguimos meter música porque elas divertem-se a dançar, *ya*.

Jonas M14

As pessoas são-me muito e não muito importantes, a minha família é importante para mim e os meus vizinhos também, todos eles mas são só meus vizinhos, não os vejo como família o que não quer dizer que um dia em que eu precise de alguma coisa eles não estejam e no dia em que eles precisarem eu também não esteja.

Rodrigo M16

Os meus vizinhos para mim são família, se eu precisar da ajuda deles eles estão lá e se eles precisarem da minha eu estou lá, claro! Ajudaram-me em várias coisas, quando eu estava triste

ou assim eles chegavam lá e alegravam-me e quê, ajudavam-me...

Sara conta que é fruto de duas etnias, proveniente de família cigana que tem grande importância para ela e com alguma influência de etnia branca. A sua vida divide-se entre dois espaços e duas etnias, sente-se diferente dos habituais ciganos que habitam Parafernália, com outros modos e perspectivas. É distinta das raparigas ciganas da idade dela, mais livre. Prefere dar-se apenas com quem lhe é próximo e com quem confia, há alturas em que se sente discriminada por outros ciganos por ter um *modus vivendi* resultante do cruzamento de etnias. Jonas relata que se dá bem com toda a gente e que sabe que pode contar com os vizinhos mas que não gosta da mesma forma de todas as pessoas que habitam no mesmo espaço que ele, já Rodrigo, considera os vizinhos como familiares. Estar uns para os outros faz parte da vivência em comunidade.

J1.6) Cresces-te cá, como foi viver essa experiência, podes falar-me um bocadinho sobre ela?

Sara F14

Sim, um bocado. *Opá*, não sei, foi um bocado de tudo na verdade, porque imagina nós também passámos dificuldades como tivemos tempos bons, ou seja, andámos ali sempre no meio-termo. Falta de dinheiro, falta de coisas em casa e assim, armários ou gás para fazer comida ou assim, para tomar banho nós usamos o cilindro portanto não é tão *coiso*, era sempre assim, algumas dificuldades mas depois haviam momentos bons que nós ficávamos ali bem. *Opá*, é diferente *né* porque nós, tipo, as crianças que vivem fora do bairro, crescem fora do bairro é diferente quando vierem para o bairro, porque elas não vão estar habituadas tipo como nós fomos habituados, é um choque de realidades porque nós, a bem dizer somos mais, brincamos mais com as coisas que temos, não vemos uma cena e dizemos assim “quero aquilo” e depois os nossos pais têm de comprar, nós não, nós tipo brincamos com pedras se for preciso, então *já*, se for os outros, os outros ah quero aquilo, quero aquilo, ponto final, nós não, se for preciso andamos todos à porrada e já é uma brincadeira. É assim, lá está, é por isso quando nós vamos para as escolas e assim as pessoas ficam “o que é que é isto!”, é um bocado isso. Eu saí daqui tinha nove, eu saí daqui tinha quatro, voltei para lá porque o meu avô vivia fora daqui, pronto em Vissaium, e depois aos cinco o meu pai e a minha mãe trouxeram-me de volta e o meu avô já não estava com nós porque ele foi preso na altura e a mulher dele, supostamente é a minha segunda avó porque ele deixou a minha avó e pronto e basicamente eu chamava-a de mãe, à mulher do meu avô e depois eles voltaram-me a levar e eu voltei ós onze para aqui, porque na altura ela morreu e depois eu vim para aqui outra vez, passei aqui três anos e agora ando sempre aqui, a voltar e a sair, a voltar e a

sair. Agora estou a viver aqui.

Jonas M14

Sim, antes a infância era muito mais grande, era tipo, correr para lá, correr para cá, *ya* era isso. *Opá*, da primeira vez que soube que o campo estava ali tinha placas e isso, estava tudo mais direitinho, o parque infantil também mas apanhei piolhos e isso, carraças por causa dos cães, na altura também estava meio partido e nós gostávamos de brincar lá na mesma, já achei lá dinheiro e o caraças, *ya*, encontrávamos mesmo mas nunca apanhámos carraças ou piolhos. Eu e os meus amigos crescemos todos juntos, e isso é bom para mim, reforça a ligação entre nós, somos irmãos.

Rodrigo M16

Foi agradável crescer cá, claro que sim. Mas há algumas condições que não tornaram essa vivência tão agradável, há várias coisas que não *né...ué* conforme está o bairro, está muito partido, isso tinha que ser tudo composto, *ya*, devíamos mudar o bairro, só isso.

Em relação à questão, Sara diz que foi bom mas que passou algumas dificuldades e consegue apontá-las e perceber a influência das mesmas na sua forma de ser e na de quem a rodeia, isto por ter tido outro tipo de vivência em que as condições foram favoráveis ao seu bem-estar. Nunca deixando de se referir à infância como uma época alegre: de muita diversão, alegria e brincadeira, Jonas e Rodrigo reforçam esta última ideia.

J2- Representações sociais

J2.1) Qual é a tua opinião em relação às pessoas exteriores ao bairro?

Sara F14

Opá, depende das pessoas porque há pessoas com vários feitios não é verdade, eu acho que somos todos iguais mas só vivemos em realidades diferentes, porque nós conhecemos mais aquilo que é, tipo se o mundo não tivesse muita coisa, eles já vivem onde o mundo tem assim possibilidades de *le* dar bué cenas, nós não. Então tipo, se eles viessem morar no nosso lugar eles ficariam um bocado, tipo, eles seriam mais revoltados que nós com a vida porque, *ya*, é isso. *Opá*, certas pessoas são simpáticas, outras já não são assim tanto porque isso depende dos gostos das pessoas.

Rodrigo M16

Não sei...não me dou com muitos, dou-me com alguns deles mas não me dou com muitos, os que eu conheço são fixos para mim, são agradáveis.

Sara é da opinião de que “somos todos iguais (...) só vivemos em realidades diferentes” com isto

quis dizer que, tanto as pessoas de Parafernália, como as pessoas de fora são pessoas e que, o que modela os seus comportamentos é o meio onde se inserem, a realidade que conhecem. Constatamos que os exteriores ao bairro são simpáticos e outros nem tanto, mas que isso depende do gosto de quem julga. Rodrigo, ao responder à questão voltou a demarcar o seu grupo relacional dizendo “não me dou com muitos, dou-me com alguns deles mas não me dou com muitos” e considerando os poucos com quem se dá, agradáveis.

J2.2) E como é que achas que é a opinião dessas pessoas em relação às pessoas de cá?

Sara F14

Já ouvi várias opiniões mas normalmente as opiniões deles são tipo “ ai é muito perigoso e isto e aquilo” ou “ai, não sei quê, se entras lá eles podem-te bater ou isto” e nós não, nós não queremos fazer isso, tipo nós só ficamos a olhar que é para ver assim “quem é que está a entrar aqui”, é uma pessoa diferente a entrar na nossa casa, nós ficamos tipo “quem é aquela?” ou tipo “o que é que ela está aqui a fazer?”. Só estamos a perceber quem é aquela pessoa e porque é que está no nosso espaço e depois há pessoas que vêm para aqui e já com essa opinião que tentam tipo mandar em nós, no nosso bairro! Então é normal que fiquemos um bocado revoltados mas normalmente nós não fazemos isso, até começamos a apresentar as cenas, *ya* e às vezes tipo, trazemos para aqui amigos, eu já trouxe para aqui amigas e toda a gente começou a perguntar “quem é, quem é, quem é?” e eu disse “ é uma amiga minha, tipo da escola” e depois ficámos aí, eu *apresentei-le* a cena e *ya*. Tipo, eles já vêm com a ideia de que nós *vamos-le* bater então eles já vêm tipo assim a defender-se sendo que nós só *tamos* tipo a tentar perceber o que é que ele quer daqui, porque há muitas pessoas, por exemplos *policiais* que vêm para aqui disfarçados e tipo ou batem ou isto ou aquilo, *tás* a entender e tipo *ya*, nós só queremos perguntar quem é e ele vem logo tipo assim bué arrogante, bué isto, bué aquilo. *Opá*, houve, tipo eu era um bocado pequena então não me lembro muito bem mas *távamos* todos aqui, acho que era S. João ou assim umas festas dessas e nós *távamos* cá, nós começámos a montar as barracas e não sei quê, o largo ali do estacionamento fica cheio de barraquinhas e pronto nós estávamos lá e entrou um carro para o meio e tipo ele virou-se e disse assim “ à ”, ele disse qualquer coisa de tipo “à o que é isto ou não sei quê” tipo e ele nem era do bairro, nem cigano era e nós ficámos tipo assim, *prontos*, foram lá falar com ele e ele continuou a ser assim arrogante a dizer tipo cenas tipo “ à o que é que é isto e não sei quê, vocês não podem fazer isto e *bá bá bá*” *opá* e depois ele começou a embirrar com uma criança e essa criança acho que o mandou...e ele tipo, sai do carro e *manda-*

/e um estalo, literalmente e depois houve alta briga por causa disso e acho que se bateram e não sei quê, *ya*, e eu era bué pequena. O senhor, ele não altura disse que era tipo aqueles senhores que limpam as ruas ou alguma cena, *prontos* e ele *tava* lá e o pior é que nós nem estávamos a fazer lixo, tipo, nas festas nós coisamos o bairro, metemos o lixo para o chão e não sei quê mas depois vamos lá limpar tudo no dia a seguir porque este bairro é um nojo, pronto e *ya*, nós também somos um bocado assim que se lixe, mandamos tudo para lá mas depois...*opá*, se notares também não temos muitos caixotes do lixo aqui, nem que seja daqueles pequeninos, um em cada canto ou assim, nós não temos, só aqueles grandes e por isso é que nós somos assim, sei lá, já vem desde que os outros eram pequenos.

Rodrigo M16

Pra eles, nós *semos* um terror...eles pensam que nós somos um terror, porque o bairro é falado, porque falam mal do bairro. *Fodasse* que é polícia, há sempre porrada e não sei quê, eu acho que às vezes acontece, tanto como as pessoas dizem que acontece.

Os inquiridos enfatizam a ideia de que - quem é de fora - não conhece a realidade e que quando contacta com ela, reage à defensiva. O facto de se olhar de outra maneira para quem é novo prende-se com a questão da curiosidade e da defesa do território sendo que há um vínculo muito forte entre o habitante de Parafernália e o próprio bairro. Como vivem em comunidade, o núcleo habitacional tem uma perspetiva mais ampla, Sara afirma que “é uma pessoa diferente a entrar na nossa casa”, neste caso, a palavra casa identifica o bairro. Rodrigo corrobora a opinião de Sara explicando que, para quem é de fora “nós *semos* um terror...eles pensam que nós somos um terror” e que o bairro é mal falado.

J2.3) Sentes que és tão Vissaiense como quem mora fora do bairro, sentes-te incluído? Achas que participas e tens acesso às mesmas coisas (na escola, nas festas da cidade...)?

Sara F14

Opá, eu acho que sim não é porque eu ando sempre de um lado para o outro mas, tipo, os ciganos daqui e muito as meninas, as ciganas daqui meninas como eu, elas não saem tipo, elas não saem para festivais, tipo aquele que houve no Parque de Santiago, elas não saem, se saírem é só com as primas mais velhas ou assim, elas não podem sair para a noite nem nada, as famílias não deixam, só os homens é que podem, as mulheres não. Imagina, eu sou cigana mas não sigo as leis, exato, eu sou assim um bocado dos dois e quando vou levo toda a gente atrás, exato levo porque isso demonstra que eles não querem que as crianças vá conhecer o resto, provavelmente

elas nunca vão saber o que é uma festa assim, dum festival assim, quando nós e os homens sabem sempre, o que é uma noite, o que é uma festa, o que é isto, o que é aquilo. *Opá* tem um bocado a ver com questões do machismo mas também é por causa das leis que antigamente as leis eram mais rígidas nos ciganos e tipo antigamente as mulheres não podiam vestir isto ou vestir aquilo, hoje em dia já é mais *tchill*, mas em relação ao homem continuam a estar sempre mais fechadas ao mundo, mas há mulheres que também pensam “já, é assim que tem de ser e não sei quê” e que vão levar isso para o resto da vida, não vale a pena /e chatear a cabeça que ela vai dizer sempre “isto é assim, isto é assim, sempre foi!”. Eu não me sinto mal vista pela comunidade por pensar de forma diferente, imagina, eu quando era mais pequena sentia porque eu ia sempre sair e não sei quê e quando eu andava com estas miúdas elas diziam sempre “ ai não podes isto, não podes aquilo” e eu ficava sempre assim, tipo não posso porquê? *Prontos*, mas agora já não ligo e até os homens mais velhos e não sei quê, eles dizem mesmo “ vai aproveitar a tua vida, não te cases, que isto aqui não vale a pena”, é mesmo porque hoje em dia os ciganos são tipo, os mais pequeninos agora só querem saber tipo de noites, mulheres e não sei quê, não querem saber de casamentos nenhuns.

Jonas M14

Claro, sim, sim.

Rodrigo M16

Sim, tenho acesso às mesmas coisas, às mesmas atividades, claro. Algumas...

Os jovens sentem-se incluídos e entendem que têm acesso às mesmas atividades que quem não é de Parafernália, Sara alerta para o facto de as ciganas – por causa da lei da etnia – não conhecerem tanto do mundo, mas não é o seu caso e Rodrigo exprime que só tem acesso a algumas das atividades disponíveis para todos os Vissaienses mas não quis especificar.

J2.4) Achas que, por viveres num bairro social, serás criminoso/a?

Sara F14

Não, tu vives num bairro mas podes ser aquilo que tu quiseres tipo, tu vives no bairro mas podes querer seguir a tua escola como vejo *vária* gente aqui a querer seguir a escola. Há gente que não quer não é, só porque a escola é uma seca e *bá bá bá*, eu também digo que a escola é uma seca mas, tipo, óbvio que não quero ser como, tipo, imagina não quero *tar* a sair da escola para depois ir viver para um bairro e não ter nada, eu prefiro, sempre disse que tipo queria continuar a escola, depois queria arranjar o meu trabalho e tipo posso vir para aqui morar, posso *tar* aqui com os meus pais mas ter sempre as minhas coisas, o meu dinheiro, se os meus pais precisarem de

alguma coisa *tou* lá eu, sempre disse isso, porque queria ser, opá, ser o quê não sei mas dinheiro tenho que ter. O facto de uma pessoa viver num bairro não quer dizer que vá ser criminosa. Há certas pessoas que não têm a mente assim tão aberta, que *ya*, devem pensar...eu conheço gente que pensa “à só por viveres num bairro, vais ser igual a eles” só porque alguém foi preso ou isto ou aquilo e eles pensam logo “à tu também vais ser igual” o que não tem sentido nenhum. Porque se elas viessem para aqui e vissem o que acontecia e não sei quê no dia-a-dia elas já iam ter uma opinião diferente.

Jonas M14

Não, as pessoas que não conhecem o bairro às vezes pensam ou não...depende da maldade que eles tenham.

Rodrigo M16

Não, mas acho que as pessoas pensam isso, onde nós *entremos* eles saem, mas porquê eu não sei, isso faz-me sentir estranho, não me sinto seguro. *Ya*, sinto-me inseguro, fora do bairro sinto-me inseguro, claro que sim, *né*...nunca me fizeram mal, achas, quem me fizesse mal matava-o, cortava-lhe o pescoço. Se tiver num café com muita gente *né* e eles perceberem que eu sou de etnia cigana, eles olham-me doutra maneira *né* mas há uns que não. Tenho *bueda* amigos e quê, não se me ofender mato-o. Esse olhar é por ser cigano, ser cigano para essas pessoas é ser mau para eles, para eles *semos* um molho maus, mas porquê lá sei eu, por sermos dum bairro se calhar, por ser do bairro. As outras pessoas dos bairros cá em Vissaium não são vistas da mesma forma que nós, pai claro que não. Na Balsa é diferente, lá só moram senhores aqui não, é só cigano, só cigano.

De maneira geral, os inquiridos argumentam que o facto de se viver num bairro de habitação social não é sinónimo de criminalidade e que isso é fruto de boatos de quem não conhece a realidade, Jonas afirma que “ não, as pessoas que não conhecem o bairro às vezes pensam ou não...depende da maldade que eles tenham” e Rodrigo reforça a ideia reiterando:

- Não, mas acho que as pessoas pensam isso, onde nós *entremos* eles saem, mas porquê eu não sei, isso faz-me sentir estranho, não me sinto seguro.

J3- Estigma e preconceito

J3.1) Sabes o que é estigma e preconceito? Já alguma vez te sentiste vítima de algum deles? Podes explicar como foi a situação e descrever o que sentiste?

Jonas M14

Opá, já ouvi falar mas já não me lembro. Não mano, nunca me senti vítima e *tou* nem aí para eles.

Senti e ignorei, quem me batesse também levava, era logo.

Rodrigo M16

Se tu *seres* bom para nós, nós somos bons para ti. Se tu não *seres* bom para nós...*tás fodido*. Nunca senti para além de ser olhado de lado quando vou ao café. Na escola é tranquilo, não tenho lá muitos amigos...porque tenho aqui no bairro *né*, na escola não tenho, porque não quero, eu não quero, porque não me dou, gosto mais da minha gente. Há lá pretos também, há brancos, somos todos iguais. Mas eu não quero conhecê-los, porque não, não gosto de andar com eles, eles não são como eu, *ya*, não me identifico. Não dá para explicar...

Os jovens demonstram ter uma breve noção dos conceitos de estigma e preconceito, dizendo que nunca se sentiram vítimas mas revelam uma atitude de defesa e repúdio em relação ao outro. Rodrigo afirma:

- Nunca senti para além de ser olhado de lado quando vou ao café. Na escola é tranquilo, não tenho lá muitos amigos...porque tenho aqui no bairro *né*, na escola não tenho, porque não quero, eu não quero, porque não me dou, gosto mais da minha gente. Há lá pretos também, há brancos, somos todos iguais. Mas eu não quero conhecê-los, porque não, não gosto de andar com eles, eles não são como eu, *ya*, não me identifico.

J3.2) Achas que por causa do estigma e do preconceito a tua vida é mais complicada, em que sentido(s)?

Jonas M14

Eu acho que não, se eu quiser estar com uma rapariga que não é cigana, não tenho mais dificuldade em estar com ela, é tranquilo. Já tive com várias e foi tudo tranquilo, *ya*, tudo tranquilo! Olha o meu cunhado é senhor, e tá casado com a minha irmã, tranquilo, gosto dele, acho-o fixe.

Rodrigo M16

Não é agradável para mim ir ao café e ser olhado de lado, claro que não é...sinto-me bem no café, mesmo quando as pessoas me olham de lado, quando estou com os meus amigos *ya*! Quando estou sozinho já não, pai lá sei eu, quando estou sozinho sinto-me um bocado inibido, mas se tiver a olhar muito, muito, muito vou lá ter com ele.

Rodrigo revela que quando é vítima de estigma e preconceito se sente inibido, desconfortável e inseguro a não ser que esteja acompanhado por mais pessoas da sua etnia.

J3.2.1) Como é que contornas essas dificuldades?

Rodrigo M16

Mãe, viro-me para o outro lado e ignoro.

Para que o jovem se proteja das consequências causadas pelo estigma e preconceito adota uma atitude de ignorância em relação aos olhares e ações de quem os pratica.

J4- Expetativas, sonhos e objetivos

J4.1) Quais são as tuas expetativas em relação à tua vida no futuro?

Sara F14

Opá, daqui a cinco anos eu espero já estar tipo assim, a tipo a tentar arranjar trabalho ou ali tipo num curso ou assim. Tipo, gostava de ter já a carta do carro, um carro para tipo ir levar, os meus pais não têm carta por exemplo, ir levar tipo os meus pais à praia, ou assim. Sempre quis ter a carta por acaso, ter a carta e *tar* assim a arranjar trabalho, fazer a minha vida.

Jonas M14

Ser futebolista, mas eu acho que já não vou a tempo, fumo *com'ós* bois sabes. Já a tirar a minha carta, comprava um carro, não gostava de tirar um curso superior, tipo, *aaaa*, cabeleireiro ou barbeiro ou professor de educação física ou PT num ginásio, epá não sei, se me chateasse muito a cabeça, se fosse muita matéria, muita teoria. Era ser futebolista, mais nada.

Rodrigo M16

Daqui a cinco anos, *bai*...aos vinte epá não sei...não estar cá em Portugal, porque quero ir para outra cidade, para outro país, *ya*. Gostava de trabalhar em jardinagem, casado não, pai, *jesus*! Eu não gosto de ciganas, uma família com essa idade não, era só conhecer coisas novas e curtir o mundo. Já gostava de ter a minha própria casa, *ya*, tanto faz o que for, desde que seja meu.

Joana F23

A expectativa é sair daqui para fora deste bairro, outra casa, sossegada qualquer e sem etnia cigana, não quero, eu quero um bairro sossegado, um rés-do-chão principalmente e não quero mesmo, era isso que eu queria, uma habitação normal, era só e com condições adequadas à minha necessidade.

Os jovens demonstram querer ter uma vida organizada, com emprego e ferramentas para um futuro melhor. Joana, que é jovem adulta, prioriza o abandono do bairro, o distanciamento dos vizinhos de etnia cigana e a troca de casa para uma com condições adequadas às suas necessidades.

J4.2) Podes falar-me um bocadinho dos teus interesses e objetivos?

Sara F14

Gosto de jogar *basket*, gosto de andar de *skate* mas ainda não sei mas eu *tou* a tentar. Jogo *basket* ou na minha escola ou em todo o lado, andar de bicicleta e de fazer assim atividades. Tipo

também gosto, imagina ir para a praia e jogar à bola na praia, *volei* também, era para ser capitã de equipa só que depois saí e nunca mais fui. Gosto de desenhar, *ya*, tipo sempre, já o meu irmão *ya*, nós tipo, *ya* nós quando éramos mais novos tipo eu, a minha mãe e ele, tipo dizem que nos desenhamos bem então nós começávamos a desenhar e quê, *ya*, nós sempre desenhámos. Na escola, eu já estou, em vez de música já estou em artes, eu gosto ou de pintar quadros ou assim. Gosto de ouvir e dançar música, gosto de dançar alguma cena na *tchill* ou assim mais afro também gosto de dançar, assim essas cenas e também dizem que eu canto bem mas eu não vou muito para essa parte. Dança cigana também, mas isso é mais cá no bairro, os homens bebem e dançam e nós comemos e dançamos, normalmente nós usamos assim bué acessórios e costumam-se pintar todas e *bá, bá, bá*.

Jonas M14

Jogar à bola, andar ao soco, tipo dar socos num saco de boxe mas também podia dar em pessoas, qual é mal? Às vezes quando estou com aquela pica *ya*, gosto de andar à porrada, não sei é uma coisa...mas se tiver um saco descarrego num saco, não bato só porque me apetece mas quem se meter comigo já está feito. Eu não gosto de falar...eu sei que estou a ser igual ao que critiquei, mas eles não vão à palavra, tem que ser à pancada. Eles, os senhores (pessoas de etnia branca), não vão à palavra. A última vez que andei à porrada foi por matar uma aranha, fui eu que a matei, tipo, estávamos na sala de aula, *prontos*, eu tipo pego no guardanapo, matei a aranha e o gajo pega-me aqui (na mão), faço assim, tiro-lhe a máscara para baixo e dou-lhe um soco porque ele também tentou-me bater, o gajo pega-me pela mão e depois eu faço tipo assim (a desviar) e ele vai-me apanhar aqui (pescoço), faço tipo assim e mandei-lhe um soco. Eu matei uma aranha e ele foi-me agarrar a mão e depois o pescoço, mas não me conseguiu apertar o pescoço, não sei porquê, a aranha estava na parede...depois a professora mandou-nos para a direção e foi: “amanhã vens cá” e nunca mais fui lá, foi assim. O outro rapaz estava a chorar, deu-lhe uma panca, não sei porque é que quis andar à porrada comigo.

Gosto de música, *rap*, música cigana. Sei tocar mais ou menos viola, aprendi com o meu irmão, gostava de aprender a tocar melhor. Gosto de nadar, tudo o que seja desporto! De ver televisão e ler livros, aqueles que eu tenho interesse *ya*, gosto de histórias de ação, *opá* carros alterados. Gosto de ver a velocidade furiosa, está a ser filmada aqui na A24 acho eu.

Rodrigo M16

Jardinagem, jogar à bola, nadar e mais nada! Gosto de cantar *rap*! Os meus objetivos agora, lá sei eu...lá sei eu, não penso nisso, é sempre sem pensar.

Joana F23

Olhe, os meus interesses era conseguir andar e trabalhar, isso era um dos objetivos que eu queria, por causa da minha doença, uma pessoa fica dependente, por mais que queira fazer, antes eu consegui trabalhar nas feiras, ir para as feiras...desde que tive o meu o meu filho com um ano e oito meses, acabou, nunca mais, não consigo. É que já que para além disso não tenho ajudas de nada, a pagar medicações, nada mesmo. Eu, se me arranjassem um trabalho sentada, eu ia, mas acho difícil não é.

Os jovens mostram ter interesses aliados às e ao desporto, gostam de atividades práticas e olham com algum desdém para as mais teóricas. A Joana (jovem adulta) interessam-lhe atividades que lhe deem oportunidade de se tornar independente.

J4.3) Tens sonhos, quais são?

Sara F14

Opá para mim eu não tenho sonhos, imagina, eu não tenho um sonho que seja para eu realizar, tipo eu tenho o sonho de realizar o sonho dos meus pais e dos meus irmãos, de resto ainda não me veio nada à cabeça. *Opá*, eu acho que o sonho dos meus pais é nos ver bem e ter uma boa casa e conseguir a carta e o carro e é isso que eu lhes quero dar, olha, o meu irmão mais novo quer ser militar, e eu quero ajudá-lo nisso. A minha irmã, agora ela está grávida por isso acho que ela deve não ter muitos sonhos a não ser ver os filhos bem, ainda por cima está grávida de gémeos, ela agora quer é ter um bom quarto para eles, uma boa vida para eles, pode não ser assim ricaça não é, nós também não somos filhos da *Rhianna*, mas de resto quero ajudá-la a tratar deles porque aquele corpinho não vai conseguir tratar de dois, *opá* o meu irmão, o meu irmão é tudo à borgia eu acho que o meu irmão só quer dinheiro e estar em casa no sofá, eu também quero que o meu irmão tenha carta porque ele sempre quis a carta e o carro, *ya* é isso que eu lhe quero dar ou ajudá-lo a arranjar trabalho porque eu não vou estar a sustentá-lo a vida toda.

Jonas M14

Sonhos, *opá*...não sei. O meu maior sonho é ser jogador de futebol, o meu sonho é sair-me o euromilhões! Ter um *GTR*, é um *Nissan*, um carro todo minado e ser futebolista.

Rodrigo M16

Lá sei eu, tenho, Jesus, sonhava viver em Nova lorque e trabalhar em jardinagem, gostava de viver num prédio, numa casa pequenina igual à minha e tinha que ser num bairro, num bairro em Nova lorque, claro.

Joana F23

O meu sonho é não ter esta doença, descobrirem a cura para a doença. Não há mesmo forma de tratar, a minha medicação estanca a doença, não deixa avançar com que eu vá para uma cadeira de rodas *porquês* esta doença tem mesmo propensão para ir para a cadeira de rodas.

Os sonhos das jovens raparigas aparentam ser mais maduros, baseados na melhoria das condições de vida e os sonhos dos rapazes têm como pilar a vida boémia e materialista.

Entrevista para adultos e velhos (F/M)- AV

AV1- Satisfação quanto ao espaço onde se habita

AV1.1) Gosta de viver no bairro, como é o seu dia-a-dia aqui?

Adriana F30

Gosto, é todos os dias a mesma rotina. É levar os meninos à escola, fazer as tarefas de casa, de vez em quando irmos um bocadinho todas para a porta, estarmos ali todas juntas, conversamos umas com as outras, é todos os dias a mesma rotina mas não é mau o bairro, nem a vizinhança nem nada.

Joana F23

Gostar de viver no bairro, não. No meu dia-a-dia pouco saio de casa e passo o tempo mais em casa do que na rua, para não ter mais assim conflitos, há bastantes conflitos lá fora porque pronto, elas puxam conversas umas com as outras e às vezes saem dali de pancadaria e então para estar longe disso estou em casa. A pancadaria acontece porque desconversam umas com as outras, entre mulheres, é entre mulheres que acontece a pancadaria. Aqui não há elevador e isso mata-me completamente, a Isabelinha não tem capacidade de vir aqui, apresentei-lhe os papéis da doença antes de me dar a casa, deu-me esta casa, eu tinha esta opção, não tinha janelas, não tinha aros, não tinha nada, estava toda suja por dentro, você não tem noção como é estava esta casa, estava pior que aquela do enforcado, do morto, a sério. Agora é que está lá um senhor a limpar para ajeitar aquilo, porque aquilo, porque a Isabelinha não lhe dá casa, ele foi obrigado a tirar aquela miséria toda e vai viver sem janelas, sem aros sem nada, a sério, você entrevistou aquele rapaz que está aqui ao lado e você diga-me alguma coisa, ou entre na casa e veja a situação como é que aquilo está, por não lhe darem casa e tem um rolo de filhos, tem praí uns cinco filhos, tudo pequenino assim como os meus filhos e não tem janelas nem aros nem nada, está tudo, as janelas, só têm o bocado da parede, mais nada. Você vá ver aquele lado e você diga-me alguma coisa.

Eugénia F63

Eu não gosto de viver aqui, neste *barrio*. Queria ir para outros lados, queria sair daqui para fora. Não é agradável porque a gente, olhe, temos as coisas estragadas, a gente pede e não mas fazem e eu, por isso, estou cansada de estar aqui nesta casa e viver aqui deste *barrio*, Queria era ir *pa* outros lados!

Esperança F62

Que remédio filha, quem é que gosta de viver nisto, Deus me livre! Não, não gosto, não gosto mesmo, isto para nós é um massacre constante, porque, já viste aqui não há...dentro de casa temos as nossas condições que nós formamos não é, nós da nossa raça porque eles (ciganos) num arranjam nada, eles estragam é tudo! Mas eu também não posso estar só dentro de casa, sinto gente necessidade de ter um bocado o nosso espaço não é e o convívio! Eles gostam de mim, gostam...respeitam-me não é mas quando eu tenho que dizer digo e pronto, mas não deixam de carregar nas campainhas, deitar ovos às casas, isto...lixreira, isto não tem nada a ver. Nós vamos daqui para Vissaium, vamos pó mundo...entramos no bairro, é a selva. Isto é terrível mesmo, já estou aqui há quarenta e tal anos e sempre foi assim, já no Bairro da Pomba já era assim também, são muito porquinhos...ainda querem integrar estas pessoas na sociedade, nunca na vida, eles não têm vontade, eles não têm vontade para trabalhar, eles não têm vontade para nada, nada, nada de nada! Não têm incentivo, a vida para eles é comer, dançar e vender droga, tem de ser porque só quem cá mora é que sabe a droga que passam aí, agora começaram a vendê-la aqui atrás da minha, da parte de trás do bairro, isto, o que é que interessa passar a polícia...agora aqui à frente onde entraste é o centro porque vai direito à estrada, sabes, é o holofote deles *pa* ver quando vem polícia porque este bairro não tem saída, entramos e saímos pelo mesmo sítio, aquilo à noite, ali é a venda da droga, e agora, eles não a vendem ali, vão para lá para cima para a esquerda, disfarçam e depois, saem do bairro e encostam-se à esquerda *né* e conforme os carros param, param ali onde está aquele tipo assim...quando saíres vais ver, do lado esquerdo está ali tipo, parece uma quinta, aquilo ainda não está feito nada, eles metem ali o carro perto e passam a droga, mandam os garotos...agora há dias quando passei estavam os garotos, aqui mais dois garotos, queriam que eu lhe desse dez euros porque o homem não tinha vinte euros, vinte euros não, do troco e não sei quê...e isto é assim, o que é que a gente...já, aqui há um ano ou dois houve aqui um julgamento em Vissaium, um grande julgamento que nem o tribunal tinha sítio pós, então foi, eram muitos, foram formados todos lá em baixo onde é a Feira de S. Mateus, onde nós apanhamos a vacina, no Pavilhão Multiusos, foram todos, depois passou um tempo, ainda ontem estava ali a ouvir a conversa, uma tinha quatro anos de pena suspensa, tinha que fazer serviço comunitário, não fazem, algumas estão na cadeia, ainda há dias vieram aí apanhá-las, por causa de traficarem, primeiro era homens, depois começou a ser mulheres, agora estão as mulheres lá dentro e estão os homens cá fora, ainda ontem ouvi qualquer coisa, não tenho a certeza, que eu estava ali a varrer, entretenho-me sempre a varrer, aquela parte de trás está sempre toda limpa e gosto de plantas, gosto de árvores, gosto dessas coisas todas e

entretenho-me e então estava a ouvir a varrer e estava assim a Capitolina que é uma cigana aqui que é fina e agarrou e tava pergunta prá, aquela ali da ponta, do Abílio, pá Lúcia “ Oh Lúcia, *atão* quem é que levaram, foi o menino ou foi a menina?” acho que veio cá alguém buscar, eu ainda não tenho certeza mas tava ali a falar com as vizinhas ela estava a dizer, e ela diz assim “ Foi a polícia ou foi a segurança?” e ela disse “ Foi o menino” e eu até gosto muito do garoto sabes, é muito educadinho, é novinho, deve ter quê, alguns quatro anos ou cinco, não sei se ele anda já na escola só que ele é assim meio raquitico, é o Sandrinho, o filho da Lúcia e tem a miúda, a Bruna, é o irmão da Bruna. Eu não tenho a certeza mas estou mesmo triste, foi o garoto, *tou* com pena. *Tavam* a dizer que foi a polícia, olha eu não vi nada mas ouvi ela a fazer perguntas à outra, a falarem assim alto não é, a gente estava ali fora e eu ouvi, agora se têm problemas com a segurança social vêm e tiram os miúdos, olha por um lado é bom porque vão ter outra...mas o miúdo era muito educado e carinhoso, ele brincava aqui atrás, até nem tem sotaque de cigano nem nada, acho que ele esteve, viveram muito tempo em Lisboa, ele e a Bruna, tive muita pena, se foi o Sandrinho mas também não sei quem é que haveria de ser para a Lúcia estar a dizer “não, não sei quê” depois não percebi mais, também fiquei logo...será que foi o garoto! Fiquei mesmo com pena, a sério, porque há aí bem piores meu Deus, vocês nem imaginam o que a gente aqui passa, agora está ali o homem da, a desentupir o esgoto, a foça, estávamos ali fora para ver que ele tava, alguém telefonou, deve ter sido a Sílvia, porque este bloco, o meu e o da, ali ao lado que chama os da dona Dália é os únicos que temos a porta fechada, onde temos condomínio formado e onde há luz, há, pronto há tudo e mantemos isto, eu faço parte, não é que ganhe nada, isto só dá trabalho *né* com as chatices, é ninguém quer limpar as escadas e olhe, mas tenho que às vezes mandar ali um, eu não falo, ponho um papel e quando é para pagar a luz meto o nome de cada um do blocozinho, vêm-me pagar, porque isto senão não conseguíamos ter nada, eu não faço uso daquilo, hoje estava ali à frente foi um acaso mesmo, só quando vou limpar é que, porque de resto vão todos para ali, aqui à frente é como já disse, fazem a, o salão por causa da polícia, eles têm telemóvel, assim que a polícia entra no bairro eles começam logo a comunicar uns com os outros que é para saberem e se tiverem de vir buscar alguém eles escondem-se uns nas casas dos outros e é assim, os telemóveis por um lado é muito bom mas por outro lado para estas situações facilita...depois andam à procura deles, eles próprios fazem, como é, queixas deles, uns dos outros de famílias, há muita rivalidade porque aquele é o mais rico, o outro é e o outro não sei quê, esses de Abraveses então, ninguém pode com eles, até os próprios ciganos, o Negro veio de Abraveses, esses é que são mesmo os terroristas *puxa*, são, são e é só um prédio aqui no

bairro inteiro, o problema é que depois começam a crescer e depois acabam todos por ser iguais, aqui não há ninguém que se safe, isto nascem parecem, eu não sei! Parecem coelhos, andam todas de barriga, depois nascem todos juntos, olhe parece uma equipa de futebol, meninas, meninos é assim e donde é que já vem tanto filho!

Quando dou conta já está tudo, quando dou conta já estão com as maminhas a nascer, já estão com os namorados e é assim, é a nossa, quantas gerações eu já não vi aqui, desde o Bairro da Pomba, eu vim quando tinha dezasseis anos, faça as contas...vim de Angola quando tinha dezasseis anos, quando foi da guerra colonial *né*, estivemos no Bairro da Pomba, saí de Angola fui para Lisboa e de Lisboa vim para Vissaium [...], trabalhei ali na cresce, também fui funcionária no instituto politécnico de Vissaium aí é que foi a minha grande asneira porque podia estar hoje com um cargo bom, a irmã do meu ex-marido trabalhava lá, é uma pessoa muito querida lá no instituto e arranjou-me daquelas, primeiro estive a trabalhar dois anos à jorna mas à espera de entrar depois pá, para o quadro, depois quando veio a minha nomeação fui para o quadro, trabalhei um ano mas a fazer os descontos e não sei quê, quando tive um mês de férias meteu-se na cabeça do meu marido que tínhamos que abrir o café *prontos* e aí estraguei, estragámos os dois que isto é cinquenta, cinquenta não é, estragámos a vida mas olhe...ele tinha ideia que só tendo o café porque a família toda também veio todos refugiados, todos abriram café porque lá na Angola trabalhámos todos com negócio, negócios próprios *né* e chegaram aqui e tentaram, abriram pastelarias, foi mais ou menos o ramo de todos e ele meteu-se na cabeça para comprar um terreno que tínhamos que ter uma casa e daí olhe, eu sou assim muito comunicativa e *tando* num café, na altura tinha os meus trinta e três anos e sabe como é, “eu gosto do café da Esperancinha porque ela tira melhor o café, eu gosto do fino da Esperancinha, tu não sabes tirar” e aquilo começa a criar uma certa e depois há aqueles clientes que são mais insistentes, começam ou já eram divorciados ou já eram separados, depois olhe, lançou-se para lá uma...por eu ser uma pessoa muito dinâmica olhe, paguei a fatura bem cara, sabe como é que é, as calúnias, pronto...hoje estou a pagá-las, enfim...

O meu dia-a-dia, olhe agora desde que estou em casa, agora estou a receber o rendimento mínimo como disse estava a trabalhar na creche de S. Salvador e senti-me muito importante vá porque já estava a ganhar e estava com um salário, de bem com a vida, segura, sentia-me depois entretanto adoeci e aconteceu que a chefe disse que eu não podia estar em casa os quinze dias mas eu tinha a, era a porque nós não fazemos descontos para a segurança social, eu não pertenço ao desemprego, é assim, eu sou da desta faixa do rendimento mínimo de inserção em que eles vêm-

nos buscar, põe-nos a trabalhar, se a gente disser que não cortam-nos os rendimentos e ficamos dois anos sem meio de sustento, eu fui para lá, tudo bem, nunca foi a minha área mas gosto muito de crianças e adaptei-me e gostavam bem de mim portanto foram sempre fazendo os contratos, não chega a um ano porque se fizesse um ano já tinha que lá ficar efetiva [...] quando dei conta já lá estava há dois anos e tal e já fazia parte de mim *né* e aquele dinheirinho dava-me jeito, a gente já, agora vivo com cento e oitenta e seis, ganhava seiscentos e poucos *né*, agora veja lá, frustração em cima de frustração, tenho o carro, apetece-me ir a casa do meu filho mas com o *gasoil* a este preço não vou e os anos estão a passar, não convivo com os filhos por causa da miséria que a gente leva sabe? Não é fácil, não é fácil viver aqui, é preciso mesmo termos estômago e com esta idade já ninguém me dá trabalho, apesar de eu ser muito ativa mas quando a gente vai preencher já somos mais que velhos *né* e agora ando frustrada, por falar em viver aqui, fui fazer o Papa Nicolau ao centro de saúde e no dia dezanove de maio ligaram-me, o telefone tocou, atendi e deram-me uma má notícia, estou com câncer no útero e estou aqui nesta ansiedade também à espera, tudo junto, é os meus pais já velhotes como viu, vou lá fazer a comida, trato deles, faço as compras e é assim, tenho um jardim ali que me entretenho, varro olhe e assim vou passando o meu tempo [...] mas olhe aquilo é uma terapia muito boa, pego na vassoura varro, depois quando ando ali nem me lembro das más coisas que passam pela vida, aquilo é uma terapia, depois ponho um bocado de salsa, depois vou lá e roubaram-me a salsa toda, meti um papel lá à volta da árvore a dizer assim “ por favor, não mexam na minha salsa” também me custou a plantar! Eu falo é com os papéis sabes, ali à entrada, quando quero dar uma ordem ou qualquer coisa, para não estar a falar diretamente meto, é limpar as escadas ou, por exemplo há tempos, *tá* ali aquele tapete como tu viste porque vêm lá de fora, os cães andam por aí, fazem as necessidades em todo o lado porque se eles limparem os pés já não enchem as escadas de porcaria não é, isto é só uma questão de regras, não custa nada, se as pessoas todas fossem um bocadinho só como eu isto estaria melhor, mesmo os ciganos aí admiram-se, ainda ontem eles passaram “ Ai Esperança, se tu tivesses uma quintã, se tivesses uma quintã tinhas tudo bonito” eu disse “olhe mas vou morrer nem quinta nem sábados nem sextas!”, a salsa está bonita eles vá cortam a salsa, apesar de que isto não são ciganos, os ciganos são muito, têm muito nojo, por exemplo eles cospem para ali, cospem para acolá e dizem que aquilo está tudo infetado, por exemplo, eles estão ali a criar galinhas, aquilo vem dali um cheiro insuportável que foi o meu vizinho que está doente que fez e quando ele pôs lá aquilo foram fazer queixa dele porque aquilo era um cheiro e que não sei o quê agora já fizeram outra ao lado e ninguém vai fazer queixa

porque está lá o Cacola e mais alguém, não interessa, eles não limpam as capoeiras como nós, têm de pôr aquele feno por baixo *né* para mudar, ah aquilo é pôr e depois não comem as galinhas! Nem os ovos! Têm nojo! Isto é difícil mesmo, só a ver e então olha, arranjam ou roubaram um bode, trouxeram um bode, o bode era pequenino, o bode furou lá a rede, volta e meia andava aqui, olha chegou comeu-me as minhas plantas todas, fui lá refilar com ele que tinha de pôr o bode preso que aquilo não podia andar assim a comer as árvores, tudo o que estava a nascer o bode comia, foi crescendo e aquilo era, brincavam com ele, os ciganos batiam-lhe na cabeça e ele dava assim marradas, eu quando ia ao lixo lá vinha ele atrás de mim, eu ia com o cesto do lixo e ele tum, tum assim a dar-me no rabo e eu agarrava-lhe assim pela e ele pronto, começava a conhecer as pessoa e já levava aquilo *pa* brincadeira, depois olha acho que o venderam ali à dona Glória do centro [...] ó filha eu sou daltónica não sei ver cores, é a senhora dos caracóis mais velha [...] e depois eram patos! Ó, isto tem sido, é um fartote de riso! Mas agora digo-lhe, vamos para a janela, se não fosse isto a gente morria aqui de pasmo! Isto é tareias todos os dias, é isso dá-se mais à noite sabe por exemplo eles saem, quando chegam a casa, a mulher se lhes disser alguma coisa atiram tudo pela janela! Eles não são como nós, eles desfazem uma casa num instante, quem estiver cá em baixo leva com a mobília, com tudo, é a tradição deles e depois quando há discussões as mulheres juntam-se todas e os homens ficam de lado, não se juntam mulheres com homens, os homens ficam num canto “deixa o território das mulheres elas é que isto, e aquilo”, é um asneiredo, depois grita uma dum prédio, grita outra depois de vez em quando vem lá um tiro, depois olhe, é assim este viver, já nos habituámos que a gente quando houve um tiro *tá* naquela, já parece que estamos na Ucrânia, deixa andar, isto já estamos tão habituados, à noite e muitas vezes é de manhã, mas mais, mais à noite. Olha a gente quando começa qualquer discussão vamos logo todos para a janela sabes, eu não tenho muito esse hábito mas a minha mãe...isto, coitada ela já não sai de casa, está ali e depois, dantes ela sabia o nome de todos só através de ver à janela! Há dias foi para ali uma discussão, ali ao lado duas cunhadas mas foi por causa das escadas, coisas banais, coisas banais! Eles não têm cultura, não têm cultura, por exemplo eles andam a estudar, eu tava aqui dentro de casa e a vizinha estava a tirar as coisas e estava a ver as cartas que estavam no saco e começa assim “ à, lê lá isso, lê lá essa carta” e ela andou a tirar cursos na Tecla, em Repeses [...] eles andaram lá no curso, eu andava lá, tu pensas que eles estão lá interessados na geometria, eles passam a vida, atiram borrachas, eles riem-se, olha os professores...é preciso ter uma paciência, eu saía de lá maluca e depois eles como me conheciam atiravam borrachas [...], por exemplo, temos um teste para fazer, eles trazem, não sei

como é que eles conseguem saber que o teste é aquele e trazem, eles copiam tudo, eles têm um vinte sempre! Eles têm um vinte e eu tirei um doze e meio, e depois viram-se para mim “então *paíta*, tu que sabes tudo” e vira-se a professora “mas ela tirou um doze e meio e não foi copiado” eles andam com os papelinhos a passar dum para o outro “passa-me, *dá-mi, dá-mi*”, não querem saber se está a professora se não está, aquilo [...] olha por exemplo, quando morre um familiar durante um ano não há festas, os homens vestem-se todos de preto e deixam crescer a barba, ali o Cacola, os irmãos, o senhor Eurico, ali todos, o Cacola é o marido da Suzete. As mulheres andam todas de preto e cortam o cabelo só quando é o marido, durante o ano não podem comer carne, a mobília onde dorme tem que ser desmanchada, desfeita, não pode dormir mais naquela mobília, tem que dormir no chão e não tomam banho, isso era o antigamente que eu tinha uma amiga no bairro da Pomba, elas agora não fazem nada, penso eu que não fazem *né*, não podem ver televisão, têm que lhes tirar a televisão de casa, era assim tudo [...] agora quando foi o S. João houve aí tiros por causa dessa cena, ali a família desse senhor Marco, uns daqui, outros dali não podiam ouvir música, não podiam...agarrou, mandou um tiro pó ar porque alguém estava a ouvir música, ali o Abílio à noite quando foi o S. João fez e os de Abraveses fizeram, já não pertencem à mesma família *né* mas depois isto é um picanço, eles são é muito alegres, para eles não há cá, querem lá saber das dívidas, pagar renda, pagar água, pagar luz é fazer uma direta e tá tudo feito. Chegam ali têm luz, gastam a luz que querem, ligam as mangueiras, é piscinas cheias, eles vivem a vida! Para eles não há regras que ter que pagar casa nem água nem nada, que se há-de fazer, somos nós que vamos lutar quando a sociedade sabe destas coisas e não toma rédea, então o que é que eu vou fazer, perguntar se eu gosto de viver aqui, como é que uma pessoa consegue gostar de viver num sítio destes, vivo aqui porque não tenho meios para onde ir, porque se eu tivesse ainda pronto, como agora tô com esta situação por causa do IPO muita coisa já passa-me pela cabeça não é, começo a pensar “*pouxa*, eu só tive casa em Angola, agora vou morrer mesmo aqui nos ciganos”, a gente sonha *né* mas o sonho morreu, não temos hipótese, os filhos têm a vida deles não é, estão na labuta também deles que não é fácil e olha, e eu aqui estou.

Asdrúbal M45

Sim e não ao mesmo tempo, sim porque tenho aqui meus filhos não é, e meus netos e porque é um bairro com muito barulho e não, já não estou habituado a isso, eu gosto mais do silêncio, eu vivi em França e morava numa moradia onde morava sozinho e habituei-me ao silêncio e fiz-me um bocadito de confusão. O dia-a-dia, sim é normal, às vezes, um dia, de dia para dia é diferente, uma pessoa vai falando com uma pessoa, vai falando com a outra, com várias pessoas.

Há dias que consigo dormir e há dias em que por causa do barulho não consigo dormir mesmo, não consigo dormir por via do barulho e porque também se falarem na rua ouve-se tudo aqui dentro, porque mesmo estas janelas, estes vidros...é complicado.

Três dos cinco entrevistados demonstram não gostar de viver no bairro apontando várias razões, sendo que as mais mencionadas foram: a existência de conflitos entre pessoas da comunidade, a falta de condições habitacionais e a não identificação com a cultura da maioria dos vizinhos.

Esperança, uma das habitantes do bairro, respondeu de forma aprofundada realçando vários aspetos do quotidiano da comunidade. O seu depoimento revela sentimentos de frustração por viver naquelas condições e com aquela comunidade, e de não identificação com a vizinhança.

AV1.2) Se pudesse ter sido o senhor/a a criar este bairro como o construiria e acrescentava algo novo?

Adriana F30

Olha, para te ser sincera Francisca o que eu não fazia aqui era pôr muita gente como *pôram* aqui porque está muita gente entendes, podíamos estar mais separados um bocadinho, mesmo que nos mudassem de bairro, não unirem tanto cigano no mesmo bairro. Não é de ser problemático, às vezes faz-se o problema porque há pessoas complicadas e há outras que não são entendes? Às vezes ou porque as crianças umas são mais más do que outras, é complicado, acho que não era para estar tanta gente de tanto lado só no mesmo bairro, como há mais bairros podiam-nos separar mais um bocadinho. Se por exemplo em vez de bairros, existissem casas no meio da cidade eu queria, queria porque aqui está muita gente, não é que sejam más pessoas mas é...dá sempre confusão, de vez em quando há sempre aquelas confusões e conflitos, porquê eu não sei Francisca, olha é assim do nada, quando tu olhas já está aquela confusão, a multidão toda na rua, é um bocadinho esquisito, se me dessem fora daqui aceitava.

Joana F23

Faria prédios não virados uns para os outros, todos ao contrário, não uns ao pé dos outros, tudo distanciado prédio de prédio. Mudava só os prédios, um para cada lado para as pessoas não estarem juntas. O parque infantil, aquilo, deviam melhorar aquilo porque várias crianças vão para lá pequeninas, nós não deixamos porque há muitas carraças e não deixamos ir para lá as crianças, acho que isso também modificaria bastante a qualidade.

Eugénia F63

O que é que eu mudava deste *barrio*? Olhe, uma coisa mas de, como é que é? Sei lá, olha, não sei, a gente pedimos para *compor-nos* as coisas e amanharem mais as coisas a este *barrio* porque

este *barrio* não tem condições, está tudo escavacado, tudo partido e não vêm cá compor nada, queria que tivesse condições melhores e da minha casa também. Eu não tenho condições nesta casa.

Esperança F62

Eu, se eu mandasse aqui, na construção, olha, para já punha regras, por exemplo pagarem a renda era obrigatório, pagar a água e a luz, para toda a gente, seja o pobre, seja o rico, seja o que for, já aprendiam a poupar água mas deviam ter uns cadeados muita fortes que aquilo não, eles não têm medo, eles não têm medo de nada outra coisa, pôr aqui polícia, pelo menos dois, sempre aqui no bairro, a fazer as rondas. As rondas, eles passam de vez em quando, de noite passam com a *ramona* (carrinha de nove lugares), eles vêm então quando vêm apanhar alguém também é sempre assim e quando é para apanhar alguém que está fugido, que está escondido é de madrugada, às seis da manhã já estão aqui, entram pelo prédio, aqui no meu prédio por acaso nunca houve mas há prédios aí que rebentam o vidro e por ali dentro, rebentam portas e vão apanhá-los mesmo dentro de casa, trazem aqueles cães, até dizem que são os de Coimbra, aqueles de intervenção, quando é assim eles fazem sinal que se alguém está na janela mandam-nos para dentro de casa *pa* ninguém estar a ver as coisas, para não estarmos a comunicar uns com os outros, eles não deixam estar à janela e acho bem! Agora vai começar, acabou as aulas, vai começar o martírio, dormem de dia, à noite andam aqui a bater com, tenho os estores todos furados, eu, a minha mãe que estamos no rés-do-chão, vêm por aí fora, atiram com pedras, batem com o pau na porta, é canalha, eles acham bem *tarem* a incomodar os senhores, os tais *paítos* que nos chamam, porque nós, toda a nossa raça, não é ser racista mas nós, regra geral, os nossos filhos têm hora de almoçar, tomar o banho, têm que ir para a cama porque no dia seguinte têm escola, pôr a roupa preparada, isto é regras que nós damos aos nossos filhos, eles não têm essas regras! Mesmo que vão para a escola à meia noite, uma da manhã andam aí fora e agora estão obrigados porque senão cortam-lhes o rendimento, tem que ser, isto havia de haver penalizações mesmo, mesmo, mesmo a sério a começar, eu já tive para pensar até mas eu sozinha não posso lutar com tanta gente, lutar entre aspas *né*, por exemplo falar com o presidente e, abrir os olhos ao presidente, ele é boa pessoa, eu considero como tal pronto mas haver mais regras aqui, isto tinha que ter mais regras. Falando das assistentes sociais, tudo, também não se sentem muito à vontade quando cá vêm, eles insultam, tratam-nos mal, mesmo ao engenheiro é uma pouca-vergonha, a gente quando vai lá pagar renda, olhe, só lá vão pagar as pessoas que são honestas e sérias porque os outros que não pagam nem aparecem lá *né*, pra quê, e quando recebem as

cartas de despedimento é *prai* um falatório, insultam, dizem tantas asneiras, porque eles não aceitam serem despejados mas mandam as cartas não vale de nada, há quarenta e tal anos que eu lido com eles, nunca vi ninguém ficar sem casa, para nós conseguirmos uma casa é um problema, eles se for preciso assaltam as casas e deixam dum primo para o outro, vai ficando assim, temos andado aqui com um problema porque eles já pediram para lhes abrir a porta porque querem arrombar umas casa que aqui estão, eu não abro e mando-os falar com o engenheiro ou com dona Isabel, a assistente social mas agora a gente tem também de pôr o pé, “à mas então nós partimos o vidro e entramos”, “se partirem o vidro eu ligo para a polícia por estarmos a ser assaltados, tu não tens o direito de entrar no prédio e de ir arrombar uma casa que não te pertence, tu para estares aqui tens que estar dentro da lei” e eles dizem “ à, então vamos deixar mas ó Esperança, tu és tão minha amiga”, “pois eu sou tua amiga, mas eu tenho leis para cumprir e tu também tens que as cumprir, não vais arrombar um vidro porque a partir do momento que tu arrombares um vidro e eu te deixar eu sou igual a ti, eu chamo a polícia e depois vocês estão por vossa conta, é minha obrigação, eu não posso omitir uma coisa, se eu te vir fazer vou ter que”, eles respeitam-me mas é...já levei tareia aqui, já levei tareia, meti o processo em tribunal porque eu quando vim para esta casa morava lá no terceiro andar, neste prédio só que depois pedi para vir para aqui (rés do chão), por causa da idade *né* e por causa dos meus pais, conclusão tinha as coisas aqui todas, cristais, os copos todos de cristal e garrafas e tudo, os bibelôs todos aqui no chão e ainda não tinha água nem luz e nesse dia, os cães ali do filho da velhota, cães grandes, já foi há uns anos e os cães entraram por aqui porque eu lavei, isto cheirava muito a esgoto, a casa não era utilizada, e então fui a casa da minha mãe, fui buscar água, deitei na sanita e estava assim um cheiro a águas paradas e entretanto fui à minha mãe fazer um chá, deixei a cafeteira ligada e voltei cá a casa, a porta tinha ficado aberta para a casa arejar e quando eu estou na minha mãe não dou conta dos cães terem entrado, olhe, vieram atrás dos meus dois gatos *né*, partiram tudo filha! Sabes o que é que foi entrarem aqui e olha, isto era tanto barulho, tanto barulho que eu abro a porta e limpei, limpei e quando vou a sair deixo a esfregona encostada à parede e atira-se um assim a mim, eram *Rottweilers*, esses cães assim maus, tu nem imaginas, eram um terror, eles mordiam aí às pessoas e tudo, e eu agarrei, fechei a porta e eles estavam os dois a ladrar à minha porta, o Prata, o nome dele aqui no bairro desde que nasceu é Xodó (é um mimo) e depois ele, o dono dos cães...e depois eles saíram, era uma terça feira foram para a feira e nesse dia eu estava afónica [...]

(o jardim é do Martim e ele vem cá com a *rebarbadeira* para cortar os pneus porque ali é onde

guardam droga, dentro dos pneus...imagina, eu ando ali fora, um dia pára a polícia e dizem que fui eu, é um risco, além de ser prejudicial para o ambiente, eu não quero lá...estou a tirar os pneus todos, assim ao menos vou deitando a água, vou tratando das árvores e já melhoraram com o aspeto, há dias andava lá a cavar, quando eu estou...sai-me de dentro da terra assim um objeto embrulhado com aquela fita verde adesiva, ou cinzento tudo muito *coiso* e eu fiquei toda a tremer, aquilo parecia-me uma tablete de droga, nunca vi, deduzi *né* e eu disse “ ai meu Deus, se alguém me está agora a ver eu não sei” eu não sabia o que havia de fazer, imagina podem chegar ali, põe ali uma dose e marcam com o pau, sabem que está e eu chamei ali o meu vizinho o Dino e ele disse “olha mete isso no bolso mas que ninguém te esteja a ver senão vamos parar à cadeia, vai lá dentro, vamos abrir isso para ver o que é, se é droga chamamos a polícia” e pronto fiquei nervosa, nunca tinha lidado com uma situação dessas e afinal o que é que aquilo era, era uma máquina de calcular!)

No dia seguinte quando eu acordo já não falava porque o verniz a dormir é tóxico, a voz não saía nisto sai ele ali do prédio, pegou nos quatro cães assim no lombo deles, dois a dois e dizia-lhes “deviam ter mordido à mesma, deviam ter mordido à mesma” que aquilo nem era uma frase formada, ele estava incentivar os cães, ele estava-me a provocar da entrada da casa deles, eu ouvi mas não conseguia responder, eu como não respondi ele foi, deu a volta e então começa assim para mim “ó Esperança então, o que é que se passou?” e eu como não falava fiz um gesto de “vá-se lá saber”, eu não fiz nada aos cães, só esperei que fossem embora, espantei-os com a esfregona. Depois de eles irem embora, já não me punha nas pernas, nervosa, sentei-me ali fora a apanhar ar, a minha mãe foi-me fazer água com açúcar e ele de lá “mas afinal contas o que é que se passou!” e eu respondi-lhe assim com as mãos no ar, como estava afónica não podia falar...e ele “quê, tás a brincar comigo?” e eu “eu? Não!”, tudo em gestos e ele “foram os cães com os gatos? Já sabes como é que os gatos são com os cães, não se dão” e eu disse “então e depois?” e depois em gestos e a falar com muita dificuldade tentei explicar que eles entraram em minha casa e partiram tudo e ele estava a levar aquilo como uma provocação, nem viu que eu que estava sem voz, eu não podia mesmo gritar, não podia dizer nada, não falava e agarrou “olha que eu vou aí e mato-te!”, começou logo assim para mim e eu “mata” e ele “estás a brincar comigo, olha que eu vou aí e mato-te, pego na caçadeira dou aí já dois tiros e não sei quê” e eu fiquei assim “quero lá saber disso” em gestos, eu para ele. Não me fiquei, mesmo com os gestos, nisto a minha mãe estava ali à porta a ver e ele pega num garrafão com óleo e tu sabes o que é aquele olhar de ódio mesmo assim para matar? Num garrafão daqueles, os maiores que há de

sete litros e vem direito, assim com o passo muito apressado e ele vai, e eu não fugi, não lhe tinha feito mal nenhum mas quando ele vem com aquele ódio, o que é que eu pensei “vou levar mesmo, vou levar” e então firmei assim as pernas para que quando ele me batesse eu não caísse e ele vem “ estás a brincar comigo?” e eu “não, não tenho voz” e ele “quê, não falas?” e ele parece que enlouqueceu, começa assim com a pega e dá-me com o rabo do garrafão aqui, nas laterais da testa, e eu estava de óculos, tau, tau, tau, tau, o garrafão a bater-me em cima dos óculos, aquilo a entranhar-me tudo sabes, eu desmaiei logo e ele quando viu que eu *coiso* pôs-se a correr porque eu desmaiei e quando caí bati com a cabeça no muro, a minha mãe começou logo “ai, ó Toni, ai a minha filha, ai a minha filha” a chorar porque pensava que eu tinha morrido, o meu padrasto vestiu-se rápido, até vestiu as calças ao contrário para veres a aflição que não foi, depois veio a polícia, não vieram, até com a polícia, podes escrever aí, até com a polícia nós somos tratados como ciganos, ninguém nos trata com dignidade porque eu chamei a polícia e quando eu disse que era do bairro de Parafernália “já vai passar aí, já aí vai a polícia” mas assim tipo desdém, desprezo. Esperei, esperei...já a família dele tinha voltado da feira e polícia nada! E eu pego no telemóvel, eu estava a chorar porque estava ali uma cigana que é a zarolha sabes, uma loira que está ali, uma cabra do caraças e ela começa assim “ ai coitadinha da carochinha” a fazer de mim uma carochinha e que eu estava-me a fazer de vítima, “coitadinha da carochinha só porque levou com o garrafão tem que chamar a polícia” e eu disse “olhe a senhora não se esteja a meter”, chamei a polícia e ela não vinha, esperei estavam aí todos a gozar e depois vem a mãe “ai Esperança” veio o pai e ela depois abraçava-me a dizer “ ai, perdoa que ele não está bem”, estava drogado, mas *prai* um ano antes disso acontecer, dele me bater ele tentou-me matar ali fora com a carrinha, eu andava a varrer, estavam os meus vizinhos, a tal que morreu a Célia e o que está preso, o Vito e era um falatório aí dos cães que ligavam para a polícia porque mordiam às pessoas, os próprios ciganos ligavam às pessoas e ele como sou eu que trato cá das coisas todas meteu na cabeça que tinha sido eu, conclusão ele veio ter comigo, disse que precisava de falar comigo, olhar nos meus olhos para te dar um estoiro isto dentro do carro e eu fora “tens a mania” e eu “mania? Para já estás-me a faltar ao respeito, se fores homem saís de dentro do carro e vens falar comigo, vá sai do carro, diz o que é que se passa, para me tares a intimidar com o carro que me matas” e foi logo ali onde houve o problema “à, não sei quê, andaste a fazer queixa dos meus cães” e eu “eu não fiz queixa nenhuma dos teus cães”. Isto é um perigo, uma pessoa precisa de ter muito cuidado, isto às vezes duma coisinha de nada sai logo...olha eu quando os vejo, léguas, é todos, se eles quiserem alguma coisa tu podes ser o maior amigo deles mas de um

momento passam a ser teus inimigos, nesta raça não se pode confiar, nunca confies em nenhum, olha é conselho duma velha (à parte de mãe da Dna Esperança, “ meu Deus, não sei porque é que nos misturaram com esta raça maldita”). Olha, os outros tiveram dinheiro e foram embora, eu não saio daqui porque não tenho forma de pagar, onde é que eu vou arranjar com 186 ou 189€, forma de viver.

Asdrúbal M45

Se calhar construía doutra forma, doutra forma diferente porque se, se, se repararmos isto, isto é um bairro, se você conhecer ali o bairro do quartel, ao lado, há ali um bairro que é o dormitório dos militares, é como isto aqui, só tem uma entrada e uma saída, isto até parece um estabelecimento prisional, só há estes dois prédios aqui de lado, este aqui de frente e não há mais nada, se construíssem duma forma diferente, havendo uma associação aqui que faz falta, devia haver aqui uma mercearia que faz falta, porque há pessoas aqui que também não se podem deslocar porque não têm meios como se deslocar, já são pessoas de idade, os autocarros aqui, antes passavam frequentemente, com esta mudança destes do, os autocarros novos não passam tanto o que ainda pior a situação, é muito pior. Do que há eu alterava as janelas porque isto não vale nada, as paredes, muitas vezes nós queremos pregar um...qualquer coisa na parede e a parede desfaz-se toda. No bairro, lá fora em si, deixaria conforme está, até tá bonito, deixaria conforme está.

A maioria dos entrevistados mostra desagrado em relação ao espaço onde habita enumerando inúmeras razões. Adriana revela que vive ali muita gente, num espaço tão pequeno e sem zonas de lazer o que é propício a conflitos. Joana, Eugénia e Asdrúbal queixam-se das condições das estruturas, mencionando a qualificação do parque infantil como prioridade.

Asdrúbal alteraria a planta do bairro salientando que “só tem uma entrada e uma saída (sendo que são a mesma), isto até parece um estabelecimento prisional”, só há estes dois prédios aqui de lado, este aqui de frente e não há mais nada”. Acrescenta uma crítica à qualidade do material de construção falando das janelas e das paredes da habitação “ eu alterava as janelas porque isto não vale nada, as paredes, muitas vezes nós queremos pregar um...qualquer coisa na parede e a parede desfaz-se toda.”

AV1.3) Sente que as condições deste espaço habitacional, ou seja do bairro, são agradáveis para os moradores, porquê?

Adriana F30

Nem sempre Francisca, por exemplo olha, acho que o parque das crianças podia ser mais ajeitado,

já viste como é que está aquele parque? Pronto, a gente nem vai para lá os nossos filhos, aqui em baixo *na na*, onde *é* que eu moro dentro da entrada e na minha sogra temos tudo partido, uma pessoa está sujeita a cair...acho que eles também podiam ajeitar aquilo, não custava nada, há coisas no bairro que podiam ajeitar, na minha opinião acho que sim. Sempre foi assim, desde que eu estou cá, sempre o vi assim, já estou cá há muito tempo, nunca houve cuidado, já estou casada há catorze anos e nunca vi cuidados nenhuns para te ser sincera. O parque foi mexido só que tiraram a areia mas os baloiços e assim deixaram lá tudo, a única coisa que trocaram foi a areia mas já está igual, achas que trocaram só uma areia que dá? E por exemplo, tanto cão aí na rua, sem dono não achas que não era para vir o canil e levar estes cães todos com crianças que temos aqui? Uma pessoa tem sempre medo duma criança cair ou porque há bicharada do cão ou porque há alguma coisa, acho que aqui nunca estou à vontade assim com os meus filhos na rua, não é seguro, em certas coisas não.

Eugénia F63

As condições deste bairro e desta casa não são agradáveis para se morar, tenho de mudar daqui para fora!

Esperança F62

Não, por exemplo, nós não temos proteção de paredes, isto é muito quente no Verão e muito frio no Inverno e, lá em cima o telhado, há muita humidade porque há muitas pombas aqui no bairro, as calheiras do telhado estão cheias de cocó de pomba e não conseguem evacuar a água quando chove e vai-se infiltrando pelo prédio adentro. Aquele parque deles, já é o segundo parque! Ninguém usa, eles vão para lá e destroem tudo, olha se tu visses...já estive como está, voltaram a fazer um parque novo e já está igual...vê só o que gastam! Isto é contra os meus princípios, e o campo, gastaram aqui um dinheirão para fazer um campo, mas não vale de nada, está tudo estragado, tudo! São eles que estragam, aquilo são mesmo assim, são terríveis, eles não, então eles dentro de casa, às vezes não vão ao lixo deitar o lixo e deitam o lixo cá para fora que eu já andei duas vezes a varrer por duas vezes este bairro, como pessoa de rendimento mínimo ativa, tínhamos que fazer 3h horas por dia, eramos um grupo, ó Francisca...elas eram assim para mim “ ai Esperança”, elas têm muito nojo de tudo, a roupa delas que cai da corda, nem que seja a melhor roupa, caiu ao chão, elas não vestem mais aquelas roupa nem voltam a lavar, cai roupa, caem meias e ali ficam a morrer até virem os homens de câmara para limpar. Pronto, eu agarrei e comecei a eito, agarrei nos pneus, bicicletas velhas, fiz um monte de ferro de tudo o que apanhei aqui no bairro, estava ali um nojo (...) porque eles dantes vendiam a droga ali nas escadas,

sentavam-se ali e era dia e noite e cada um fazia o turno de 3 noites e depois a fogueira nunca apagava e depois foi nessa altura que veio cá aquela tropa de intervenção, vieram pelo mato, por isso é que eles querem ter cães para se aperceberem e foi quando apanharam aqui a Natacha, é a neta da velha (...) por exemplo, ali a Suzete, eles casam, têm as casas deles e assim mas nenhum come em casa, vem tudo comer para casa da mãe, agora além de ter os filhos, tem as noras e tem os netos, aquilo é uma sacrificada da vida. Eles não querem mudar, para eles o mudar...podem ir para a escola mas eles não aprendem a escrever nem a ler, eles são uns autêntico analfabetos, quando estão a ler é como, ainda estão a soletrar como quem anda na primeira classe, eles não fazem questão de aprender ou não aprendem mesmo porque são burros!

Asdrúbal M45

Podia ter outras condições para se viver, aquela situação prontos, da limpeza do bairro, para cortarem as árvores também estou aqui à espera e...ando a tentar, a tentar, a tentar e qualquer dia entram pela janela adentro e estamos a tratar disso também, de melhorar aqui o bairro.

Os entrevistados não consideram que as condições do espaço habitacional sejam agradáveis para os moradores, falam sobre as debilidades das construções, da falta de limpeza e de cuidado e arranjo do espaço. Adriana diz que: “uma pessoa tem sempre medo duma criança cair ou porque há bicharada do cão ou porque há alguma coisa, acho que aqui nunca estou à vontade assim com os meus filhos na rua, não é seguro”. Esperança queixa-se da fraca qualidade dos materiais de construção “nós não temos proteção de paredes, isto é muito quente no Verão e muito frio no Inverno e, lá em cima o telhado, há muita humidade” e Asdrúbal denuncia a inércia das entidades responsáveis pela manutenção do bairro “para cortarem as árvores também estou aqui à espera e...ando a tentar, a tentar, a tentar e qualquer dia entram pela janela adentro”.

AV1.4) E os seus vizinhos e família que cá mora que importância têm para si, consegue descrevê-la?

Adriana F30

Sim, é sempre bom estarmos à beira da família, os vizinhos, por exemplo no meu prédio são impecáveis, não tenho queixa de nenhum deles, desde o último até aqui à minha casa. Vizinhos que são família mesmo, por exemplo as que moram aqui de frente a mim conheço-as desde que estou cá e estão sempre aqui na minha casa, têm todo um à vontade, parece que são da família, não isso, aqui os vizinhos são família, todos, todos aqui no bairro, se por acaso precisar de alguma coisa tenho sempre com quem contar, sempre, em tudo mesmo. Olha, no hospital, numa, se eu tiver alguma, vamos supor, falta-me alguma coisa aqui em casa, esqueci-me da loja eu vou a um

vizinho, trago depois eu compro levo ao outro vizinho e dou e andamos assim aqui uns com os outros, tudo à vontade mesmo e de uma forma genuína, sempre, tudo à vontade.

Joana F23

Os vizinhos, ao primeiro tinha uma má imagem dos vizinhos porque basta ver o estado em que eles estão, não é, as como eles têm e eu ao primeiro pensava, até comentava com a dona Beatriz e assim que eu ia ter aqui muitos conflitos, ao primeiro eu pensava mas por acaso não, são umas pessoas excelentes mesmo, olhe se não fosse aquela miúda às vezes, a Cláudia que tem problemas eu não conseguia jogar o lixo fora que é ela que me joga o lixo fora derivado ao problema que eu tenho, por acaso de vizinhança, os vizinhos são excelentes, não tenho queixa, há uma relação forte, se algum dia precisar de alguma coisa posso contar com eles.

Eugénia F63

Há muita rapaziada nova que não respeita mas as pessoas do bairro já não são assim, aqui dentro do *barrio*. É a rapaziada nova mais, as pessoas já das nossas idade não, é a rapaziada de vinte a tal anos, isso já não respeitam as pessoas.

Esperança F62

Muita, a minha mãe para mim é tudo, os vizinhos é assim, respeito. Praticamente já são como família, todos não, ali a dona Nactércia considero, já veio do bairro da Pomba, o que estava aqui por cima que faleceu e pronto e a família de ucranianos que vive aqui, eu para eles aqui, ela chama-me a avó de Portugal, ela tem muita consideração por mim.

Asdrúbal M45

Mais ou menos, a família claro que tem, é família, importa muito não é e os vizinhos também porque já nos conhecemos há muitos anos, era eu garoto e sim, é importante os vizinhos. Os vizinhos aqui chegam a ser como uma segunda família, chegam, ainda na segunda-feira tivemos aqui o dia do vizinho e cada um de cada apartamento trouxe uma coisa, juntamo-nos aí em baixo juntamente com a CLDS e com a Cáritas e fizemos aí uma coisa muito gira.

A maior parte dos entrevistados revela ter relações de grande proximidade com a vizinhança. Vive-se em espírito de entreajuda, Adriana declara:

- Vamos supor, falta-me alguma coisa aqui em casa, esqueci-me da loja eu vou a um vizinho, trago depois eu compro levo ao outro vizinho e dou e andamos assim aqui uns com os outros, tudo à vontade mesmo e de uma forma genuína, sempre, tudo à vontade” e Joana diz “são umas pessoas excelentes mesmo, olhe se não fosse aquela miúda às vezes, a Cláudia que tem problemas eu não conseguia jogar o lixo fora que é ela que me joga o lixo fora derivado ao problema

que eu tenho, por acaso de vizinhança, os vizinhos são excelentes, não tenho queixa, há uma relação forte, se algum dia precisar de alguma coisa posso contar com eles”.

AV1.5) Cresceu cá, como foi viver essa experiência, pode falar-me um bocadinho sobre ela?

Adriana F30

Não, vivi no lado do Porto, em Gaia. Era vivenda, não era bairro, era casas compradas, era uma vivenda, era tudo cada qual na sua vivenda, não tinha convivência com ninguém, pelo contrário, mal conhecia os vizinhos e achava isso desagradável, praticamente passávamos ali o dia inteiro sozinhos, eles passavam por nós nem bom dia nem boa tarde nem nada e aqui não, saís à rua, falas, conversas, estás, é diferente. Eram pessoas sem ser ciganas, sentia-me um bocadinho vista de lado em certas opiniões, um bocadinho, em certas coisas sim.

Joana F23

Não, sou do Porto, sinto muita diferença, não tem nada a ver. A minha mãe vive em bairro mas é muito diferente, é tudo assim da vossa etnia, eu não fui criada assim (como no bairro em que vive atualmente). O bairro lá é calmo, as pessoas de lá se tiverem de ter uma conversa têm, são pessoas civilizadas, não tem nada a ver com aqui, muito mais limpo e com casas mais tratadas, muito mais. É muito diferente. Vinham logo se fosse preciso arranjar alguma coisa, logo mesmo na hora, aqui já não, se estivermos aqui acho que a arder em fogo acho que os bombeiros não chegam a tempo, porque muitas das vezes, mesmo com ambulâncias e assim, muitas vezes não vêm porquê, derivado que muitas pessoas ligam a gozar neste bairro ou quando mandam, por exemplo, pizzas, às vezes quero mandar vir e eu não consigo descer lá em baixo (dificuldade de locomoção), custa-me, tenho dificuldades, quando ligo para a Telepizza eles só podem vir até à paragem, se eu não for até lá, não vêm cá em cima, acha isto normal? Porque muita gente manda vir, outras não pagam, outras tiram as pizzas e não pagam pronto e acho que acontece derivado às coisas assim.

Eugénia F63

Não, sou algarvia. Vivi no Algarve, eu já tenho cinquenta e, ai, sessenta e três, eu já estou cá à quarenta e dois. Do Algarve já não me lembro de nada mas sé que ali em Parafernália, ai em Ranhados vivia melhor. Na Quinta da Pomba era mais sossegado. Eram casas fabricadas, eram fabricadas, eram madeira e *platax*. Eram mais fortes e cuidadas porque ali faziam sempre obras, a gente queria uma coisa e eles vinham lá fazer obras. A gente tinha o fecho de uma janela partida, eles vinham lá. Eram sempre rápidos, a gente ligava e eles vinham.

Isto aqui é só a porta e uma pessoa se assenta qualquer em lado e em Ranhados também era a mesma coisa o que é que, a gente o nosso largo era a nossa porta, tínhamos um largozinho grande, púnhamos uma mesa cá fora e cadeiras nossas, é como aqui, se a gente quiser ir para ali para aquele lárquinho temos que levar uma mesa e cadeiras.

Esperança F62

Não, eu cresci em Angola e senti muita diferença, lá nós tínhamos um harém (...) por exemplo aqui, nas casas ninguém quer investir nada, querem que a câmara faça, eu não acho bem, se é daqui que eu sair para ir para o cemitério porque é que eu não hei-de de investir aqui, pôr um azulejo, proteger a parede. Está aqui a salinha, está aconchegante chega, os meus filhos está tudo bem, cá vivo. Quanto a vir de Angola para cá, eu vim com 16, não conhecia Portugal (...), o meu pai tinha muito orgulho em mim, antes da pobreza estreava roupa todos os sábados e domingos! Sempre fui muito vaidosa. O meu pai passava-me um cheque de 6 contos, todas as semanas e depois e eu comprava roupa, mas nunca me portei mal por ter tido uma infância boa, cheguei aqui e fui a chefe de família e talvez por isso eu hoje seja a pessoa que sou. Tínhamos uma casa enorme, só aquele quintal! A minha mãe tinha 3 cozinhas, a de dentro era só para mostrar que tinha cozinha, depois tinha a cozinha onde a gente comia, onde o empregado nos servia à mesa, depois ao fundo tinha outra cozinha que era do cozinheiro. Eu aqui sou uma preta só que sou é branca, porque nós aqui em Portugal estamos a fazer os serviços que os pretos faziam. Na quinta da Pomba, tínhamos falta de bens materiais, não tínhamos mobílias. Com esta cena ando um bocado, às vezes estou frustrada não quero estar aqui em casa, vou para a minha mãe, depois não quero vou para ali, olhe...enquanto não me resolvem esta situação, foi no dia 19 de Maio que me deram a notícia (do cancro), depois todas as terças e quintas, nós aqui só temos correio às terças e quintas por causa dos ciganos porque, traziam o rendimento mínimo em cheque da segurança social e eles para saber se já tinha chegado tiravam as cartas todas da mão do correio e depois davam-lhes porradas, já há dez anos que andamos nisto então só temos correio às terças e quintas, então terça-feira para mim e quinta é um dia em que não me apetece sair da cama, estou à espera sempre da terça para mim, mas para mim às terças e quintas não quero ver ninguém, quero estar...quando vou abrir a caixa não tenho lá nada então fico desmotivada, neste país quem tem câncer, da forma que isto tá, agora só há *covides* e estas cenas ainda por cima a área que eu preciso tem andado em problemas com obstetrícia e genecologia...enquanto houver estes problemas não vou ser chamada tão cedo, penso que se tivesse dinheiro não estava à espera, ia por exemplo à CUF ou ia, resolvia o meu problema porque a gente faz o papa nicolau,

há dias fui ter com a doutora (gosto tanto deste gato, mataram-me o outro, foram os cigano, passaram-lhe com o carro e deitaram-no ali para baixo da carrinha do senhor Maré).

Asdrúbal M45

Não, eu já vim da Quinta da Pomba para aqui. A Quinta da Pomba, foi feito o hospital e aquilo haviam lá casas pré-fabricadas, onde agora há uns apartamentos da Cruz Vermelha, era aí mesmo. No hospital era uma quinta, tiraram-nos de lá como eram umas casas pré fabricadas e um hospital novo...parecia mal se calhar umas casas pré fabricadas ao lado de um hospital novo e então mandaram-nos para aqui, fizeram apartamentos porque eu acho que aquilo deviam ter feito apartamentos sim mas para nós, não é, era para ficarmos aqui durante um determinado tempo até reconstruirmos aquilo, depois de reconstruído começaram a dar a outras pessoas e nós ficámos aqui. Na questão disso há aqui um problema, não sei se já reparaste, se já deste uma volta a isto mas os ciganos está tudo cigano com cigano e quem não é cigano está à parte, para mim isto está muito mal feito, porque isto aqui há tantos bairros sociais aqui em Viseu, se distribuíssem por famílias, ora aqui o pai, o filho e o outro filho vão para além, isto até era melhor para o bairro, mesmo para o bairro em si era melhor, havia outras qualidades de vida, havia outra limpeza, era diferente, era totalmente diferente. Quando viemos da Quinta da Pomba para aqui foi diferente, porque na Quinta da Pomba aquilo era tipo umas ruazitas e na ruazita onde eu morava era o único cigano que lá estava e agora aqui estamos todos juntos, foi uma mudança um bocado radical e para mim no princípio foi mau porque eu se morasse conforme morava na Quinta da Pomba preferia, era diferente, não havia tanto barulho, não havia, como é que vou dizer, discussões, porque as pessoas aqui às vezes encontram-se todas ali em baixo, há umas que não se dão bem com as outras e às vezes há uma palavra...fervem em pouca água. O parque infantil não está em condições, aquilo já está assim degradado há uns três ou quatro anos, eu estou farto de dizer mesmo para cortarem a relva no parque infantil e dizem que é com a Junta, na Junta dizem que é com a Câmara e num lado nem noutro se decidem quem é que vai, já disseram que tem de cá vir um perito para ver se os baloiços e as atrações que há lá se ainda estão em bom estado e se têm segurança para as crianças mas não vem cá ninguém! Aquilo está ao abandono, aquilo ali é assim, aquilo por causa daquela areia que lá está e depois começou a crescer a relva aquilo apanhou muitas carraças e então nós proibíamos de ir para lá os miúdos porque se aquilo estava com muitas carraças era perigoso para as crianças prontas, e aquilo tinha que levar tratamento de x em x tempo e eles nunca fizeram esse tratamento, aquilo está mesmo abandonado, as coisas estão a cair porque deixaram mesmo aquilo ao abandono, nunca teve manutenção, nunca e um

parque infantil tem que ter manutenção, nunca teve, nunca teve. E o campo de futebol, o campo de futebol também ficou ali “façam o que quiserem disso e acabou”, eu tinha proposto fazer ali o campo mais fechado, haver uma chave e quem fosse para lá, a gente sabia quem é que ia, vinham pedir a chave a um responsável eu disse que não me importava de ficar responsável, quem fosse para lá claro que tinha de tratar bem aquilo agora estando assim ao ar livre a gente não sabe quem é que lá vai, quem é que lá está e fazem aquilo que bem /e apetece e se aquilo fosse fechado...mas depois estávamos a falar nisso e como houve a pandemia prontos, não falámos mais, será coisa que no futuro se calhar tem de se falar. Aquilo que aconteceu, aquilo (paragem de autocarro) na altura, houve uns miúdos que foram ali, aquilo era tudo em vidro, a estrutura era tudo em vidro, partiram tudo!

Nenhum dos entrevistados cresceu no bairro.

AV2- Representações sociais

AV2.1) Qual é a sua opinião em relação às pessoas exteriores ao bairro?

Adriana F30

Depende, há umas que são e umas que não são, nem todas são iguais Francisca mas há umas que são simpáticas e dá para conversares para estares, espetáculo! Há outras que...esquece! E por exemplo se ir à cidade, em certas lojas, em certos cafés eu entro e espetáculo, há outros cafés que a gente entra, vemos que por sermos de etnia cigana ficam logo assim a olhar de lado para nós, não gosto disso...houve uma certa altura que fomos apenas tomar um café, entrámos dentro do café para pedirmos um café e ele chamou logo a polícia sem necessidade para nós, aqui em Vissaium, olha não me recorde em que café Francisca, foi quando na altura que eu casei, foi na cidade. A gente quando olhou estava a carrinha da polícia atrás porque a gente entrou num café e ele sentiu-se ameaçado, não sei porquê...é esquisito mas pronto. Entramos e ficámos assim. Dou-me bem com as pessoas de aqui de Parafernália, há ligação, ui muita! Então aqui é quase tudo família Francisca, tanto é aqui os da parte dele como são meus, por isso, aqui é tudo mesmo uma família. A gente corre o bairro todo, a gente estamos lá em cima como tu já viste muitas vezes, às vezes estamos aqui mais no meio. À!

Joana F23

Há diferença, porque os daqui não sei...ou é por estarem revoltados por serem tratados da forma que são e verem diferença, porque a gente vê diferença como nos tratam a nós, da nossa etnia, ou é por ser deste bairro ou não sei mas tratam-nos de formas diferentes, muito, muito diferentes, na cidade, se virem que é cigano já nos tratam assim mais de parte. As pessoas que não vivem

cá no bairro são muito antipáticas, não dão diálogo a ninguém, nem bom dia, nem boa tarde, nada. Pronto, pelo menos por aqui pelos arredores, não é, que eu conheça não, são muito antipáticas e sempre foi assim, já estou cá há seis anos. Se for ao um café ou a algum sítio assim já senti isto, senti aquela coisa como quem diz “ são ciganos e vêm para aqui, podem não pagar ou isto ou aquilo”, tenho sempre essa sensação, pode até não o ser mais eu sinto isso não é.

Eugénia F63

Para mim é tudo a mesma coisa, dou-me bem com toda a gente.

Esperança F62

De Paradinha nem por isso, a gente passa de carro, com as pessoas da cidade pouco porque eu saio pouco.

Aqui não há convívio, na quinta da Pomba havia.

Asdrúbal M45

Sim, há algumas simpáticas e outras não simpáticas, é o carácter de cada pessoa. No princípio quando viemos para cá sim, foi difícil porque eles não nos queriam cá no bairro, mas agora não. Eles não nos queriam cá por sermos de etnia cigana, não sei o que é que está na cabeça deles, na cabeça deles um cigano é ladrão, é um criminoso...mas agora não já conhecem mais um bocadinho da realidade.

Os entrevistados referem que gostam das pessoas consoante o seu carácter e que por isso, há algumas que são simpáticas e outras antipáticas. Na maior parte das opiniões é referido que se sentem olhados de lado, postos de parte por serem ciganos ou habitantes de bairro social.

Asdrúbal diz:

- Na cabeça deles um cigano é ladrão, é um criminoso...mas agora não já conhecem mais um bocadinho da realidade.

AV2.2) E como é que acha que é a opinião dessas pessoas em relação às pessoas de cá?

Adriana F30

Eu acho que elas não são cuma gente, eu acho que elas olham-nos assim mais um bocadinho de lado, não sei olha, deve ser por sermos de bairro ou por sermos de etnia cigana, não sei Francisca mas não somos olhadas de maneira igual como eles são, nem tratados, não.

Joana F23

A de que pouco ou nada devem estar uns com os outros, acho que têm medo, não temos muita relação assim com pessoas da vossa etnia, aqui no bairro não vejo muito isso tirando uma senhora que mora ali no prédio da minha sogra, de resto não vejo assim convivências, não sei, porque as

peessoas desviam-se muito, é assim...

Eugénia F63

Agora já estão melhores, em primeiro é que não. Quando a gente ia ali para a Portugal as pessoas eram muito desconfiadas...porque serem malta cigana, não sei, eles punham a olhar para as pessoas e mal encarados e não queriam lá as crianças *prali*, corriam com as crianças dali que eram desta cidade, foi nos princípios quando viemos para aqui, foi nos princípios, ainda não tínhamos assim muitos anos aqui, tinha *praí* um poucachinho de tempo que a gente *távamos* aqui, era...também foi se calhar, foi logo nos princípios, não *tavam* bem coiso com as pessoas e agora já falam e já e já falam para a gente, a gente passa por eles e já falam e coise, assim, já tão melhores. Que eles se calhar pensavam que era outra coisa, vá, pensavam que era mais fama, aí, proveito do que fama.

Asdrúbal M45

É má, as pessoas de fora pensam que o bairro de Parafernália, pelo que falam, eles falam mas nunca conviveram aqui e *atão* falam que isto é um bairro de criminosos, de criminosos e então as outras pessoas claro que ouvem, têm medo e vão falando mal e de boca vai para boca.

Os entrevistados sentem-se tratados com desdém pela população exterior ao bairro. Dizem que quase não há convívio entre diferentes etnias, e que as pessoas de etnia branca mostram receio em conviver com pessoas de etnia cigana. Asdrúbal afirma que a opinião dos exteriores em relação ao bairro e aos moradores, é má! Alegando que:

- As pessoas de fora pensam que o bairro de Parafernália, pelo que falam, eles falam mas nunca conviveram aqui e *atão* falam que isto é um bairro de criminosos, de criminosos e então as outras pessoas claro que ouvem, têm medo e vão falando mal e de boca vai para boca.

AV2.3) Sente que é tão Vissaiense como quem mora fora do bairro, sente-se incluído/a?

Adriana F30

Sim, mas não sinto que tenha acesso às mesmas festas, não, é claro que não. Se for aqui no nosso bairro entre a nossa etnia somos, se for fora, esquece! Começam a ver que somos da etnia cigana, mesmo que a gente entrasse, até ao ponto de hoje a mim não me aconteceu mas eu suspeito que se entrasse, por exemplo, num baile, alguma coisa que houvesse cá, fizessem o São João eu acho que eles olhavam logo de lado para nós. Fazemos o São João só aqui entre a nossa etnia, nunca fomos lá, a Vildemoinhos...eu acho que nem nos deixavam, eles viam logo que éramos de etnia cigana esquece, olham logo de lado!

Com aquele olhar todo esquisito, ficam esquisitos com a gente e a gente sente-se mal e acaba por vir embora não é!

Joana F23

Não, não porque há diferença de onde eu vivia para aqui...sinto assim um olhar esquisito, assim meio de lado, às vezes até pode ser paranoia da minha cabeça mas duvido muito que seja... os olhares e a comunicação entre a gente não é a mesma. Sinto que não tenho acesso às mesmas coisas, festas da cidade, atividades escolares, nada. É por não ter muita convivência com as pessoas, acho que também tem mais a ver com isso.

Eugénia F63

Sim.

Asdrúbal M45

Sim, sim, sim, sim, sim, só há uma coisa que aqui na aldeia existe, há uma associação aqui na aldeia e nós não *semos* permitidos de lá entrar, nós quisemos ser sócios e eles disseram que não dava para ser sócio, e eu acho isso muito...é discriminação.

Adriana nunca foi a uma festa fora do bairro porque tem receio da reação das pessoas, receia ser olhada de lado e tratada de maneira diferente.

Os entrevistados sentem-se discriminados e por isso não se sentem incluídos na sociedade de Vissaium. Joana refere que a comunicação entre as duas etnia é diferente da que acontece entre pessoas da mesma etnia “os olhares e a comunicação entre a gente não é a mesma” sentindo-se estigmatizada e Asdrúbal dá o exemplo de uma associação da aldeia à qual pertence o bairro, em que, os ciganos estão proibidos de ser sócios “há uma associação aqui na aldeia e nós não somos permitidos de lá entrar, nós quisemos ser sócios e eles disseram que não dava para ser sócio, e eu acho isso muito...é discriminação”.

AV2.4) Acha que há ligação entre viver num bairro social e ser criminoso?

Adriana F30

Não, no bairro não, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Ai, as pessoas que não conhecem esta realidade pensam isso, tu se ires para a cidade e falares no bairro de Parafernália eles devem achar que isto é um terramoto, só pode, é impossível, eles acham isto um bairro de criminosos, porquê não sei...por ser um bairro, por se ouvir bairro pronto, para eles isto, ui é...eu acho que para eles isto é um bairro que só moram aqui pessoas criminosas.

Joana F23

Não, não tem nada a ver. Só é criminoso quem quer, eu posso estar aqui consigo, eu ser criminosa

e você não e você só fica se quiser e se eu quiser, se eu tiver pronto, a traficar droga ou assim você só trafica se quiser, ninguém aqui escolhe por dedo bairro, bairro, às vezes sem ser bairro, casas assim casual de fora vendem droga e ninguém dá por ela mas vendem só que a imagem não transparece isso e normalmente como é um bairro social “ai os ciganos vendem droga, os ciganos vandalizam, os ciganos roubam” mas nem tudo o que é parece não é, só temos uma má imagem derivado a isso e às vezes muita da gente, das pessoas daqui do bairro não temos culpa de certas coisas e pagamos todos por um, isso acho mesmo erro...coisas tipo, dizem que os ciganos roubam, que os ciganos traficam droga, que os ciganos são maus, pronto, não é que alguns daqui que não façam isso, fazem, agora por uns não podemos pagar todos. Eu acho que isso não é compreensível, da nossa parte teriam que entender isso mas muitas pessoas da vossa etnia não entendem isso, pagam todos igual.

Eugénia F63

Não, eu acho que não.

Esperança F62

Sim, não obrigatoriamente não, já estou cá há quarenta e tal anos e nunca cometi nenhum crime, pelo contrário, sou humana nisso mas quem vem para aqui todo o nível de pessoas baixas é, drogados, alcoólicos, é tudo, ladrões, aqui está tudo porque as pessoas que estão de bem não vêm parar a um bairro social, eu estou aqui com a minha mãe porque somos mesmo de Angola, não temos mesmo aqui.

Asdrúbal M45

Não, não. Algumas pessoas pensam assim, algumas sim porque as pessoa pensam que nos bairros sociais só vivem pessoas de etnia cigana e não é assim, há pessoas de etnia cigana que têm até, uns têm moradias outros têm apartamentos próprios e eu acho que é devido a essa situação.

Os entrevistados não consideram que haja, obrigatoriamente, ligação entre viver num bairro social e ser criminoso, mas reforçam que quem não conhece a realidade pense que exista. Adriana afirma que:

- Ai, as pessoas que não conhecem esta realidade pensam isso, tu se ires para a cidade e falares no bairro de Parafernália eles devem achar que isto é um terramoto, só pode, é impossível, eles acham isto um bairro de criminosos.

E Joana defende a ideia de que “Só é criminoso quem quer”.

AV3.1) Sabe o que é estigma e preconceito? Já alguma vez se sentiu vítima de algum deles? Pode explicar como foi a situação e descrever o que sentiu?

Adriana F30

Sei, em certos sítios sim, olha, por exemplo nos cafés, a gente entra e eles olham assim um bocadinho de lado porque somos da etnia que somos e uma pessoa sente-se mal, não é! Em certos restaurantes também, tu vais-te para sentar (intervenção de Jorge “numa loja, uma simples loja o segurança já anda atrás da gente, a sério, o segurança já começa a vigiar, aqui e Vissaium, aqui em Vissaium é a terra do mesmo, do racismo! Aqui em Vissaium são racistas”) (continuação de Adriana) É, Vissaium é. (Continuação de Jorge “O Porto é mais natural, o Porto é muito liberal, gostam da gente, convivem com a gente, aqui não, aqui não há convívio nenhum e que culpa tenho eu de nascer cigano! Eu gosto de ser cigano e digo-te uma coisa, dou graças a Deus de nascer cigano, porque eu gosto de ser cigano! Então, é o que é!”) (continuação de Adriana) Sabes que há pessoas complicadas Francisca, (intervenção de Jorge “viemos ao mundo da mesma maneira!”) (Continuação de Adriana) Há pessoas que entendem que somos todos pessoas Francisca, há outras que não entendem, entendes? E sermos discriminados um bocado, por falta de conhecimento da realidade e se calhar por falta de humanismo, é o mais certo, mas pronto...enfim né. Eu há certos sítios aqui em Vissaium que prefiro nem entrar, prefiro estar quieta, olha, ainda há pouco tempo eu entrei num restaurante, aquilo não é restaurante, aquilo é uma pastelaria só que fazem lá comida, opá eu gostava de ir lá comer, eu gosto da comida de lá mas depois eu comecei a reparar que somos tratados diferentes dos outros, olha o atender deles não era normal, era aquele atender Francisca que tu vês...a despachar mesmo a pessoa, parece que ficavam, quando a gente entrava eles ficavam *enrriqueitos* (irrequietos) de ver tantos clientes lá a entrar e entrarem dois ciganos e sentarem-se na mesa e começarem com medo, ficam assustados com a nossa presença, naquele café que eu entrei ficam, chegou a um certo pouco de me darem carne toda torrada e eu ir pedir para trocar porque estava tudo torrado e ela disse-me que não havia mais e eu tive que entregar a comida, levantarmo-nos e irmos embora, acho que aí já te sentes um bocadinho discriminada não é Francisca? Não deu mesmo, foi uma coisa esquisita.

Joana F23

Estigma não mas preconceito sim, preconceito aqui no bairro não porque somos quase todos da mesma etnia. Não nunca senti isso, nunca tive assim um episódio desses.

Eugénia F63

Ao primeiro havia mais coisas assim, agora não, ao primeiro para darem entrada aos ciganos, não davam. Sim que a, porque a gente ao primeiro, como é que se há-de dizer, que não havia trabalhos, não havia nada porque não arranjavam nada porque tinham mais, sei lá, tinham desconfiados, tinham medo. Agora desde que houve trabalhos, cursos, coisas as pessoas já chamam toda a gente, os meus filhos foram sempre chamados à Câmara para trabalhar, para cursos, para tudo, eles foram sempre chamados para isso, para a Câmara de Vissaium e tudo. Não, nunca senti nada disso (preconceito), nunca me disseram nada. Aqui nunca senti nada.

Esperança F62

Pronto eu comento sempre que sou daqui e a reação é logo “o quê, senhora mora ali, não tem medo?” e eu disse “não, já estou lá há muitos anos e antes de estar ali, eu vim de Angola, que remédio tenho eu senão aguentar?”, “ai, eu nem que me pagassem, nem que fosse a pessoa mais pobre, lá é que eu não ficava” dizia ela. No meu serviço, quando eu fui trabalhar ali para a creche, todas têm vivendas, todas têm não sei quê e nas minhas costas comentavam *né*, “ó Esperança, essa roupa que tu trazes que marca é?” e eu dizia “olha é marca, é marca, sei lá eu que marca é” e ela “ai, estás sempre a condizer a roupa, tens tanta roupa” e disse “olha, não é roubada, muita é dada e eu modifico e quando não gosto também dou” e ela “à tens tantos casacos” e eu “olha os casacos, há casacos com mais de 20 anos, ainda alguns eu era nova” só que o casaco nunca se gasta e depois eu preciso dum vermelho tenho, de um azul tenho, pronto é assim, conclusão havia aquela coisa de eu ser aqui do bairro e tratavam-me por exemplo eu é que tinha de ir limpar o cocó, o lixo, eu era tratada com inferioridade por ser do bairro. Era, era sempre eu que era chamada, “à, trazes essas botas compraste aonde, nos teus vizinhos?” e eu “não, não comprei nos meus vizinhos, custaram 10€ e foi comprado ao pé do Fórum mas é uma loja que não é do Fórum que vende tudo a 10€”. E muita coisa nem levei para lá porque elas vestiam-se mesmo...depois por fim já toda a gente gostava da Esperança.

Asdrúbal M45

O estigma e o preconceito, sim há muitas pessoas que sim, que têm preconceito. Já me senti vítima de preconceito, foi um bocadinho difícil, já senti preconceito por ir ao entrar num café e dizerem que não podia entrar porque houve lá uma pessoas de etnia cigana que lá armou lá problemas e eu como era de etnia cigana não podia entrar, e eu chamei a polícia, veio a polícia e entrei, entrei, bebi um fino e fui-me embora. Olhares, muitas pessoas a mim, há pessoas que não me conhecem por cigano prontos mas quando me conhecem ficam um bocadinho assim, mesmo agora como mediador, eu tenho andado nas escolas e nas juntas de freguesia e quando falam do

cigano ou dizem que sou de etnia cigana ficam assim um bocadito espantados, é, é, é.

Muitos dos entrevistados foram estigmatizados, dizem ser olhados de maneira desconfiada, tratados com inferioridade ou não serem incluídos. Enumeram alguns espaços onde se sentiram discriminados, como em cafés, restaurantes, lojas e no local de trabalho.

Adriana diz que “por exemplo nos cafés, a gente entra e eles olham assim um bocadinho de lado porque somos da etnia que somos e uma pessoa sente-se mal, não é!”. Jorge, o marido de Adriana que teve vontade de intervir fala sobre o que lhes acontece nas lojas “numa loja, uma simples loja o segurança já anda atrás da gente, a sério, o segurança já começa a vigiar, aqui e Vissaium, aqui em Vissaium é a terra do mesmo, do racismo! Aqui em Vissaium são racistas”. Adriana remonta para uma situação que viveu quando foi a um restaurante:

- Eu entrei num restaurante, aquilo não é restaurante, aquilo é uma pastelaria só que fazem lá comida, *opá* eu gostava de ir lá comer, eu gosto da comida de lá mas depois eu comecei a reparar que somos tratados diferentes dos outros, olha o atender deles não era normal, era aquele atender Francisca que tu vês...a despachar mesmo a pessoa, parece que ficavam, quando a gente entrava eles ficavam *enrriqueitos* (irrequietos) de ver tantos clientes lá a entrar e entrarem dois ciganos e sentarem-se na mesa e começarem com medo, ficam assustados com a nossa presença, naquele café que eu entrei ficam, chegou a um certo pouco de me darem carne toda torrada e eu ir pedir para trocar porque estava tudo torrado e ela disse-me que não havia mais e eu tive que entregar a comida, levantarmo-nos e virmos embora, acho que aí já te sentes um bocadinho discriminada não é Francisca?

Esperança admite ter-se sentido estigmatizada no local de trabalho “conclusão havia aquela coisa de eu ser aqui do bairro e tratavam-me por exemplo eu é que tinha de ir limpar o cocó, o lixo, eu era tratada com inferioridade por ser do bairro.”

Adriana remata com a seguinte declaração:

- Há pessoas que entendem que somos todos pessoas Francisca, há outras que não entendem, entendes? E sermos discriminados um bocado, por falta de conhecimento da realidade e se calhar por falta de humanismo.

AV3.2) Acha que por causa do estigma e do preconceito a sua vida é mais complicada, em que sentido(s)?

Joana F23

Sim, às vezes isso, derivado...acho que sim, até pode ser que não mas eu penso que sim. Em que sentidos, porque às vezes podemos querer (eu não posso, não é) mas atualmente podia querer

trabalhar em certos sítios e muita da gente não dá emprego aos ciganos, “à, é cigano, não vai poder trabalhar que pode roubar”, há sempre esse preconceito. Há, aquele rapaz que por estar vestido de preto, pronto morreu há pouco tempo o pai, eles foi duas vezes expulso do café, era para ir jantar e não o deixaram comer por estar vestido de preto e ter as barbas, o senhor Joca. Foi duas vezes posto do café para fora, disseram mesmo, você não pode jantar aqui por causa do seu figurino, acha isso bem? Eu acho que fazia um barraco e partia tudo o que ali tinha, a sério que eu fazia. Sei que ele vinha a falar para o bairro que foi posto fora do café.

Eugénia F63

Sim, fizeram um baixo assinado, não queriam aqui ninguém deste *barrio*, cá. Fizeram baixo assinados, não queriam cá ninguém deste *barrio* e a Câmara, acho que *pa* vizinhança toda ali, e eles e as casas ainda *tavam-se* a fazer, ainda tava tudo em obras e acho que eles levaram à Câmara esses papéis do baixo assinado mas nunca foi aceite, eles tinham, a gente tinha que vir para aqui, que eram que a gente era gentes como as outras, como elas, a gente era pessoas como elas e tínhamos que ter casa como igual a elas, nunca foi aceite.

Esperança F62

Sim, sim. Isto em termos de emprego, é a tal coisa, as pessoas avaliam-nos pelo nosso aspeto e não por aquilo que às vezes somos sabes? Aqui é, se fores a qualquer lado e disseres que vives aqui é logo assim, és o resto, és o lixo e vives ali porque necessitas mesmo mas não sabem quais foram os nossos princípios de vida, donde é que eu vim, como é que eu fui criada, elas acabam por ter por exemplo vivendas, e por exemplo adicionaram no *facebook* e foram ver, já foram cuscar e diziam “à, tens lá uma casinha muito jeitosinha”.

Asdrúbal M45

Sim, no trabalho, não tenho acesso às mesmas oportunidades porque mesmo eu fui a várias entrevistas de emprego e por ser de etnia cigana não me chamaram, não me disseram bem isto mas perguntaram-me “o que é que você já fez antes?”, “à, era feirante.”, “você é de etnia cigana?”, “sou” e nunca mais me contactaram, nunca mais.

Os entrevistados salientam o facto de, por causa do estigma, terem dificuldade no acesso ao mercado de trabalho. Esperança afirma:

- Isto em termos de emprego, é a tal coisa, as pessoas avaliam-nos pelo nosso aspeto e não por aquilo que às vezes somos sabes? Aqui é, se fores a qualquer lado e disseres que vives aqui é logo assim, és o resto, és o lixo e vives ali porque necessitas mesmo mas não sabem quais foram os nossos princípios de vida, donde é que eu vim, como é que eu fui criada.

E Asdrúbal conta uma experiência pessoal em que foi excluído por ser cigano (“perguntaram-me ‘o que é que você já fez antes?’, ‘à, era feirante.’, ‘você é de etnia cigana?’, ‘sou’ e nunca mais me contactaram, nunca mais”).

AV3.2.1) Como é que contorna essas dificuldades?

Adriana F30

(Intervenção de Jorge “É ignorar tudo”) (continuação de Adriana) É ignorar (intervenção de Jorge “ é só ignorar e passar, se vais, se vamos apanhar tudo o que fazem-nos”) (continuação de Adriana) A gente fica sempre os culpados (intervenção de Jorge “ por isso é só ignorar e andar para a frente, é assim”) (Continuação de Adriana) Eu nunca mais fui ao restaurante! (intervenção de Jorge “ não é só o dono do restaurante, os próprios clientes, a gente chega e senta numa mesa e eles começam logo a olhar, criam mau ambiente, criam logo ali um mau ambiente!”) (continuação Adriana) E quando começam a apanhar os filhos porque têm receio de ver os nossos a brincar (intervenção Jorge “ e há pessoas a dizerem aos próprios filhos: (Ai vou chamar o cigano), como se fosse o bicho papão, é, nós já ouvimos muitas vezes essas conversas e já dissemos, você não diga isso, já dissemos muitas vezes, é, é assim eu funciona mas olha é pena...

Joana F23

Pronto, preconceito só sinto é por causa da minha doença porque de resto e esse preconceito pronto, de eu não conseguir andar e de às vezes ter certas, pronto, que as pessoas estão a olhar para mim e eu não consigo, pronto eu vou mais nisso e para mim basta porque eu não saio quase mesmo à rua, só mais á noite quando não há mesmo quase ninguém. Esse é o meu preconceito agora de resto, preconceito assim das pessoas não tenho, o meu medo é que estejam pessoas com preconceito do meu andar, como é que ela está a andar, como é que ela está a caminhar, olha como é que ela está, pronto, eu vou mais nisso.

Adriana e Jorge dizem que a melhor das opções tem sido ignorar (“ é só ignorar e passar, se vais, se vamos apanhar tudo o que fazem-nos...”) defendendo a ideia de que são sempre os culpados, independentemente da circunstância e por isso preferem nem reagir.

AV4- Educação escolar

AV4.4) Acha que o nível de educação interfere com o sucesso das relações familiares?

Adriana F30

Não, não tem nada a ver. É tudo igual, acho que em relação aos problemas de saúde (dos meus filhos) acho que ainda tenho mais cuidado eu do que certas pessoas com mais estudos, estou

sempre com cuidado de cima dos meus filhos, sempre, sempre é remédios a horas, a sério, é tudo ali, os medicamentos quando eles têm que tomar é tudo ali direitinho e sempre, mesmo as minhas, aqui na caixa, no Prédio Alto, mesmo a minha enfermeira diz que eu tenho sempre tudo direitinho dos meus filhos, sempre mesmo aqueles remédios que eles têm que tomar de três em três meses que é da bicharada para não apanharem, o das lombrigas, a minha casa toma toda completa, até eu toma só para eles, porquê, porque aquilo se transmite uns para os outros, até eu tomo por causa dos meus filhos, sempre aqui todos direitinhos. Isso não te, nada a ver. Os meus pais estudaram, olha a minha mãe tem pouco, tem a quarta classe, o meu pai não, já tem o nono. Quando era para fazer os trabalhos de casa eles conseguiam sempre ajudar-me, era mais o meu pai que a minha mãe era mais...mas o meu pai sempre, excelente nisso! E eu consigo ajudar os meus filhos, além de não precisarem mas se eles precisarem de alguma coisa a gente ajuda naquilo que eu sei mas tenho uma filha que nunca precisou até agora, a sério, boa cabeça mesmo, nunca precisou até agora, Não representa um impedimento, a minha filha desde que entrou nunca me chumbou um ano, este ano já vai para o sétimo, nunca tive problema com a escola, nunca tive nada, nada com os meus filhos!

Joana F23

Lá nisso eles são muito apoiados uns aos outros, isso, pelo menos a família do Jorge. Na minha também são, somos poucos, mas os que somos, somos unidos. Para uma coisa qualquer, socorremos uns aos outros mesmo para hospitais ou para todo o lado, nisso somos muito unidos. Quando precisava de ajuda com os trabalhos de casa ia a alguma colega lá perto de mim, o facto da minha mãe não andar na escola não me impediu de ter sucesso nessa área, fazia na mesma. Às vezes até copiávamos mas sempre nos ajudava-mos todas.

Eugénia F63

Eu acho que não, como é que há-de dizer. Não, que o meu marido teve sempre ao meu lado e sempre me ajudou que eu percebia dos negócios, percebia de tudo. Eu só apanhava os dinheiros e pronto, ele explicou-me o que era e o que não era, prontos, isso sabia, o, quanto me davam, quanto não me davam, sabia contar e essas coisas assim, o meu marido me ensinava.

Os meus filhos não me pediam ajuda para os trabalhos de casa porque sabiam que eu não sabia mas sempre tivemos pessoas ao pé da gente como temos agora aqui, tínhamos lá onde os meus filhos nasceram, ao pé de mim sempre tivemos lá uma assistente social e a assistente social sempre teve lá pessoas para ensinarem, eles vinham das escola e eles, eram ao meu lado, era mesmo! Era uma casa correnteza à ponte era essa escola. Era, é como o ATL hoje, eles vinham

da escola, vinham lá fazer os trabalhos. Ainda houve aí senhoras que conheceram os meus filhos pequeninhos, trabalham ali senhoras, ao pé delas, aqui e conheceram meus filhos e davam-se bem com meus filhos e diziam:

- Ai, estes miúdos foram criados ao pé de mim, foram bebezitos e depois começaram a crescer e depois comecei a dar aulas a eles.

Começaram a aprender e é assim, tiveram sempre pessoas *pa* ensinarem, nunca se sentiram sozinhos, sim, eles sabiam que a mãe não podia e iam sempre para lá, é como esta agora faz (neta), vem da escola com os trabalhos corre logo, vai logo corrida *prali*, Tá lá a professora Gina, não sei se você conhece?

Asdrúbal M45

Eu acho que sim, eu acho que uma pessoa que não for à escola eu acho que não tem a mesma educação que tem se for à escola, é diferente porque a escola aprendem muita coisa, de educação, de higiene e de tudo, aprende-se muita coisa na escola. Sim, porque eu acho que uma pessoa que não tenho estudos nenhuns eu acho que vai interferir um bocado, mesmo como mãe, como pai, ter um filho e ir para um lado, queres inscrever num sítio e não conseguir inscrever, acho que isso interfere.

Os entrevistados não acham que o nível de educação interfira com o sucesso das relações familiares.